

LÉON MARIE MARTIAL CHEVREUIL

O ESPIRITISMO NA IGREJA

Josué, filho de Nun diz: Senhor, detende-os
E Moisés responde: Estás com ciúme de mim?
Agradaria a Deus que todo o povo eleito (do Eterno) fosse profeta,
e que o Eterno (Jeová) pusesse seu espírito sobre eles.
Números, XI, 28, 29.

Tradução Original do Francês
Leon Marie Martial Chevreuil - Le Spiritisme dans l'Eglise

Paris
Éditions Jean Meter
1937

Tradutor: Abílio Ferreira Filho
www.autoresespiritassclassicos.com

2012

Tabela das Matérias

Prefácio da nova edição /	03
Introdução /	14
I – A hora turva /	18
II – No passado /	28
III – O novo espiritualismo /	38
IV – Os espíritos atuam sobre a matéria /	47
V – Pode-se comunicar com o além /	57
VI – O purgatório /	68
VII – Os malefícios da sugestão /	77
VIII – As assombrações /	88
IX – A mediunidade /	97
X – A reencarnação /	107
XI – O perispírito /	119
XII – Entre os teólogos /	131
XIII – Entre os espíritas /	144
XIV – Entre santos /	153
XV – Em torno dos mortos /	166
Conclusão /	175

Prefácio da nova edição

Oh Cristo, eu não sou daqueles que a oração
Nos teus templos mudos traz a passos trêmulos;
Eu não sou daqueles que vão ao teu calvário se batendo no peito,
beijando teus pés sangrando;
Eu permaneço sob os pórticos sagrados
Quando teu povo fiel em volta
das arcadas negras
Se curva murmurando sob o vento dos cânticos
Como ao sopro do norte um povo de juncos.
A. De Musset.

Sim! Eu fico incrédulo diante das belas lendas, mas eu creio sempre na palavra do Cristo, porque ela é eterna. Aí eu acredito porque ela é bela, o que já é uma razão suficiente, mas eu creio sobretudo porque ela satisfaz a justiça, o coração e a razão. Uma nova ciência se formou sobre os fatos independente de toda doutrina ensinada e que nos permite acreditar nisto.

Quando eu escrevi o Espiritismo na Igreja, eu não tinha outra intenção senão fazer ver uma verdade mal compreendida e apelar contra uma injusta condenação pronunciada pelos doutores da lei. Não se pode condenar o Espiritismo, nem em nome da ciência, nem em nome da Religião. Ele é inseparável da fé cristã, pois que vós sois obrigados a admitir a ressurreição do Cristo, com todas as suas conseqüências. A materialização é uma das provas que o Espiritismo invoca em favor da sobrevivência. Ou, também, crença que se professa sobre a natureza de Jesus-Cristo, ele é um homem que viveu sobre a terra; se ele se materializou momentaneamente é que a materialização não é um fato incompatível com a fisiologia de um homem, mesmo morto; pois, o Cristo jamais se afastou das leis que a natureza nos impõe.

E eu pretendo demonstrar que não se encontram, com freqüência fortemente exageradas no Anais religiosos, nas vidas dos santos, nos diários mais Ortodoxos da Igreja Romana.

A intervenção do Espírito, ou Espíritos, não é um fato sobrenatural, encontra-se por toda parte nos livros sagrados, no caso dos Pais da Igreja nos processos de canonização. É o que não quiseram admitir os críticos exigentes que falavam do meu primeiro livro. Eles denunciaram como uma série de absurdos espíritas, eu tivera, no entanto, a preocupação de não citar que os documentos foram extraídos de sua (deles) literatura clássica. Quando nós relembramos a vidência de José que se transformou por meio do seu copo, as visões simbólicas, as aparições da Bíblia, as curas milagrosas, as transportes, a ruptura dos laços, são absurdos espíritas?

Os Espíritas foram desprezados, insultados, ridicularizados, quando afirmavam a telepatia, a vista sem auxílio dos olhos, a ação à distância, nisso se crê hoje porque os aparelhos materiais tornaram tudo isso perceptível aos nossos sentidos, mas o que faziam os pretensos sábios positivistas enquanto debochavam dos Espíritas? Eles faziam a ciência ao contrário e envenenavam a opinião com aforismos hoje ridículos mas que ainda têm curso junto a certos tolos (basbaques). Lembramos “mais cérebro, mais pensamentos, nada existe de real que não se possa ver, ouvir, ou tocar; por razões por nós conhecidas, toda transmissão é impossível sem um condutor material”; a telepatia? “É preciso ser estúpido e ignorante para crer que o pensamento poderia atravessar as paredes! Não se encontrou a alma com o escalpelo (bisturi), e o pensamento simples secreção como a bÍlis e a urina.”

O que resta de todas essas asneiras? Nada, nada, absolutamente nada. E o que resta das afirmações dos Espíritas? Tudo, tudo, absolutamente tudo. Hoje, tudo pode caminhar (ser transmitido) sem fio, pode-se ver, pode-se ouvir à distância, o pensamento pode atravessar as paredes, atingir os aviões no céu e chegar aos navios no mar...Sem dúvida, os Espíritas não têm o mérito disso, mas isso prova ao menos que aquele que afirma uma coisa vista por ele, está mais seguro de si do que o sábio (cientista) que nega o movimento da mesa porque isso contradiz a lei de Newton.

Os Espíritas têm ainda o mérito de ter dado início à Metapsíquica, eles

terão que sustentar a Tradição, a Revelação; de as reduzir a proporções mais modestas, devolvendo-lhes um crédito que elas haviam perdido.

O Espiritismo pode ser religioso, mas ele deve se manter perfeitamente fora das religiões e das tradições, já que sua única razão de ser é substituir a fé cega pela certeza experimental que fizera a força dos Apóstolos. Nós nada podemos basear na tradição, aquela do Antigo Testamento é ímpia (não merece respeito religioso, ou é contrária à religião). Ela é de origem pagã, a partir de Abraão que a trouxe ao Egito o culto dos deuses da Ásia, isto é, a prática do sacrifício humano. É o Deus de Abraão que adota, Moisés, todos os primogênitos dos homens e dos animais deviam lhe pertencer.

Não vale a pena reler esses textos monstruosos de o Êxodo (Cap.XXXI, v.27, 28,29). Moisés ousou colocar essas palavras na boca de Deus, porque nesses tempos de barbárie, não havia outros deuses senão aqueles que tinham imaginado os homens. A menor manifestação de natureza psíquica supunha-se ser de fonte sobrenatural, a tal ponto que a Bíblia atribui toda manifestação visual, auditiva, etc., a uma presença real. “Eu vi Deus, exclamava Agar no deserto, enquanto que ela não percebeu que ouvia somente uma voz”.

Não foi um anjo que lutou contra Jacó, foi Deus em pessoa, e ele podia tornar-se visível. Lemos (Gênese, Art. XVII): O Senhor apareceu a Abraão, pois eis que três homens jovens pareciam estar junto dele, etc., e eram os anjos de Sodoma; mas por que eram três? Isso não embaraça de forma alguma a crítica religiosa. “Oh, é muito fácil, exclama um piedoso historiador, o cavaleiro Gougenot Mousseaux, para quem conhece as vias (os caminhos) de Deus nas suas relações com a humanidade.” Mas eu quero que um dos mais poderosos doutores da Igreja, eu quero que Santo Agostinho, de sua própria boca vos instrua. Os três personagens eram as três pessoas da Santíssima Trindade! Mas, essas três pessoas residiam em três anjos encarregados de representá-las.¹

1 (1) - Gougenot des Mousseaux, la Magie au XIX p. 181.

Do que se deve concluir (é necessário) que se trata de um belo caso de materialização espírita. A Santíssima Trindade materializada sob a forma de três anjos veio comer uma vitela diante da tenda de Abraão, à sombra de uma grande árvore!

E paremos aí, pois, na verdade, será escabroso seguir a Santíssima Trindade até Sodoma. Não é para ironizar que lembramos essas coisas. O que há de sério nesse último exemplo, é ver que, mesmo numa época de alta cultura filosófica, um príncipe da Igreja tenha podido divagar a esse ponto. Que confiança poderemos ter daqui em diante numa tradição, exageradamente deformada por tais comentaristas? Sem dúvida, Moisés foi homem do seu tempo! Líder de um povo chamado a uma grande missão, e nós não devemos julgá-lo com nossa mentalidade do século XX. Ele ocupa um grande lugar na História em que somos ainda sugestionados, quando se fala dele e não se vê mais do que a figura grandiosa consagrada pela lenda tradicional, imponente Miguel Ângelo não aparece sozinho. Mas desde que se pretende regular minha conduta atual de acordo com os mandamentos (preceitos) desse grande legislador, Oh! Então, o sangue me cega, o sangue desses milhares de touros de tão bom odor diante do Eterno me turva a vista e se eu tivesse em conta defender-me eu deveria também ter em conta os mandamentos e oferecer a Deus os primogênitos tanto dos homens quanto das feras (bestas). Moisés não tinha escrito: “Consagrai hoje vossas mãos ao Eterno, cada um de vós mesmos matando seu filho e seu irmão, a fim de que hoje atraírem sobre vós a bênção” (Êxodo, Cap. XXII, v.29). O pecado de Israel, segundo Moisés, não era por sacrificar sobre os altares, era por levar oferenda a deuses estrangeiros, não era por derramar o sangue, era por poupar a vítima.”Se um homem degola um cordeiro ou uma cabra sem fazer a oferenda ao Eterno, esse homem será retirado do meio de seu povo” (Levíticos, cap. XVII, v. 4, 9). Ou ainda: “Nada proibido, sacrifício proibido, dentre os homens, não se salvará, mas se fará que ele morra.

É claro que uma preocupação política podia somente sugerir severidades dessa natureza e que seria pois demais ímpio de aí acrescentar a cumplicidade de Deus. O método tiptológico empregado nessas consultas

a (de) falsos deuses não diferia (não era diferente) muito daquelas do tabernáculo, os altares eram numerosos em Israel, temia-se a concorrência e é por isso que Moisés lhes impunha suas maldições.

O Eterno lhes falava assim: “Quando teu irmão, filho de tua mãe, ou teu filho, ou tua filha ou tua mulher bem-amada, ou teu íntimo amigo que tu amas como tua alma, quiser te seduzir, dizendo em segredo: Vamos e sirvamos outros deuses...não tenhas nenhuma complacência por ele, não o escute de forma alguma; que teu ouvido não lhe dê atenção de forma nenhuma e não seja tocado por compaixão, mas tu não cometerás falta por fazê-lo morrer; tua mão será a primeira sobre ele para fazê-lo morrer e em seguida a mão de todo o povo, e tu lhe darás uma pancada na cabeça com uma pedra e ele morrerá.

Quando tu ouvires que numa das vilas que o Eterno teu Deus te dá para aí habitares, dir-se-á: ...vamos e sirvamos outros deuses...tu não deixarás de passar os habitantes dessa vila a fio da espada e destruirás, com tudo o que aí houver, fazendo passar mesmo os animais ao fio da espada, e queimarás completamente essa vila e todo seu espólio diante do Eterno teu Deus, a fim de que ela seja para sempre um monturo de ruínas e que não possa ser mais construída...”(Deuterônimo, cap. XIII).

Por outro lado, o Eterno é duro para aqueles que fazem passar seus filhos pelo fogo, desde que seja no seu altar. Eis como é expresso pela boca de Jeremias (Cap.VIII,v.30): Os filhos de Judá fizeram coisa que me é desagradável...e eles construíram lugares altos para queimar seus filhos e suas filhas no fogo, o que eu nunca ordenei “Admiramos esse eufemismo; sobre seu altar aquele é simplesmente desagradável e ainda é porque ele não tinha dado ordem para tal, porque em outras circunstâncias ele o ordenaria. Mas por que esse anátema contra aqueles que uma simples curiosidade levava a consultar o deus vizinho? Toma-se o cuidado de fazê-lo saber...” era de medo que levantam teus olhos em direção aos céus e que tendo visto o Sol, a Lua e as estrelas, todo o exército dos céus, tu não sejas obrigado a prostrar-se diante deles, etc. Podemos dizer às almas caridosas que temem para os Espíritas as maldições do

Deuterônimo, que esse perigo não existe mais em nossos dias. Não adoramos o sol e a lua.

Certas pessoas não querem conhecer nada fora do Céu e do Inferno, o que não vem dos anjos vem do demônio; ela exige que o que vem do além, seja divino e elas não admitem a vulgaridade das correspondências psíquicas. Elas ignoram o que Deus ordena pela boca dos profetas e permanecem fiéis aliadas desse Deus que tornou os homens ferozes, que inspira ao santo homem Elias a idéia de fazer degolar 450 profetas no leito torrentemente. Ninguém fez derramar mais sangue do que o Eterno; nenhuma outra religião inscreveu em suas leis a ordem de massacrar animais e gentes, mulheres, crianças e velhos, de modo que nenhum escape.

Era a lei da qual Moisés era o autor e que ele mesmo punha em prática, pois após a grande derrota dos Medianitas ele se fez fortemente colérico contra os capitães e milhares de chefes. “Não consentistes viver todas as mulheres? Matai então agora todos os machos dentre eles as criancinhas, e matai todas as mulheres.” (Números XXXI,v.15-17). Mas ele se permite esquecer o serviço ritual e obrigatório, após ter feito a contagem do espólio do inimigo Moisés faz a conta exata do que deve render a cada um, e o sacerdote (sacrificador) Eleazar recebe a parte que deve ser sacrificada ao Eterno, tanto pessoas quanto bois, asnos, ovelhas e todas as aves. Moisés e Eleazar, diz a Bíblia, fizeram como o Eterno ordenara.

Saul, por outro lado, através da maldição de Samuel quando, se felicitando de ter bem servido ao Eterno em seguida a uma grande vitória, o profeta vê balir algumas ovelhas. Tu não mataste tudo? E Samuel, inflexível, abandona o maldito.”

Não creio que seja útil retardar-se mais tempo ao exame dos textos que provam suficientemente que a religião de Moisés não era senão o prolongamento do culto do Deus da Ásia, que Abraão tinha introduzido no Egito. Ao lado dessas leis desumanas vemos uma quantidade de manifestações de Espíritos das quais os livros santos estão cheios e que é

impossível de não se aproximar de fatos hoje melhor conhecidos da metapsíquica; o que nos permite, de acordo com as interpretações que caracterizam cada época, de dividir o Espiritismo em três períodos:

Primeiro período: Bíblico

Segundo período: Crístico

Terceiro período: Científico

Nós retornamos definitivamente à idéia do Deus único, onipotente, absoluto, objetivando manifestações particulares em favor de um indivíduo ou de uma nação. Entre Deus e o homem existe todo um mundo, e após ter perdido toda confiança na Tradição, é na Revelação que vamos procurar a verdade. É com a revelação Crística que o Espiritismo entra no segundo período. Lá temos mais medo de consultar os espíritos. As possibilidades da natureza são sempre as mesmas, pode-se sempre propor hipóteses, mas o homem, independente do que ele faça, se acha sempre em face do milagre; milagre de nossa ignorância, milagre das religiões, milagre da ciência, tudo é mistério, mas sem pretender penetrar nos mistérios...a observação dos fatos nos ensinará sempre alguma coisa. Do fato que o grande rei Salomão, que tinha todos os favores do céu não resistia à tentação de consultar o deus dos Sidonitas, dos Moabitas ou dos Mamonitas, concluiu que entre seus oráculos e aqueles do Eterno, não havia diferenças sensíveis; desde a separação das dez tribos até a destruição do templo, a maldição dos profetas tinha se suavizado muito e a consulta aos espíritos se tornara uma prática corrente. E até a vinda do Cristo os anjos não cessaram de se manifestar. Mas não vemos mais esses exageros monstruosos. Os milagres não ultrapassam mais a avaliação do homem, eles se colocam ao nosso alcance, pois não é mais Deus que viola suas próprias leis, todas as correspondências entre o céu e a terra se fazem por intermédio dos espíritos, pois tudo é espírito, Deus é espírito, o Único; os demônios são espíritos, os anjos são espíritos; não há senão espírito do homem, quando ele se manifesta fora de seu corpo, que parece ele não querer conhecer, é no entanto este que nos é o mais acessível. É este que aparece o mais freqüentemente no Novo Evangelho, é que a grande revelação está próxima. É um anjo que anuncia a Zacarias o próximo

nascimento de João-Batista malgrado a idade avançada de Isabel (Elizabeth), mas o anjo o torna mudo porque o velho tinha duvidado da sua palavra. Eis aí uma verdadeira manifestação espírita e tudo o que veremos nos Evangelhos e nos atos dos Apóstolos são fatos históricos que se adaptam perfeitamente à toda fenomenologia Espírita. Não nos é dito que se o anjo que veio saudar Maria era visível ou invisível, mas em um ou outro caso, se isso não é lá uma manifestação Espírita, o Espiritismo seria uma palavra vazia de sentido; mas longe de ser uma palavra, é uma revelação que, sob esta forma, marcará a mais bela época do Espiritismo.

Por volta do século quatro (quarto século) ele começa a degenerar e deveria sofrer um eclipse, nós veremos por quê. Mas eis um fato único na História, nós estamos no século de Augusto, a Gália acaba de ser dominada, os herdeiros de César não pensam senão em se esfacular (dividir-se), é o fim da República, o velho mundo se desagrega, a Judéia, assim como todas as províncias sob o protetorado romano. É nesses tempos de decadência, numa época corrompida, sob o regime de Tibério, sendo Herodes ainda rei de Judá, que aparece um homem que, em alguns anos, vai mudar a face do mundo. Existe aí alguma coisa verdadeiramente sobre-humana, é o enviado de Deus. Ele é pobre, de família pobre, não há nada nele que o coloque acima dos Homens. Dele, Mateus não nos cita senão as curas ou as parábolas. É seu único meio de ação sobre os homens, incapazes de compreendê-lo quando ele fala de modo figurado; quando ele lhes diz: “Eu tenho que comer da carne que vós não conheceis”, seus discípulos dizem entre si: “O que é que ele quer dizer?” Eles não compreenderam que é o pão do Céu, eles crêem que é o maná que Moisés fez chover sobre eles no deserto. O que marca o povo é o dom de vidência que se chamava de profecia. “Eu vejo senhor que sois um profeta”, exclama a samaritana. É preciso relembrar as manifestações dos anjos que acompanharam seu nascimento, que conversaram com José, que falaram aos pastores, que criaram uma luz na noite, fizeram ouvir as vozes no espaço, revelaram as intenções de Herodes? Notemos ainda a voz que foi devolvida a Zacarias para entoar o cântico de ação de graças no momento do nascimento. Todas essas ações foram realizadas por Espíritos em um momento em que o Cristo não estava em idade para agir

por si mesmo. É preciso ser mesmo cego para não ver o fato espírita na base da revelação cristã.

Nada perguntamos à mística. O que reivindicamos para o Espiritismo são os fatos que nos permitiram crer nas narrativas dos Apóstolos, os fatos só operaram as conversões, foram eles que obrigaram as testemunhas a dizer:

“Este homem é mesmo o filho de Deus.” É por isso que o Espiritismo faz questão de constatar, não foi senão empiricamente, as aparições, as materializações, as vozes diretas, etc.

Cabe a nós observar, compreender e interpretar; e nós compreendemos já a descida do Espírito à matéria, é a humildade por completo que está compreendida no mistério da Encarnação; pois Deus, o Pai, não criou o filho no momento da concepção. Jesus-Cristo, como todo Espírito, existia no invisível, antes que ele se fizesse carne e, como para cumprir sua missão entre os homens, ele tomou o caminho dos homens, passou pelas exigências da lei comum, mesmo fisiologicamente, ele encarnou no seio de uma mulher, permaneceu aí pelos nove meses necessários à formação dos órgãos. Ele foi um homem como nós, depois retornou ao seu Pai e nosso Pai, nos ensinando o caminho que devíamos seguir. E depois, ressurgiu, se materializou dentro das condições que a experimentação espírita tem demonstrado serem possíveis.

Ignora-se, geralmente, a duração dessas manifestações. O Cristo permaneceu com os Apóstolos durante quarenta dias. Ele apareceu em uma única vez a mais de quinhentas pessoas, das quais várias ainda viviam no tempo de São Paulo (Cap. XV, v.6).

Em suma, desde João Batista até aos Pais da Igreja, passando pelos Apóstolos, encontramos por toda parte a manifestação espírita em toda a sua pureza. O novo espiritualismo, chamado hoje a operar uma revolução nos espíritos, é de natureza idêntica às manifestações que acompanharam a era cristã desde sua origem.

O testemunho de São Paulo é irrecusável, nos capítulos 13 e 14, ele reconhece todos os fenômenos: “Aquele que profetiza é preferível àquele que fala as línguas estrangeiras...que não haja senão dois ou três que falam e os outros que julgam...todos vós podeis profetizar, um após outro!”, etc., etc...os Pais da Igreja não são menos capazes. Eles evocam os mortos sobre seus túmulos, obtêm manifestações em suas câmaras fechadas. Tertuliano escreve: “Temos entre nós uma irmã que recebe revelações.” São João Crisóstomo se rejubila com as conversações que os monges de seu tempo entretinham com os Apóstolos e com os Santos.

Essa prática da mediunidade nas primeiras assembleias cristãs, o dom profético...essa clarividência manifestada pela escrita ou pela palavra causava admiração de todas as Igrejas do Oriente. Após a ressurreição, é o reinado do Espírito que começa, não é mais Deus quem ameaça, são as mensagens dos homens, não mais por milagres, mas pela palavra, pois são vozes diretas que dão instruções a Filipe, a “Anasias”, que ordenam a Cornélio dirigir-se à casa de Simão e que avisam a São Pedro: “Aqui se encontram três homens que te procuram”.

Passando pela história dos santos, mártires e dos anacoretas, poderíamos citar fatos espíritas até o Concílio de Nicéia, mas é preciso parar por aí, pois a pobre natureza humana sempre tende a exagerar os fatos e a história do Espiritismo via sofrer um eclipse. A exaltação mística não podia mais se contentar com o Espiritismo de boa qualidade, forçado a recorrer a manifestações de Espíritos mais ou menos elevados; um chamado “Montan” se imaginou estar em relação direta com o Espírito-Santo, isso era muito sedutor, ele teve muitos discípulos. Mas, os erros e as banalidades que se evidenciavam naturalmente, vindos de Espíritos que não ultrapassavam a avaliação do homem não podiam mais se sustentar diante da razão do momento, que era Deus em pessoa que ditava a comunicação. E depois, enquanto que o Espiritismo Crístico repousava unicamente sobre o fato da ressurreição que os Apóstolos se contentavam em anunciar ao mundo – (se o Cristo não ressuscitou, nossa pregação é vã, Paulo, cap. XV) – a doutrina de Montan tornava-se um culto. A Igreja apressou-se em condená-la, mas assim como a maldição dos profetas não

impediu a consulta aos oráculos em Israel, a proibição da Igreja também não impediu a nova prática dos Montanistas.

Somente o mal era feito. A Igreja, que havia sempre praticado a evocação dos mortos, que aprovava o costume de ir orar à noite sobre os túmulos, admite somente os milagres dos quais ela se reserva o monopólio; o que não vinha de Deus, vinha do diabo, desde então o Espiritismo teve que se esconder, ele conheceu a perseguição, teve seus santos e seus mártires, quantas santas foram confinadas em seus conventos, por causa de sua mediunidade, que as fazia passar por possuídas. Entre os santos, podemos citar Francisco de Assis, Catarina de Siena, Maria de Agreda, Teresa d'Ávila e, entre os mártires nossa Santa Joana d'Arc. É a partir do terceiro ou quarto século que começou a evolução que devia pouco a pouco nos trazer ao terceiro período, aquele da Metapsíquica que, seja o que for que se pense, nasceu do Espiritismo, que não disse sua última palavra. Isso será a glória de Allan Kardec, de ter tido a coragem, como outrora os Apóstolos, de anunciar ao mundo a nova revelação, bem que sentiu que a hora não tinha ainda chegado, mas via o futuro e afirmava a seus discípulos: "O Espiritismo será científico ou não será!"

Março de 1937.

Introdução

Um dos fenômenos mais curiosos de nossa época é, seguramente, a marcha da Ciência em direção a novas concepções que pareciam dever derrubar o materialismo; obras recentemente publicadas, tais como o *Tratado de Metapsíquica* de M. Richet, os três livros de Flammarion sobre a morte, outras publicações pelo mundo todo, sob a assinatura de autoridades as mais conhecidas e as mais respeitadas, nos provam que estamos à véspera de descobrir um novo mundo, o único real, o mundo invisível.

A conclusão que se impõe é que a matéria não é mais nada; o universo é um dinamismo regido pela idéia, a alma é uma substância imponderável associada a um corpo transcendente. Essas verdades não são fáceis de se admitir, por muito tempo ainda elas serão combatidas; mas é incrível que aqueles que crêem na existência da alma temem vê-las entrar no domínio da ciência, e nós queremos prevenir os teólogos sobre o falso caminho no qual eles se acham.

O presente livro não fará senão confirmar o que muitos católicos já pensam em seu foro interior, que os milagres atribuídos aos santos são suscetíveis de explicações racionais e que eles jamais derogam as leis da natureza. Quando nossos conhecimentos eram menos avançados, os homens acreditavam no milagre todas as vezes que as forças psíquicas se lhes manifestavam, produzindo efeitos que eles não podiam compreender, e a Igreja compartilhou desse erro que não tinha, então nenhum inconveniente, pois que ela não fazia senão edificar os fiéis. Este erro não se mantém mais, hoje em dia, é preciso repor a verdade em um novo quadro.

Os adversários do Espiritismo gostariam de fazê-lo passar por uma religião. Basta-lhes responder que as religiões sempre foram dogmáticas, o que jamais será o Espiritismo, que é uma ciência em formação, que não possui culto, que nada tem de imutável, mas que pretende somente

encontrar, na observação dos fatos, a justificação de um ideal religioso do qual os homens jamais puderam se permitir.

Por isso, existe uma interpretação racional do milagre e nós vamos procurar em um novo conhecimento que está em vias de revolucionar o mundo científico (do conhecimento, da erudição) no estudo da Metapsíquica.

Houve em todos os tempos, e em todos os meios, homens dotados de poderes estranhos e fenômenos que, relatados por todos os historiadores, constituem a história do maravilhoso.

Eu me fixaria em demonstrar que esses fatos sempre tiveram presente o mesmo caráter e o que se produz hoje em dia se parece com os que se produzia outrora.

Observemos a vida dos santos, desde os mais modernos, remontando aos mais antigos; reconstituiremos, em sua plenitude, aquela bela corrente mística em que se encaixam todas as perdas da mediunidade. Podemos remontar mais alto, através dos Pais da Igreja, através dos eremitas do Egito, serão sempre os mesmos fenômenos de voz, aparições à distância, de leitura do pensamento, de vidência, de escrita direta, de mediunidade falante e auditiva, que se encontram melhor observados, mas não melhor explicados, nas obras dos nossos psicólogos Ch. Richet, Lombroso, Morselli, De Rochas, Dr. Gelay, Dr. Osty, Magnin, etc.

O mesmo no caso dos pagãos, nos oráculos, etc. A Igreja primitiva não fez senão cristianizar os milagres pagãos, depois, a doutrina platônica e a doutrina cristã, por volta da metade do século III, acabaram por se fundir em um único grande rio que vitalizou a nova era.

Retornemos à fonte primitiva do Cristianismo, e veremos que São Paulo, no capítulo XIV da primeira epístola aos Coríntios, enumera diferentes tipos de mediunidade, entendendo-se sua imperfeição. Os fenômenos espíritas preenchem a vida do Cristo e dos apóstolos, mas os milagres de

Jesus eram atribuídos a Belzebu, e o mestre nos preveniu de que seus discípulos não seriam melhor tratados que ele mesmo. Jamais uma profecia foi melhor confirmada.

Os fatos espíritas são uma dessas manifestações tangíveis que não diferem em nada dos fatos, sejam místicos, sejam históricos, que se encontram em todas as épocas, e dos quais somente mudou a interpretação. Lá, onde os povos na infância viam um fato divino, vemos hoje um fato humano, isto é, a ação psíquica de uma força por muito tempo ignorada, mas que estabelece uma relação entre o espírito e a matéria; essa força pode ser manejada por agentes ocultos mas inteligentes. A impotência mesmo que temos de repetir à vontade, certos fenômenos tenderia a provar a independência da causa atuante.

Creemos nos fenômenos confirmados por um número de testemunhas respeitáveis e por nós mesmos; temos visto o bastante para concordar com a possibilidade do milagre, mas somente aquilo que não seja incompatível com as leis da natureza, justificado com razão suficiente.

Um materialismo estúpido acaba de nos afirmar que só existem leis físicas no mundo, e que uma ação da alma seria um fato sobrenatural. O fato espírita acaba de se interpor nessa afirmação. Apoiamo-nos, por isso, em nova ciência que demonstra que existem forças psíquicas, que todo homem possui, e que a ação dos Espíritos sobre a matéria não é, como eles pretendem, um milagre.

Ninguém pode entrar em comunicação com o que há de superior no além, senão pela energia de seu trabalho e a pureza de suas intenções na pesquisa. É por si mesmo, por seus próprios esforços, que é preciso tentar essa difícil ascensão. Vale a pena se atingirmos o pé da escada onde, longe dos cumes simbólicos entrevistos por Jacó, se imagina estarem os mensageiros divinos que residem nas alturas inacessíveis aos habitantes da matéria.

Não esperemos então que se produzam, diante de nós, esses fatos

excepcionais, dos quais a causa nos escapa, e os quais não nos foram transmitidos pela narrativa, ou o testemunho, precisamente, porque eles eram excepcionais. Por outro lado, não acreditemos que um fato vos abriria os olhos à verdade; os milagres dos santos, sempre foram atribuídos ao demônio pelas testemunhas imediatas, a tal ponto que não são os seus milagres que demonstraram sua santidade, mas é a sua santidade que fez aceitar o milagre.

Os fenômenos relatados na história dos santos revelam faculdades psíquicas hoje conhecidas; aqueles que se produziram após sua morte são manifestações de espíritos, são fenômenos espíritas, e não devidos à ação pessoal de um Deus que teria suspenso temporariamente, o efeito dessas próprias leis, como alguns teólogos gostariam de nos fazer crer.

A questão de saber se é Deus ou o diabo que levanta um objeto sem contato não é de nossa competência. Contentamo-nos em conhecer o processo fisiológico e psíquico da manifestação, chegaremos assim a provar a possibilidade de alguns fatos os quais a Igreja reivindica para si. Para nós será suficiente extrair da história dos santos tudo o que se reporta à manifestação dos espíritos, para que o Espiritismo apareça. O que existe mais ou menos de autenticidade não tem nenhuma importância; é suficiente que a Igreja os tenha admitido sem protestar para que toda consciência fique tranqüila.

L.G.

I

A hora turva

A Igreja católica, força organizada, monumento erigido há séculos, era um centro de reunião indicado para aqueles que, sentindo a necessidade de uma regeneração moral, aspiravam a uma melhor direção, para a hora turva em que se encontravam.

O sentimento religioso, que jamais esteve perfeitamente morto no coração do homem, teria podido se aquecer nessa chama, se a humanidade tivesse achado os elementos de vida e de verdade que cada consciência tem o direito de exigir, e sem os quais ninguém está livre de se consagrar.

Ter-se-ia podido, ao sair do cataclisma mundial, reunir todos os pensadores em torno desse ensinamento evangélico que, em todos os tempos e em todos os meios, recebeu a aprovação dos homens de boa vontade: pois, não há materialismo, nem livre pensador, que não o louve, pelo menos, o espírito ou a grandeza.

O momento parecia favorável para atrair as massas, bastava, por isso, entreabrir as portas do edifício, mas o gesto esperado não se produziu; nenhum apelo se fez ouvir, nenhuma autoridade moral se interpôs entre nossas consciências afobadas e os carrascos da humanidade. Hoje as novas gerações preferem dormir sobre suas ruínas em vez de procurar uma segurança relativa no velho abrigo do passado. No entanto, a religião, organismo vivo, deve ser imortal (imperecível); como a alma, ela deve sobreviver à morte do corpo no qual ela se encarna. As formas particulares da religião não são senão os corpos organizados de suas vidas sucessivas; quando o espírito aí não está o corpo morre. Não há organismo que sobreviva à mordida do tempo.

O corpo atual do Cristianismo recebeu graves feridas quando sob o manto do Espírito-Santo, se lançou anátema a uma verdade astronômica que

devia vencer o dogma; e se tornou anêmico ao tornar-se exclusivamente Romano; a doutrina sendo universal, um corpo romano não podia conter a alma de Jesus-Cristo, enfim a Igreja recebeu um golpe mortal no dia em que um homem, parodiando a palavra de Luís XIV, atreveu-se dizer: A tradição sou eu! Um único homem não é a Igreja, essa palavra significa assembléia, ela designa a alma coletiva da religião.

É mesmo extraordinário que não se tenha compreendido que a letra mata, que um corpo não pode viver sem movimento e que precisava, para assegurar a circulação do sangue, tornar flexíveis os dogmas. A religião não tem nenhuma necessidade de se fechar nas definições estreitas, a ciência sempre se colocará ao lado dela para esclarecê-la, não é o dogma que esclarece a ciência, cabe à ciência confirmar a fé, pois vós deveis ter por certo que a ciência jamais virá contradizer o que Jesus quis ensinar.

É, portanto, espantoso, que a Igreja, ou aqueles que a dirigem, não tenham compreendido que o movimento espírita traz consigo um elemento de vida junto de tantas consciências mortas. Aquelles que combatem esse movimento apresentam o Espiritismo como uma religião, mas ele é sobretudo uma ciência, e é uma força de renovação que o fato espírita traz, vindo explicar o milagre e revitalizar aqueles da Igreja primitiva que centralizavam o tanto perdido do seu antigo crédito.

O Espiritismo é o conjunto da doutrina (teoria, fatos e conseqüências) que admite a sobrevivência da alma, ou parte espiritual do homem, sua evolução através do tempo e do espaço e a possibilidade que as almas de defuntos (os espíritos) têm de se comunicar com os vivos. Esta definição é a do professor Morselli, chefe convicto da escola positivista e materialista. Procurar-se-ia em vão nesta definição alguma coisa que a Igreja pudesse ser repreensível.

Parece, no entanto, que os representantes do clero se esforçam para apresentar o Espiritismo como uma religião, a fim de lhe lançar o anátema. Mas, na realidade, o Espiritismo é uma ciência que fará seu caminho no domínio do invisível como a física está fazendo o seu no

mundo das forças imponderáveis. Vede outra vez a definição acima e vereis que a questão, assim colocada, não se afasta da ciência experimental.

Que as potências religiosas tenham cuidado, a Igreja não vive de anátemas, nisso ela morre. Constatamos, diariamente. Escutai, eu vos imploro, esse grito de aflição de um ardente católico que permaneceu fiel ao jugo de Roma: “Houve, no pessoal de faculdades de teologia, sábios sinceros e fiéis ao método; mas, a guerra que se lhes fizera, ora surda ora aberta, cansa as vocações; eles desaparecerão. Os padres que estudarão nos (próximos) vinte anos serão entomologistas ou matemáticos, eles farão não importa o quê, tudo, exceto a Ciência religiosa. Eu conheci um que pesquisava o movimento perpétuo, e não era um idiota, ele se perdia nisso.”

Com efeito, temos testemunhas; se missionários podem ainda pregar na China ou no Japão, aos povos infantis da África central, não lhes é possível mais trazer a boa palavra aos parisienses. Se eu vos expusesse todas as severidades contidas na *Encíclica contra o Modernismo*, vós custaríeis a me acreditar. Mas, lembrai-vos do lamentável fracasso de todos os homens de talento, bastante fortes para se fazer escutar em todos os meios e que tinham por empresa dirigir-se ao povo; todos esses nobres esforços foram quebrados pela intransigência romana. Acadêmicos, se impunha silêncio às eminências verdes; padres eleitos deputados..., se lhes ameaçava de interdição; tribunos influentes..., eles deviam licenciar seus grupos eleitos sem a bandeira da Religião; padres e jornalistas..., *A Justiça Social*, *A vida católica* foram suprimidas por ordem; não eram outros a quem se proibia de escrever; historiadores..., eram colocados no Index, professores do Instituto Católico..., eram excomungados. Religio depopulata!!!

Almas piedosas que gemem sobre as desgraças dos tempos, chorai sobre vós mesmos, pois vós teríeis podido trabalhar na vossa regeneração moral e o fizestes porque vós tremeis diante dos anátemas; em vós a servil obediência substituiu a fé, vós não conhecíeis mais do que o

constrangimento e não pedistes socorro a nossa santa Joana d'Arc. Aquela ignorava a casuística, ela não sabia ler, e ela foi alguma coisa a mais do que a libertadora da França, ela foi a libertadora de nossas consciências; ela tinha com ela, na sua forma mais ortodoxa, a formidável potência de todas as coligações eclesiásticas e sua fé jamais dobrada.

Não deixemos dobrar um ideal que a consciência ilumina; e se nenhuma autoridade não pode mais representar seu papel na regeneração esperada, invoquemos uma potência, experimentemos criar o que eu chamaria de fé experimental.

É agora a Ciência que aprofunda os mistérios; aquela que temeria suas investigações não teria a fé.

O Espiritismo esclarece alguns dos problemas que dizem respeito à religião, não se teria razão de não reconhecê-lo. A Igreja dogmatiza e nos ordena a acreditar; o Espiritismo demonstra e nos oferece os meios de crer. A Igreja ensina a sobrevivência, o Espiritismo a prova. É preciso receber como uma revelação a entrada na ciência dessa verdade primordial da fé cristã.

Eu sei que nem todo mundo vê com bons olhos, os esforços tentados para dar às verdades religiosas, uma base racional; certas pessoas temem sempre que se atinja a sua religião, cuida-se nelas esse temor quimérico que o Espiritismo venha criar um novo culto. Elas não compreendem o lado científico, elas temem o que é natural, o que lhes é incompreensível; como se o que se torna compreensível deixava de ser divino, ou como se houvesse, na natureza, alguma coisa fora de Deus, violando suas leis.

A Igreja reivindica para si o milagre, mas o Espiritismo o torna plausível, mostrando que as lendas mais desmesuradamente grosseiras tinham, na origem, por base fatos reais. Teoricamente eles não eram impossíveis.

Nos dirão, ainda, que o Espiritismo carece de prestígio, mas esse gênero de pesquisa experimental nos traz, em tempo útil, não uma nova fé, mas

uma nova maneira de adquirir a fé. Aos que censuram nas experiências sua aparência fútil, ou mesmo ridícula, nós podemos responder que, para um observador, não há fatos ridículos. As coxas de rã e a marmitta de Papin foram objetos ridículos, elas carecem de prestígio, elas continham em germe as aplicações da ciência moderna, que são grandiosas. O Espiritismo traz em si alguma coisa maior ainda, a prova da alma, de sua independência e de sua sobrevivência.

O tempo não é mais aquele em que a Igreja podia reivindicar a ciência unicamente para si. A ciência se tornou tremendamente vasta para constituir um monopólio, e não se nos contestará o direito de divulgar, ao lado da ciência materialista, uma ciência capaz de tornar-se um coadjuvante da fé.

Os teólogos jamais puderam nos dizer sob que forma será possível um vida espiritual, caberá ao espiritismo esclarecer o mistério da biologia e da fisiologia dos corpos invisíveis que, se revelam nos corpos vivos, nos asseguram as possibilidades que se oferecerão à alma quando ela sair de seu corpo.

Não há fé possível sem a crença no futuro, sem esperança de sobrevivida. É preciso provar a sobrevivida, está tudo aí; se ela der esse novo passo, a ciência terá salvo a religião.

A fé sempre teve por base os fatos. A fé dos hebreus repousava sobre a clarividência de seus profetas, a fé dos primeiros cristãos repousava sobre os fatos do evangelho e sobre os fatos contidos nos atos dos apóstolos que tinham, eles mesmos, recebido a prova experimental. Maria de Magdala viu a primeira materialização de Jesus. Materialização incompleta, o *noli me tangere* nos revela a fragilidade desta formação, ainda inconsistente, também os discípulos se recusaram de crer nisso e a atribuíram a um devaneio. Mas, mesmo à noite, dois discípulos viram Jesus; ele se desmaterializou diante deles; mas eles não creram. É então que ele apareceu aos onze que não o reconheceram mais, mas que se dizem, uns aos outros: É somente um espírito. Mas Jesus, para lhes provar que havia

outra coisa que espírito, lhes pediu de comer e ele alimentou-se.

Tomé fez uma experiência muito mais concludente, pois que colocou seu dedo nas feridas e assim ele tocou as provas de identidade. Enfim, o fenômeno adquire uma tal intensidade que se reproduziu um grande número de vezes.

Como eles deviam ser fortes, essas testemunhas da Igreja primitiva, da qual a fé era baseada em experiências tão recentes. Esses fatos podem ter sido miraculosos por sua intensidade, atribuímos ao fenômeno toda origem que vos agrada lhes atribuir, mas não cremos que isso se afasta das leis naturais. Não acreditamos cometer uma impiedade ao afirmar que Deus não se manifeste jamais foras das possibilidades da natureza. A natureza, simples emanção da Vontade divina, oferece toda possibilidade à ação divina. Jesus não violou as leis da natureza para descer entre nós; ele tomou emprestado as vias que a condição terrestre impõe aos filhos dos homens, ele se encarnou no seio de uma mulher, sofreu as condições do tempo e do espaço, e acreditamos também que sua ressurreição seguiu um processo natural que não está em oposição às leis. Nós que conhecemos o corpo psíquico, nós que, como São Tomé, vimos e tocamos a carne da qual ele é capaz de se revestir sob nossos olhos, cremos que entre fenômenos de mesma natureza somente existe uma diferença de intensidade.

Digamos então com Myers, o grande espiritualista da *Sociedade para as Pesquisas Psíquicas*: “Agora o milagre tornou-se compreensível. A afirmação central do cristianismo recebe assim uma confirmação. Se nossos próprios amigos, homens como nós outros podem às vezes nos falar de amor e de esperança, um espírito poderoso pode ter muito bem se servir diretamente das leis eternas com maior força.”

Os primeiros cristãos não tinham certamente nenhum escrúpulo concernente à comunicação com espíritos; na prática, ela acontecia constantemente, sem que seja fácil estabelecer por qual meio se podia fazer essa comunicação. São João Crisóstomo se gabava assim das

vantagens: “O monge, escrevia ele, é bem mais feliz que um príncipe, o monge tem um comércio contínuo com os profetas e os apóstolos, ao passo que os príncipes não têm, por companhia, senão cortesãs e soldados.”

Bem! Nós também temos o direito de continuar essa tradição e entreter um comércio semelhante com aqueles que ainda estão perto de nós, no além. A Igreja, cujos arquivos estão cheios de documentos análogos, dos quais os processos de canonização atestam tantas manifestações semelhantes àquelas que os espíritas recolhem à cabeceira dos moribundos, deve aceitar uns e outros como se confirmando mutuamente. Se me disserem que esses fatos, julgados miraculosos, são exclusivos da santidade, eu responderia que ninguém pode dizer que é santo; que a Igreja não emite um julgamento ao fim de longos anos e que jamais pode impedir que os historiadores piedosos nos relatassem manifestações muito interessantes de almas no purgatório cuja santidade era bem improvável.

Até aqui, por isso, o acordo está perfeito. A dissidência começa com os teólogos que disseminam a confusão por toda parte; estes querem que a natureza ofereça um campo comum de atividades a todas as manifestações; é o que exige a lógica e é o que confirma a experiência; somente que eles querem que o campo comum sirva alternadamente a Deus e ao diabo

Sem ter a honra de conhecer este personagem fantástico que, sobre esse terreno comum parece ter mais poder do que Deus, nós faremos observar que essa distinção é inútil. A causa imediata do fenômeno devendo ser atribuída a uma ação orgânica dos falecidos, o milagre não tem Deus por agente imediato, mas os Santos se manifestam como podem e como a lei lhes permite. Se o demônio fazia milagres, ele seria bem parvo; mas ele é tão esperto que eu seria bastante tentado a crer que ele compreendeu aonde os teólogos nos conduzem e que ele lhes presta sua assistência.

Crendo possuir a verdade, os teólogos não a procuram mais. O que eles procuram é saber como um fato deverá se acomodar a uma verdade que

eles detêm por favor divino.

Quando eles têm constatado um fato que mal se adapte a essa verdade imutável, eles têm uma conclusão certa: se o fato se eleva contra a doutrina, é obra do diabo; assim não há nenhum desmentido a temer. Se não é jamais a doutrina que está em erro, é sempre o fenômeno que é falacioso; será então um prestígio do demônio.

Aí está a base de toda distinção para a mística que pretende classificar os fatos, fazendo a parte de Deus e a parte do diabo. Demonstraremos que não existe aí senão uma ingenuidade, uma falsa conceituação da natureza, e que o mal-entendido é fácil de dissipar.

Uma dificuldade mais séria se encontra no fato que se introduziu na doutrina das definições da qual se podia muito bem se passar, que foram introduzidas no dogma, apesar de que não pertencessem à tradição, que elas não tivessem nenhuma relação com a fé, mas elas foram aí introduzidas com o objetivo de reforçar o poder temporal, numa época em que as autoridades não acreditavam poder seguir outra política senão aquela da dominação de consciências.

Após ter-se apoiado sobre a revelação para negar a mecânica celeste, após ter invocado sua missão de fiel guardião para condenar Roger Bacon, Newton, Joana d'Arc, etc..., a Igreja hoje lança anátema sobre os espíritas de elite que são os melhores representantes de pensamento cristão; uma vez mais será a Ciência que salvará o pouco de fé que nos resta e que o clericalismo colocou em tão grande perigo.

Não é senão no livre esforço que nós podemos evoluir, é livremente que nós devemos penetrar as verdades eternas. A Verdade não pertence nem a uma época, nem a uma nação, nem a um partido, nem a uma seita religiosa, ela está à disposição de que souber conquistá-la. A Ciência caminha em direção a ela tanto quanto a Mística, pois ela está na lei que precisamos assimilar e à qual nem um *iota* será trocado no curso dos séculos, a lei de um Deus eterno fortemente imutável.

Na antiguidade, somente uma elite representava ao mesmo tempo a ciência e a religião, e devia manter o duplo poder entre suas mãos porque os povos incultos eram incapazes de compreender, e era com razão que a ciência era mantida secreta. As verdades religiosas, transmitidas ou reveladas, constituíam mistérios que, para o uso do povo, se representavam sob símbolos materiais, era o véu do templo. Um outro símbolo era o fogo sagrado, figurando mesmo a essência dessas verdades espirituais cujas vestais deviam entreter a chama pronta a se apagar, e os padres sabiam bem que era preciso esperar um dia ou outro para não mais cuidar das cinzas.

É preciso constatá-lo hoje; uma piedosa vestal, numa idade avançada, não quis que ninguém pudesse dominar a tocha que lhe caía das mãos; a chama se apagou e a vestal laica quis sucedê-la. Mas, faltando-lhe a fé, ela creu que tudo estava terminado, ela não se contentou em dispersar a velha lenha, ela se utilizou desta para queimar o altar.

Eis a verdade profunda que escondia o símbolo do fogo sagrado que nos transmitiu a antiguidade e da qual Vesta, deusa protetora da chama espiritual, devia assegurar a duração. O altar com o fogo era a religião com o espírito que a vivifica. A madeira simbolizava somente a forma que cada religião adapta à alma e à mentalidade dos povos para sustentar um ideal que será sempre o mesmo.

Não se ressuscita as coisas mortas; a um ensinamento ultrapassado é preciso uma adaptação nova, é preciso a pedra nova para levantar as ruínas, para reacender o fogo, é preciso madeira nova.

Cabe a nova ciência corrigir os erros de um materialismo que se extravai da pesquisa do problema que ele não esclarecerá sem aquela. É o mundo espiritual que o mundo normal, original, pré-existente à toda forma orgânica e é do estudo do espiritismo que nós tiramos esta afirmação que confunde os céticos e que, somente, será capaz de conduzir as populações ao sentimento do dever e da moral prática.

O destino dos povos como o dos indivíduos está ligado a uma melhor compreensão das leis. Atualmente, a matéria nos esconde os longínquos da vida, se o nada era o fim, a humanidade não teria o futuro, seria o culto do *eu* que seria a única religião; não haveria nada de bem nada de mal, só haveria de verdadeiro o ego, o gozo da hora presente, que seria, para cada indivíduo, o começo e o fim de tudo.

Mas se, conhecendo as leis, nós encontramos os traços de nosso passado e de nossas evoluções nas existências anteriores, se um clarão no céu nos deixa ver as estrelas, é preciso aproveitar isso para levantar o ponto e continuar nossa marcha em direção ao futuro; é a isto que poderá o espiritismo conduzir.

II

No passado

A Bíblia está repleta de fatos de caráter espírita; é incontestável que a levitação de objetos, conhecida na antiguidade, foi explorada nos templos, notadamente nos de Tebas, pelos sacerdotes egípcios que, como Moisés, estavam em conversação constante com a divindade.

O Egito foi o berço de Moisés; seu povo, ao deixar o Delta estava completamente egípcianizado. Concebe-se que após uma permanência de quatrocentos anos os descendentes de José falavam a língua e praticavam o culto dos Faraós.

Hoje, quando os Egiptólogos reconstituíram o Egito antigo, eles nos dizem que os sacerdotes consultavam uma pequena estatueta de madeira que respondia às questões oscilando sobre sua base. Muito aparentemente ela respondia por *sim* ou *não* e, para nós, bem próximo da prática das mesas girantes.

Moisés, que tomou emprestado tudo do Egito, tinha, no entanto, proibido fazer imagens talhadas, porque ele sabia quais os abusos, do ponto de vista mágico, que tinha feito o povo egípcio. Ele queria apoiar sua autoridade sobre as revelações religiosas as quais somente ele, no mistério do templo, conhecia o segredo. É o que ele fez ao proibir as imagens talhadas e, para consultar o Eterno, ele substituiu, a estatueta de Amon, que fazia os oráculos, por uma pequena colocada sobre o arco e que a Bíblia designa sob o nome de *propiciatório*¹. Era aí que o Deus invisível manifestava sua presença. É, eu creio, a única modificação trazida por Moisés, às formas exteriores do culto egípcio. O tabernáculo, do qual ele elaborou os planos sobre o monte Sinai, foi inteiramente copiado do modelo de Tebas, com a diferença de ser um templo portátil. O Santo dos Santos, lugar da consulta misteriosa, é idêntico àquele que existia no templo tebano. Também se chamava de oráculo, e Moisés aí coloca seu

arco, como o faziam antes dele os sacerdotes egípcios.

1 (1. Lâmina de ouro que cobria o tabernáculo dos hebreus. 2. Vaso sagrado no qual se oferecem sacrifícios a Deus. 3. Aquilo que aplaca a ira divina, que torna Deus propício)

Todo templo egípcio tinha seu arco, pequena nave ², assim batizada, que trazia o nome de *naos*, espécie de tabernáculo, onde era trancada a estatueta profética. É preciso confessar que, se foi o Eterno que ditou essas disposições, ele se esmerou em copiar o culto de Amon.

2 (1. Espaço, na igreja, desde a entrada até o santuário, ou o que fica entre fileiras de colunas que sustentam a abóbada. 2. Fig. Templo)

O naos de Jeová, diz Lenormant, tinha cerca de 1,75m de comprimento e 0,80m de altura e de largura. As duas figuras emblemáticas que envelopavam o arco com suas asas estendidas e que a Bíblia nomeia de querubins, deviam ser, de acordo com seu nome que significa *touros*, e de acordo com as passagens que lhe emprestam uma face humana e de asas, esses touros alados dos quais se têm achado imagens gigantescas à porta de todos os templos da Assíria; temos no Louvre algumas espécies.

É sob essa forma emblemática que, em certos versículos da Bíblia, o Eterno ameaça virar *seu chifre* contra seu povo. O bezerro de ouro não era, como se poderia crer, um ídolo; era um símbolo do poder de Jeová. O touro alado simbolizava a força criativa; sob essa figura, Israel não adorava um outro Deus senão Jeová, sua única falta era ter uma imagem talhada. O que a lei formalmente proibia.

É em virtude desta proibição absoluta que ele não podia aí ter representação da divindade; não havia estatueta no arco, mas o Eterno diz a Moisés; tu aí colocarás o testemunho que eu te darei e eu me acharei contigo, e te direi, sobre o propiciatório, entre os *querubins*, todas as coisas que eu te ordenarei para os filhos de Israel (Ex. XXV., 22).

Não podemos esquecer que o propiciatório era uma pequena mesa e que ela era colocada onde, no templo de Tebas, era colocada a estatueta

profética.

Ademais, o Santo dos Santos é um verdadeiro gabinete de consultas, pois que essa pequena mesa, era onde se pronunciavam os oráculos, que o povo devia vir escutar a palavra do grande sacerdote e que os varões de Israel deviam comparecer três vezes por ano, diante do dominador (Ex. XXXIV, 23)

Pode parecer monstruoso fazer uma ligação entre as revelações do templo e o pequeno fenômeno de tiptologia conhecido de nossa época; mas as maiores coisas podem se esconder atrás das menores e as potencialidades latentes que residem atrás desse fato equivocado, e do qual a prática caiu no esquecimento, podiam ser levadas em conta por espíritos superiores iniciados nos mistérios do além. Quem vos diz que almas santas, em união mística com potências mais superiores, não poderiam refazer o elo quebrado e reerguer o augusto edifício por quem a terra toca os céus.

O caráter mediúnico dessas consultas torna-se ainda mais provável pelo fato da obscuridade, é na obscuridade que se encontrava o Santo dos Santos. É na obscuridade que Deus fala no Sinai e Salomão nos dirá, mais tarde, que Deus habita na obscuridade.

Somos obrigados a constatar que essas disposições não são sem relação com as das consultas ocultas, a forma sob a qual se obtinham essas respostas nos oferece ainda uma nova semelhança. Quando se trata de eleger um rei por uma consulta ao Eterno, se procede por eliminação; cada tribo fica presente diante do Oráculo e, finalmente, a de Benjamin foi penhorada, procede-se pela mesma via, interrogando segundo as famílias, e a família de Matri foi penhorada, depois enfim Saul filho de Kis.

Mas, o oráculo do tabernáculo não foi a única voz que se fazia ouvir; Moisés conheceu a fundo todos os mistérios do magnetismo e da vidência que eram praticados entre os Egípcios; e, ao lado do oráculo, ele foi profetas e profetizas, ele foi videntes e videntes.

Aí está a origem da profecia entre os Hebreus. As profecias eram de tal forma obscuras que em qualquer época da história houve exegetas para fazer uma adaptação aos grandes acontecimentos contemporâneos; e temos, ainda hoje, iluminados que se esforçam para ver, na grande guerra (1ª. Guerra mundial), a realização das previsões bíblicas.

A Bíblia toma emprestado sempre a linguagem da poesia lírica. Quando ela nos diz que o Eterno apareceu a Abraão, isso não é senão uma simples metáfora, em realidade o patriarca teve intermediários, pois que ele viu três homens jovens. Nas muitas passagens faz-se a mesma observação que a intervenção do Eterno não implica em sua presença real. Os lingüistas nos apresentam que a verdadeira significação da palavra *profeta*, em hebreu, é análoga ao do *vates* latino. É então a inspiração poética onde se vê a intuição percebida por entusiasmo, ou na perturbação mental que acometeu Daniel. Isso pode se aplicar também ao estado de transe e quando Moisés se dirige a um povo em que a instrução não existe, para quem todos os comentários serão inúteis, ele lhes diz simplesmente: Deus vos ordena isso por minha boca. É assim que os historiadores escreveram naturalmente: Deus diz a Moisés.

Essa interpretação se acha na própria Bíblia no capítulo XXIII, vers. 20, do Êxodo, que diz que Moisés não via Deus, senão atrás ou em uma nuvem..., ele colocava um véu, ele se envolvia por uma nuvem do templo, na obscuridade onde Deus estava.

Para nós é fácil interpretar esse lirismo dos historiadores sagrados à luz da nova metapsíquica; aceitando a autenticidade dos fenômenos bíblicos é preciso confessar que, sobre a forma do fenômeno nós somos reduzidos à hipótese. Se esses véus e sob essas nuvens jamais temos a descrição de um fato; questiona-se qual podia ser o processo da revelação; desde que um detalhe aparecia, era uma decepção, o fato diminuído.

Como falava Deus? Qual foi o modo de comunicação? Aqui vemos que se lhe pede um sinal, e Deus abandona o orvalho aos cuidados de Gedeão: é muito fraco para um oráculo divino; aí, vemos que se procede por

eliminação, eis os fatos ressaltados pela literatura antiga. Não esqueçamos que certos desses se chamavam oráculos, por sua crueldade, os deuses da Ásia; é muito difícil crer que não havia alguma comunidade de origem, um recurso a uma força espiritual, a faculdades psíquicas das quais Moisés devia se servir para dirigir os povos e conduzir a uma concepção melhor da divindade.

Essa força, conhecida da antiguidade, podia se empregar ao serviço do bem ou do mal, é com razão que a lei editava penas severas contra os Hebreus que não tivessem renunciado às práticas ocultas, mas os exorcismos de Jesus, suas curas, e seus milagres sobressaem de uma ciência metapsíquica levada à sua mais alta potência; teoricamente, eles não seriam super-humanos; já que seriam o apanágio de qualquer um que cresse nele, como ele nos declarou.

O manuseio de forças psíquicas exige a intervenção de anjos ou espíritos, é absolutamente a mesma coisa do ponto de vista da interpretação racional. No livro de Crônicas (II, 18, 20), o Eterno faz apelo aos espíritos para enganar Acab a fim de que ele perecesse. E um espírito dedicado se apresentou, voluntariamente, para ser um espírito mentor na boca do profeta, o que caracteriza evidentemente o mais puro espiritismo.

É ainda o oráculo, quer dizer, os espíritos, que designa um simples trabalhador, Bethsabel, para o trabalho do tabernáculo; e lhe ensina o que se pode inventar, em prata, em bronze, na escultura de pedras e a carpintaria.

Mais tarde, a Igreja acolherá essas graciosas lendas onde pequenos santos, guiados pelos anjos, aprendem a bordar, a tricotar, a fazer renda, ou se colocando a ler e escrever, não se diz como, sob a influência de seu santo patrono.

Um dos raros episódios da Bíblia que nos deixa entrever a forma da revelação divina é aquela de José que profetizou por meio da taça onde ele bebia.

Não vemos em que o maravilhoso de outrora poderia diferenciar do maravilhoso que nós conhecemos.

O que cria um mal-entendido entre os espíritas e os teólogos é que os últimos não parecem querer admitir que se retome o exame dos fatos sob um outro ponto de vista que não o seu, isto é, tirando simplesmente as deduções que eles comportam.

O católico, habituado a se apoiar na autoridade e a se limitar à revelação ensinada, é levado a crer que o espírita venera os espíritos, se prostrou diante do mistério como ele mesmo se prosternou diante do milagre. Onde só há um objeto de estudo, ele vê um culto prestado aos espíritos, porque ele mesmo não concebe de outra forma a devoção que ele manifesta para com os Santos. Ele não vê a importância dos documentos que pouco a pouco nós juntamos; materiais dispersos, que, logo, vão servir à ereção do monumento espiritualista, lhes parecem ridículos, porque não têm o prestígio das cerimônias religiosas; com muito prazer, eles gostariam de nos representar como mágicos a quem o diabo se manifesta à vontade.

Entretanto, nossos autores não citam senão casos excepcionais, excepcionalmente bem controlados; eles ensinam que o fenômeno jamais está à nossa disposição, e Deus sabe qual paciência e qual perseverança é preciso ter nesse tipo de observação; mas o devoto não conhece outra coisa senão a majestade do fenômeno divino, sua imaginação está sobre o Sinai; fale-lhe de Moisés que tinha o poder de evocar Deus, em dia e hora certa, no mistério do tabernáculo, onde cada varão devia comparecer diante do dominador; eis o fato divino ao lado do qual o Espiritismo carece sempre de prestígio.

Somente o Espiritismo tem a vantagem de não se cercar de mistério, desde cerca de um século ele convidou todos os sábios a examinar seus fenômenos e conseguiu se cobrir de testemunhos imponentes. Eis a superioridade do fato presente sobre aquele do passado, que não merece o nosso respeito.

As formas físicas da mediunidade são particularmente úteis de se cultivar, porque elas impressionam os incrédulos; é assim que nos primeiros tempos do Cristianismo os pagãos eram impressionados à vista dos laços desfeitos, das prisões abertas, dos ídolos que um sopro derrubava, dos sinos que soavam todos sozinhos, das luzes, das músicas celestes, etc.

Os Espíritas estudam tudo isso sem levantar a questão da origem. Se uma pequena força psíquica pode produzir certos efeitos em uma sessão espírita, os efeitos, de mesma natureza, mas muito mais possantes e de uma significação mais elevada podem ter sido obtidos, no passado, sem que houvesse lugar de se supor que a natureza da força manifestada tenha sido diferente.

Que a Igreja atribua a Deus os milagres consideráveis, nós não contradiremos; o que nós afirmamos é que Deus encontra, nas suas próprias leis, recursos suficientes para produzir o que vos parece ser um milagre. Nós rogamos aos crentes para não se ofuscar com uma interpretação racional de nenhum fenômeno, porque todas as possibilidades estão na natureza.

O milagre, tal qual vós o entendeis, consiste em empregar as força da natureza em uma medida que ultrapassa o poder dos homens. Assim, nós vemos uma pequena força psíquica levantar um objeto leve, e mesmo uma pesada mesa e um piano, mas se a casa de Nazaré viajou três vezes através dos ares, não impedimos a Igreja de afirmá-lo, e mesmo, nós lhe trazemos a confirmação empírica da possibilidade teórica de um igual prodígio que não afirmamos, mas do qual nós lhe deixamos a responsabilidade. A grande superioridade de afirmação espírita consiste no fato de que ela se apóia sobre os testemunhos presentes cujo valor nos é conhecido, e sobre os fatos cuja experimentação é acessível. O milagre é inacessível, mas nós não rejeitamos o valor do testemunho antigo. Deixamos à Igreja o cuidado de conduzir suas enquetes e de se apoiar sobre os testemunhos que ela julgue irrecusáveis. Somente não nos digam que o edifício católico é construído sobre o milagre, sinal certo da

intervenção divina. Nós gostaríamos de melhor dizer que é um sinal da intervenção do além, mas não vemos em que isso traria uma prova qualquer em favor de uma proposição de fé; seria preciso, para isso, que nós fôssemos capazes de medir a força empregada e de dizer a partir de qual medida a intervenção de Deus se tornou necessária. Pois, o milagre, segundo alguns, é o sinal certo que mostra a intervenção pessoal da total potência divina.

Aqui é que a questão se coloca: onde está o milagre? Citem-me um milagre incontestável sobre o qual a fé possa se fundar, isto é, onde a intervenção pessoal da potência divina seja reconhecível. Veio Deus, em pessoa, com um pote de água regar a lã de Gedeão? Este modo de consultar é diferente da mediunidade? Os milagres que nos dão como tais são sempre ações exercidas sobre a matéria, revelações recebidas pela mediunidade visual, auditiva, intuitiva, etc. Encontramos aí falácias em torno dos santos como dos profetas; o conteúdo das revelações não é sempre edificante, e se nós devemos esperar o julgamento da Igreja para que um fato seja reconhecido miraculoso, não é mais o milagre que apóia a fé, é em nome da fé que aceitamos o milagre.

Mas uma vez ainda, onde está provado esse milagre? Onde está o milagre histórico que prova que as proposições de nossa fé tenham realmente Deus por autor? É o de São Gregório movendo montanhas, o de São Martinho mantendo conversação com os que repousam sob o túmulo; a casa da Virgem foi transportada pelos anjos; são as levitações dos santos? Mas eu só tenho que abrir o tratado de mística do canônico Ribet para ler que tudo isso pode ser imitado pelo demônio. Mesmo São Denis trazendo sua cabeça entre suas mãos é um fenômeno que não excederá os poderes do diabo; como quereis, após isso, que possamos reconhecer a característica do milagre divino.

Como julgar um passado que nós não vemos mais senão através das representações sempre embelezadas de arte e de literatura; será evidentemente muito difícil encontrar nele alguma relação com o fenômeno espírita que não se apresente ainda sob sua verdadeira essência.

Para aquele que trabalha para denegrir, não custará nada citar mensagens ridículas, do lado espírita, será também fácil julgar o valor das profecias sobre as citações de Oséas e de Ezequiel, a quem o Eterno dava ordem, a um de gerar crianças em uma prostituta, ao outro de comer o que vós sabeis, mas à luz de nossas ciências metapsíquicas compreendemos que não houve aí, senão imagens simbólicas, que não terão razão de serem interpretadas no sentido grosseiro que nos escandaliza.

As comunicações espíritas más não provam que os que se deixam tomar, nenhuma autoridade lhes cobre, ao passo que a Igreja cobre como suas revelações, o que não são senão ditados mediúnicos registrados em uma época onde esse fenômeno era ainda desconhecido.

O Espiritismo não esconde nada. Ele ensina que não se precisa levar em conta senão o que parece simplesmente dotado e não reter o que parece digno de exame. É fazendo essa seleção que constituiu um conjunto de doutrinas consoladoras que nos permite conceber um Deus justo e bom, e de compreender nosso destino com a sanção de nossos atos sem o fazer intervir como um eterno carrasco.

Nossas pesquisas metapsíquicas não se aplicam à alta mística, mas ao estudo mais terra a terra do que nos toca imediatamente. Elas não ferem a religião, elas esclarecem as verdades ensinadas pelo Cristo, solucionando as dificuldades que a mentalidade do passado não podia compreender. Nossos comunicantes confessam a fraqueza e a futilidade aparente de nossas manifestações materiais, mas eles nos dão uma resposta satisfatória quando dizem que elas dirigem-se à alma, ou pelo menos seu substrato invisível, perceptível a nossos sentidos, que elas são, para as incrédulos experiências susceptíveis de serem controladas, e justificam essa fraqueza pelo fato de que seus meios são limitados às faculdades de nosso próprio organismo.

Dizem, ainda, que a intervenção de forças inteligentes, de potências espirituais, é útil e freqüentemente indispensável à produção desses pequenos fenômenos, mas que os espíritos evoluídos não se prestam a

colaborar com simples curiosos, nem com céticos, para quem todos os fenômenos são nulos no momento que não descobrem aí a fraude que eles tenham a intenção de descobrir.

Eles nos ensinam que sua vontade e seu pensamento podem acionar a matéria sutil exteriorizada de nossos órgãos. De outra parte, os espíritos fracos ou ignorantes, não sabem se explicar quando eles se comunicam. Geralmente, eles se apresentam sem compreender o que lhes acontece; eles estavam no escuro, eles viram a luz e foram forçados a pensar nessa luz. É sob a aparência de luz que os espíritos vêem nossos órgãos internos. Essa luz pode também ser percebida pelos videntes, ela é percebida no momento da morte e também no estado que precede o fenômeno da materialização.

Quanto à doutrina, os espíritos nos pregam o culto do livre arbítrio e nos infundem o sentimento de nossa responsabilidade e da consequência de todos os nossos atos. Mas eles nos dizem também que não há nenhum mérito em aceitar um ensinamento com uma fé cega; em abdicar, em nome da obediência, nossas idéias pessoais. Isto não é do gosto dos teólogos, mas é bem fácil de lhes responder que se Joana d'Arc se deixasse conduzir pelos teólogos, ela não teria jamais sido canonizada.

O princípio é que a vida começa na fraqueza e na ignorância, mas que o caminho a percorrer é o mesmo para todos, a caminhada, no curso das vidas sucessivas, parece diferente para cada um. Nossos guias, ou anjos guardiães, podem exercer sobre nós sua influência mas nossa vontade pessoal é suscetível de aumentar ou diminuir os efeitos dessa influência, é necessário um esforço para o progresso.

A vida nos mantém e não podemos escapar, não podemos voltar ao nada, mas devemos marchar com confiança sobre a rota que se nos apresenta, certos de que, se nós procurarmos na sinceridade de nosso coração o que é bem, o que é justo, o que é verdadeiro, Deus estará no final de nossa caminhada.

III

O novo espiritualismo

Os fenômenos estudados por alguns sábios, deram nascimento à metapsíquica, ciência nova vindo confirmar os fatos sobre os quais o novo espiritualismo, se fundou. O que pertencia exclusivamente aos padres entrará logo no domínio da ciência e aí está, aos olhos dos religiosos, o crime do espiritismo. Isso viria perturbar o sono do velho mundo; é por que os fatos são negados por todos os meios que se empregam de ordinário em defesa de más causas.

A tática é negar os fatos, malgrado a evidência; desnaturá-los, ridicularizá-los. E nós assistimos a esse espetáculo estranho, de ver os defensores de velhas crenças pactuar com os materialistas para, em um esforço comum, fechar toda saída à propagação de verdades novas.

Mas os espíritas têm também a consolação de ter podido fazer apelo à boa fé de seus adversários, eles se fizeram muralha do testemunho de inúmeros sábios que recusaram pactuar com a mentira.

W. Crookes, Dr. Gibier, Lombroso e após eles, Flammarion, Ch. Richet, e Dr. Geley..., estão construindo sobre a rocha o edifício do futuro.

Mas o público não lê quase nada de obras de ciência, ele se reporta ao que dizem os jornais e não sabe até que ponto estes abusam.

Fez um sucesso uma certa campanha da imprensa publicada sobre esse tema: “Os mortos vivem” Deram a essa campanha o título de *enquete* para chegar à conclusão de que o espiritismo era desaprovado pelos sábios, e que os fatos não tinham sido ainda estudados cientificamente.

Era impossível imprimir um erro mais grosseiro, pois uma plêiade de sábios, cuja consciência é inatacável, desde longos anos, fez tudo o que

era necessário para autenticar indiscutivelmente os fenômenos.

A enquete, de seu lado, fez o necessário para desnaturar o pensamento dos homens de ciência, declarando que William Crookes tinha se perdido, e os outros só chegavam a conclusões negativas. Uma chuva de desmentidos se abateu sobre esses relatórios que interpretavam tão mal o pensamento dos entrevistados, sendo os termos inaceitáveis; Flammarion, entre outros, respondia: “Um de nós dois deve ter sonhado e eu penso que não fui eu. E assim todos. O pensamento de Sr. Ch. Richet não foi fielmente compreendido, ficaram contentes, como conclusão, de anunciar ao público que M. Richet não era espírita, grande descoberta! É ignorância? É ingenuidade? Não queremos considerar a terceira hipótese.

Antes de tudo, é o fato que se precisa defender, porque é sobre os fatos que se construirá o novo edifício. E, para conhecer o pensamento do Sr. Richet, não havia necessidade de entrevistar, era suficiente ler seus escritos e se teria podido constatar que ele afirma a cada instante sua certeza absoluta e sem reserva da realidade dos fenômenos mediúnicos, desde a lucidez até a ectoplasmia.

Um outro adversário, o padre Mainage, parece admitir de tempos em tempos a realidade dos fatos, mas o testemunho dos sábios o constrange, e ele emprega todos os recursos de sua dialética para diminuir os resultados dos estudos daqueles. Primeiro, a fraude lhe forneceu um motivo dos mais fáceis, pois os espíritos simples não compreendem que mil fraudes não invalidam em nada as constatações certas; mas o que se omite dizer, muito freqüentemente, é que as fraudes mais reveladas, aquelas que são autênticas e incontestáveis, foram descobertas e denunciadas pelos espíritas. Por outro lado, tem-se colocado em circulação histórias de fraudes que não existiam senão na desconfiança dos examinadores ignorantes e imbuídos de preconceitos. Sem contar as mentiras complacentes que são difíceis de desmentir.

Diante da nitidez das afirmações de certos sábios, ficamos um pouco admirados de ler no P. Mainage:

“O nome de Florence Cook é indiscutivelmente ligado ao de William Crookes, o ilustre físico inglês. O nome de Eusápia Paladino se aureola de uma plêiade de celebridades conhecidas..., o nome de Aïsha, o médium da vila Carmen, perto de Argel, avizinha-se do Sr. Ch. Richet. O nome D. D. Home é coberto pelo patronato de lorde Dunraven, de lorde Lindsay..., etc. Como recusar crença a experiências de alguma sorte patenteadas por personagens tão sérias, tão conscienciosas?”

“Apresentado sob essa forma absoluta, o argumento seria sem réplica. Infelizmente, o problema comporta uma nuance. Pois se trata de saber, cruamente, se as honoráveis testemunhas estão ou estariam prontos a avalizar o conjunto de fenômenos atribuídos aos médiuns que eles tiveram ocasião de estudar por si mesmos. Ou essa assinatura em branco universal eles não deram...” Assim fala padre Mainage. Mas leiamos os testemunhos que eles deram. Eis, por exemplo:

William Crookes. “Alguma prova que eu tenha proposto, ela aceitou em submeter -se (trata-se da Senhorita Cook) com a melhor boa vontade; sua palavra é franca e vai direto ao objetivo, e eu jamais vi nada que pudesse parecer a mais leve aparência de desejo de enganar. Quando se trata de D. D. Home, “minhas anotações, diz ele, constituem uma redação que cuida de fatos que considero ser de uma enorme importância para a ciência. Sua publicação mostrará, em todo caso, que eu não mudei de opinião. Após uma revisão calma dos relatórios escritos por mim, há uma vintena de anos, eu não encontro nada a retratar nem a modificar. Eu não encontrei nenhum fissura nas experiências feitas então, nem nas deduções baseadas sobre elas.”

E ele acrescenta que, freqüentemente, descobre as fraudes dos médiuns; mas, no que concerne a D. D. Home, ele jamais descobriu alguma trapaça, ou mesmo nenhuma pessoa alegando a trapaça.

Os sábios sempre estiveram prontos a avalizar o conjunto de fenômenos que ele tiveram ocasião de estudar, eu bem poderia fazer outras citações, mas isso nos arrastaria para muito longe. O recente tratado de

Metapsíquica de Sr. Ch. Richet é uma nova afirmação, sem nenhuma espécie de reservas, de todos os fatos; as experiências recentes do Instituto de metapsíquica, com moldagem e fotografias, são provas palpáveis, irrefutáveis e persistentes da realidade dos fatos; não é preciso por isso dizer que esses senhores são transparentes em sua afirmação.

A nitidez de seus testemunhos é por isso um argumento sem réplica; a tal ponto que são professores de fisiologia, neurologistas, materialistas endurecidos e anti-espíritas convictos que dão aos fenômenos uma certeza que eles não teriam se não tivesse o que nos afirmar. Esses fatos provam muitas coisas, eles têm uma importância que não se saberia exagerar, e oferecem uma base certa à discussão.

Diante desses fatos se pergunta se eles são suficientes para sustentar as convicções espíritas e primeiro: existem espíritos? Sim, existem espíritos. Em todos os tempos as manifestações de além-túmulo estiveram presentes nas populações crédulas como uma confirmação das religiões existentes. O espiritismo se apresenta de outra maneira, ele persegue somente um objetivo: provar que existem espíritos. É uma verdade que nenhum teólogo poderá contestar e, à hora turva em que nos encontramos, não existem senão os fatos que possam lutar contra o ceticismo. O espírito pensa fora do cérebro, aí está para os materialistas.

E aos teólogos, dizemos: os espíritos são as almas dos homens saídos de seu corpo carnal, permanecendo unidos ao corpo perispiritual. O espírito que nós estudamos é o espírito humano, os fatos que afirmamos são idênticos aos que vós mesmos afirmais, eles reabilitam o milagre e as piedosas lendas, mostrando que elas não são desprovidas de fundamento. Mas não temos necessidade do sobrenatural, tendo Deus colocado toda possibilidade na natureza. Um conhecimento melhor ensinará que a pomba pode sair da arca, e que o espírito do homem pode deixar sua casa. Os primeiros magnetizadores tinham feito essa descoberta, ela não foi bem acolhida porque as faculdades transcendentais eram então vistas como privilégio da santidade. Isso não é nada, tudo se explica racionalmente.

Os espíritos não são seres à parte da natureza, suas faculdades transcendentais não são sobrenaturais, elas não são senão uma extensão de nossos poderes normais.

No século XIX, a ação à distância, a telegrafia sem fio e a dissociação da matéria eram fatos que deveriam ser condenados sem exame, porque sobrenaturais. Hoje, para nossos sábios modernos, isso tornou-se um campo de exploração novo; para nós, é o além. Esse além não é senão uma nova maneira de ser, um novo estado vibratório. Ele preenche uma lacuna reclamada pela ciência antes que ela pudesse crer numa possibilidade de vida no invisível.

Descobriram um novo mundo; entretanto, ainda existem homens que hesitam, homens cujas idéias sobre a matéria foram mudadas por força das coisas, e que, malgrado isso, não querem mudar de opinião por sua conta, porque eles consideram *o espírito* como uma superstição.

Para fazer evoluir esses homens, que têm entretanto o culto da verdade, é preciso lhes fazer tocar à força, a separação da alma do corpo; é preciso lhes isolar *o espírito* como se isola um gás de uma combinação, e é o que souberam fazer alguns dos primeiros magnetizadores. Por aí, eles tinham trabalhado para o espiritualismo melhor do que os teólogos de todos os tempos.

A metapsíquica abraça duas ordens de fatos: as manifestações puramente psíquicas, e as ações do espírito sobre a matéria. As manifestações psíquicas, sob a forma telepática, se traduzem em transmissão de pensamento, de imagens, de movimentos; a história dos santos está cheia deles; as ações do espírito sobre a matéria serão logo do domínio da física, e será preciso mudar nossa concepção do milagre. O milagre é o da nossa ignorância. O espiritismo nega a ação possível de uma potência superior que escapa à nossa observação, mas, diante dos fatos que é possível estudar, ele exerce seu senso crítico, ele não teme ampliar a obra de Deus, ele acredita que todo mistério pode ser aprofundado e que não existem verdades escondidas que não possam, um dia, ser reveladas.

A pobre alma humana se crê chegado aos cumes da criação, apesar de não estar nem mesmo na entrada do conhecimento. Como o escultor da fábula, ela fabricou seu deus e quis que ele tivesse, em sua mão, um trovão; após ter tremido diante dele, ela faz pouco caso, agora, de seu pavor, e ela quebra a divindade da qual ela não conheceu senão o aspecto material. Pobre alma humana, foi em vão que o grande Iniciado veio te mostrar o espírito, tu acreditaste que ele veio oferecer seu sangue ao divino carrasco de tua imaginação; e, na sua missão, tu viste somente o sacrifício humano das divindades antigas. Pobre pequena alma humana tu tremes ainda diante do desconhecido, tu temes encontrar em ti mesmo a verdade porque tu não tens a fé na razão que Deus te deu. Não te conheces a ti mesmo e, no temor de furtar o fogo do céu, tu não ousas ver o simples raio que te ilumina.

Jesus disse que era preciso proceder por constrangimento, moer os heréticos sob a força das armas, tratar o erro pela chama das fogueiras? Eis, no entanto, o que foi o dogma para os partidários do poder temporal e, hoje ainda, para algumas almas tímidas, o maior dos pecados seria adorar um outro deus que não o Papa.

Entretanto, não podemos conceber a divindade à moda de um soberano, confiando seu reinado a governadores de províncias que regulavam a vida dos mundos e abdicando eles mesmos de seus próprios atributos, ao ponto de delegar, a representantes em cada planeta, os poderes e a justiça suprema da qual ele se desinteressaria, abandonando a sorte da suas criaturas ao capricho de um homem, e isso por toda a eternidade!

Temos de Deus uma idéia mais alta; ele é o Espírito, ele é a Luz, ele é a Vida. Ele escapa à nossa compreensão, mas ele é Aquele que é, de quem tudo emana e, por conseqüência, tudo o que vive é *espírito*.

A criação se reveste de três formas: o mundo divino, o mundo espiritual, o mundo material.

Deus é inacessível, entre ele e nós há o mundo espiritual, isto é, a corrente

de espíritos mais ou menos evoluídos. O Antigo Testamento jamais nos mostra outra coisa senão mensagens celestes, isto é, de espíritos. O Evangelho no apresenta os apóstolos como os médiuns do Cristo, quer dizer, ligados ao espírito do Cristo, os primeiros cristãos são somente médiuns mais modestos.

O homem ainda habita o mundo da matéria, é o que se presta melhor aos nossos estudos e é sobre ele que podemos experimentar mais facilmente.

O homem é um espírito encarnado. Sua essência primordial emana por isso do mundo invisível dos espíritos; sua gênese é toda espiritual, mas é seu *espírito* que desperta a vida, associando-a aos órgãos. Entre os homens vemos que há bons e maus, a morte não os muda: tal é a chave do mistério (*non omnes immutabimur*, diz São Paulo), há espíritos desencarnados, bons e maus, e não é preciso recorrer aos demônios para explicar a impotência e a futilidade de certas comunicações.

Nossas correspondências com o invisível estão à altura de nossa própria evolução, mas todos nossos sentimentos, todas nossas faculdades intelectuais põem sua força e sua qualidade nessa correspondência. Os antigos tinham seus gênios familiares, os católicos têm seus anjos guardiães, os espíritas têm seus guias, e as entidades misteriosas se manifestam sempre na mediunidade, nos estados de êxtase e nas experiências magnéticas. Uns têm espíritos protetores, outros têm espíritos maus, cada um segundo o ambiente que ele atrai para si por seus esforços através do bem, ou pela falta de vontade que o deixa tombar no mal. Mas não há necessidade de recorrer ao diabo; há os retardatários, mas todos os homens são chamados a tornar-se algo como os anjos.

Após a morte nós nos reencontramos, como aqui, pobres criaturas que buscam sua via no labirinto onde uns se adentram e se perdem na obscuridade, enquanto que outros entrevêm a luz.

Mas, nos primeiros tempos que seguem o decesso, nós não temos perfeitamente rompido as amarras, as afeições que nos prendem à terra

permitem algumas vezes lançar uma ponte entre o mundo visível e o invisível. É o que dá lugar aos fenômenos múltiplos tão freqüentemente observados antes e após a morte.

A experiência nos ensina que a morte não nos ocasiona progressos imediatos; a alma atrasada não reconhece espontaneamente a inteligência ou o sentimento que lhe fazem falta, o ser grosseiro permanece grosseiro e há muitas sociedades más no além túmulo. Mas há também grandes luzes para aquele que é capaz da comunhão espiritual.

Esse mistério torna-se compreensível com a telepatia; nesse ponto de vista o estudo se impõe, pois ela é a faculdade que cria uma possibilidade de relação entre os espíritos.

No nosso mundo terrestre os efeitos da telepatia são bastante imperfeitos, mas eles podem se estender e, sem pretender associar as revelações dos santos às comunicações espíritas, podemos crer que o processo empregado é o mesmo nos dois casos. Se a união mística é realizável, ela consiste em um certo estado de relação telepática que é o mesmo que se poderia ligar entre um espírito vulgar e os personagens grosseiros do além. Telepatiza-se com o mal tanto ou mais quanto com o bem.

Tenhais amigos no além, e vos comunicareis com eles ao sair desta vida. A revelação que vos espera é a que vós podereis ler, como um livro aberto, nos corações e as inteligências que estarão em uníssono às vossas; para o resto haverá muitos livros fechados.

O que quer que a telepatia seja relativamente bastante pobre quando ela se dirige ao espírito que a matéria torna pesado, o que quer que se encontre muitos obstáculos, o espiritismo estuda essa faculdade maravilhosa sob todos seus fenômenos, para degustar os sabores e para afastar os perigos.

Para que essa telepatia possa no atingir sob alguma forma visível é preciso necessariamente que os espíritos tenham algum meio de ação

sobre a matéria. Esse meio lhes é fornecido pela substância mesma do médium, pois um espírito pode agir sobre a substância orgânica, o homem encarnado é um exemplo. O espírito desencarnado poderá por isso agir sobre o ser vivo sem que haja nada de sobrenatural. Sem o socorro dessa substância vivente, o espírito não poderia exercer sua ação sobre a matéria, precisaria por isso, ao corpo humano, alguma coisa como um núcleo espiritual no qual se incorpora o espírito, ou a alma, cuja matéria não é senão o envelope aparente. É por isso que a revelação espírita nos ensina a existência do Perispírito, corpo invisível obediente às sugestões da vontade, e tendo bastantes afinidades com a matéria para arrastá-la com ele.

Görres o tinha compreendido quando diz, em sua Mística, que ele é obrigado a reconhecer, no homem, um elemento orgânico que não é nem matéria nem espírito, mas que permite as relações mútuas com a vida orgânica e com as almas dos defuntos. É bem aí o papel que nós destinamos ao Perispírito, e é esse elemento misterioso que se estuda agora nos laboratórios e que o clero deveria saldar como uma grande vitória espiritualista, pois que, pelo estudo das exteriorizações da motricidade, exteriorização da sensibilidade, provamos que os sentidos são independentes da matéria e que a alma cativa pode escapar de sua prisão, ou reentrar, graças a essa exteriorização parcial ou total do corpo espiritual.

São Paulo tinha feito a experiência, certos teólogos o tinham compreendido, mas o Espiritismo fez a prova diante do mundo sábio, e o mundo sábio despertou de seu torpor. É o que esse resultado estava desdenhando?

IV

Os espíritos atuam sobre a matéria

Não somente existem espíritos, mas o homem possui um espírito exteriorizável. Eis o que se tornou uma verdade científica; e, se aproximarmos esta nova aquisição do grande ensinamento da filosofia antiga *a Alma jamais está nua*, compreender-se-á que a alma, puro espírito, não se exterioriza só por si mesmo, e que ela é acompanhada sempre de um corpo invisível, que sendo material, tem uma densidade e possui uma força específica, que pode ser empregada para mover os corpos.

Eis o que o Espiritismo colocou em evidência, provando que a ação corporal pode se estender muito além dos limites de sua visibilidade.

Hoje, os adversários do espiritismo vos dirão ainda que o feito das senhoritas Fox, em 1848, não mereciam suscitar tanta emoção. Os que assim falam, nada compreenderam do problema; eles são herdeiros dos brincalhões que faziam pouco caso da dança das rãs. As irmãs Fox terão sido, para as ciências psíquicas, o que são as coxas de rã para a eletricidade. Elas se revelaram como possantes médiuns e provaram a ação do espírito sobre a matéria. Demais, submetidas à observação de um físico de gênio, elas foram o ponto de partida das descobertas de Sir William Crookes sobre os estados radiantes da matéria.

O fenômeno não era novo, só era negligenciado; mas reaparecendo numa época em que esse gênero de experimentação, não somente abandonado, mas desprezado pela Ciência, era chamado para revolucionar o mundo; logo perto de um século em que o mundo foi transtornado por essas manifestações.

Quando analisou os fatos e adotou uma classificação, William Crookes escreveu: “Em minha presença vários fenômenos se produziram ao

mesmo tempo, e o médium não os conhecia todos. Aconteceu-me de ver a Senhorita Fox escrever automaticamente uma comunicação para um dos assistentes, enquanto que uma outra comunicação, sobre um outro assunto, lhe era dada para uma outra pessoa, por meio do alfabeto e por *batidas*, e durante esse tempo, o médium conversava com uma terceira pessoa, sem o menor embaraço, sobre um assunto completamente diferente dos outros dois.”

Citemos ainda este: - “Nós recebemos logo uma mensagem alfabética, solicitando-nos desligar o gás; nós o desligamos; ficamos numa obscuridade completa e, durante todo o tempo que ela durou, eu retive em uma das minhas as duas mãos da Senhorita Fox. Quase logo uma comunicação nos foi dada nestes termos: Nós produziremos para vós uma manifestação que vos dará a prova de nosso poder”, e, quase imediatamente após, todos nós ouvimos o tilintar de uma campainha, não de forma estacionária, mas que ia e vinha de todos os lados na câmara; ora perto da parede, uma outra vez no canto afastado do apartamento; ora me tocando a cabeça, depois batendo sobre o assoalho. Após ter assim soado na câmara durante pelo menos cinco minutos, essa campainha tombou sobre a mesa bem próximo de minhas mãos.

“Durante todo o tempo que esse fenômeno durou, ninguém se mexeu e as mãos da Senhorita Fox ficaram perfeitamente tranqüilas. Eu pensava que isso não podia ser minha pequena campainha que tocava, pois eu a tinha deixado em minha biblioteca. (Pouco tempo antes da Sta. Fox chegar, eu tive necessidade de um livro que se encontrava no canto de uma estante; a campainha estava sobre o livro e eu a tinha colocado de lado para apanhá-lo. Este pequeno incidente me assegurava que a campainha estava realmente na biblioteca. O gás clareava vivamente o corredor sobre o qual dava a porta da sala de jantar, de tal sorte que essa porta não podia se abrir sem deixar a luz penetrar na peça onde nós nos encontrávamos. De resto, para abri-la, só havia uma chave e eu a tinha em meu bolso.”

A experiência se repetiu com tanta freqüência que os fatos não eram mais negados. Há pouco, o fato do movimento sem contato e do manuseio de

objetos por um agente invisível foi estudado seriamente, ele entrou numa nova fase, o processo nos é conhecido. É a mesma substância do médium que se exterioriza, tomando formas em relação ao efeito que se quer produzir.

Um físico de Belfast, o professor Crawford estabeleceu que a transmissão do movimento se fazia por meio de uma substância palpável, filamentosa, formando alavanca e obedecendo às direções inteligentes. Ele conseguiu torná-la visível aos olhos por meio de pós colorantes, e pôde fotografá-la. Um número do *Psychic Research Quaterly*, de outubro 1920, publicou oito provas.

Esses fatos foram objeto de uma conferência em Sorbone, da sala do laboratório do Sr. d'Arsonval. Crawford constatou que, para conduzir bem essas experiências, era indispensável assegurar a colaboração de entidades diretoras que pertencessem ao mundo invisível, como isso também era necessário para as materializações. Aliás, a substância que forneceu o elemento visível das materializações é a mesma que se concretiza em varas de força para produzir os movimentos de mesas.

Essa substância obedece à vontade, não do experimentador, mas da inteligência oculta e, para chegar a um resultado, é essencial estabelecer uma ligação simpática entre os diversos agentes dos fenômenos, *espíritos, médiuns, assistentes*.

Mas, o fato capital, a revelação que sobressai desses movimentos de objetos, sem contato com os órgãos ordinários, é a inversão das concepções materialistas sobre as propriedades da matéria. A matéria choca com o seu nada, ela dá passagem à teoria nova do dinamopsiquismo. É o pensamento que é o mestre dos órgãos, e todas as manifestações do espiritualismo vão poder se explicar entrando no quadro de nossos conhecimentos naturais. Tudo entra na unidade das leis da natureza com a concepção tão simples do ideo-dinamismo.

Sabendo que há espíritos, nós devemos supor que o além está povoado;

sabendo que os espíritos podem agir sobre a matéria, vamos poder entrar em comunicação; este não é mais o século da telegrafia e da telefonia sem fio que poderá se admirar com estas coisas.

Sabemos o quanto os nossos modos de percepção são incompletos, nós vivemos sobre uma pequena escala do mundo de vibrações, de imensas lacunas existentes, o além deve preencher esta lacuna. Ao descobrir as faculdades da alma humana e os campos que ela explora, iremos de maravilhas em maravilhas sem jamais encontrar o milagre.

Eu sei que existe, para as almas piedosas, um lado doloroso; sua religião se escandaliza com o que é racional; porque lhe parece que renunciar ao milagre, será renunciar a Deus. Mas este temor é em vão; porque, tendo Deus colocado todas as possibilidades na natureza, sua obra não será diminuída. Deus não intervém pessoalmente nos milagres da Bíblia, nem nas piedosas lendas. Os santos adormecem sobre sua obra e encontram a tarefa miraculosamente cumprida ao sair de um êxtase; uma religiosa, absorvida na contemplação divina, encontra a cozinha toda arrumada à sua revelia; noutra lugar, o jardineiro de um convento é ajudado pelos anjos, ou o sino do mosteiro é consertado misteriosamente. Eis os milagres...! Aceitamo-los como tais, sob o pretexto de que nada é impossível a Deus. Seremos nós obrigados a crer que foi Ele que veio varrer o refeitório, mexer nas panelas, ou cavar o jardim?

Vereis o quanto será pueril o receio de que Deus não seja o agente imediato do milagre.

Da ação de Deus sobre a terra não há um só exemplo, são as forças da natureza e não forças contrárias à natureza, que são os agentes dos milagres.

Se os santos realizaram milagres na matéria, é que potências espirituais agiam nos laboratórios do invisível, e a doutrina nova do ideo dinamismo virá confirmar esta forma do milagre.

Em suma, nossas ligações com o invisível não são outra coisa que não a telepatia, a telepatia é dínamo-psíquica e, como todas as forças orgânicas, ela está na dupla corrente, ascendente ou descendente. Podemos enviar a pomba fora do arco, além dos que fecham a fronteira, e nós podemos estabelecer um posto receptor bastante sensível para perceber a emissão das ondas ocultas.

Os santos conheceram as duas formas da mediunidade. Eles foram lúcidos, clarividentes, eles viram à distância, se exteriorizaram, se desdobraram, se manifestaram á distância; eles se transportaram, atravessaram paredes, abriram portas fechadas, deram o espetáculo das levitações, das transfigurações, das materializações; tiveram visões premonitórias, aparições antes e após a morte, todas coisas que encontram seu equivalente na fenomenologia espírita que hoje se enriquece de novos milagres; os santos não puderam produzir fotografias nem moldagem de membros exteriorizados. Entretanto, eles obtiveram marcas, como o veremos, com as almas do purgatório, e mesmo de escrita direta.

Os milagres não são artigos de fé e toda interpretação será permitida; não há, em tudo isso, senão a força psíquica das criaturas cujos efeitos se estendem além do corpo visível, o que é do domínio da metapsíquica. O relato das almas, a vista à distância, a lucidez são somente o exercício das faculdades naturais e não são privilégio da santidade; no entanto, as histórias dos santos, tomadas ao pé da letra, tenderiam a fazer crer que os efeitos que se atribuem a sua santidade ultrapassavam de muito os limites ordinários. Isto só é uma questão de medida e é preciso reconhecer que alguns assuntos, particularmente dotados, não tendo nenhuma pretensão à santidade, atingem resultados idênticos; ao passo que, homens de uma santidade reconhecida viram se produzir, em torno deles, as manifestações mais grosseiras da mediunidade.

Fenômenos de natureza tão diferente se reproduzem sobre os mesmos assuntos, aparecem tão idênticos em agentes, de cultura e de religião diferentes, que é impossível basear uma classificação sobre uma distinção fazendo entrar os bons e os maus; será preciso, o que quer que custe,

abandonar as concepções de uma outra época.

O passado foi o que devia ser, e nenhuma censura saberia atingir os erros cometidos de boa fé, mas é preciso devolver à natureza o que pertence à natureza e é impossível de não reconhecer nos estados de catalepsia que acompanham tão freqüentemente os pretendidos , milagres dos santos, nos casos de desdobramento e em certos êxtases, fatos similares a eles, hoje perfeitamente conhecidos, que nos revela o magnetismo.

Por isso, pode-se explorar o mundo invisível, pode-se desdobrar sem ser um santo; mas, não se pode ser convencido da realidade desses fenômenos sem tirar deduções em favor da sobrevivência. Pois, se a alma exteriorizada saiu do corpo, poder-se-á matar o corpo sem causar danos para a parte momentaneamente separada dele. Se esse argumento não tem um valor demonstrável, ele tem, pelo menos, o valor de uma refutação para com toda objeção contra a possibilidade de uma vida espiritual.

Isso não será mais que uma questão experimental de saber se o homem sobreviveu em seu órgão espiritual, e, se esse órgão pode ainda agir sobre a matéria, toda a fenomenologia constatada sobre o ser vivo poderá se encontrar na população do além e ela se encontra, na história dos santos, com uma freqüência notável.

Isto é muito importante porque as ações exercidas sobre a matéria, citadas como milagres, e as ações obtidas nas sessões experimentais se prestam um apoio mútuo; elas se confirmam umas pelas outras e cada uma tem seu valor. O fenômeno espírita tem um valor experimental que falta mais freqüentemente às narrações edificantes, mas os fatos admitidos pela Igreja e inscritos nos processos de canonização vêm justificar essas evocações pelos espíritas. A Igreja, com efeito, não saberá censurar, no século XX, os fenômenos aos quais ela fez apologia em outros tempos.

Esses fatos, segundo a teologia, se produziam outrora para a conversão dos pagãos; eles se produzem hoje para a confusão da ciência materialista, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos. Só há a mentalidade que

difere, e, a esse ponto de vista, o neo espiritismo, ou a metapsíquica, se adaptam à mentalidade de nossa época.

Não temos que levar em conta com mais ou menos certeza, ou do pouco de crença que merecem os fenômenos atribuídos aos santos; eles são admitidos pela Igreja e isso é suficiente à justificação dos fenômenos semelhantes; por outro lado, a contra-perícia científica, aplicada ao milagre moderno observado em seu aspecto metapsíquico, é suficiente para devolver a crença ao milagre cuja possibilidade teórica é assim demonstrada.

Não se trata mais, para nós, de edificar os fiéis, nem de saber se tal ou tal fato deve ser publicado em honra de São Martinho ou São Gregório, é suficiente saber se os fatos citados são possíveis, se colocam em evidência a existência de uma força dínamo-psíquica. Pois que eles são de um lado, admitidos pela Igreja, e de outro certificados pela ciência, o acordo pode se fazer sobre essa afirmação de uma força psíquica. Para a Igreja ela está provada pelos milagres relatados nos processos de canonização; para os descrentes modernos nós lhas apresentamos na única forma em que eles possam admiti-la, e as colocamos, assim, no caminho da conversão.

Os taumaturgos (aqueles que fazem milagres) dos primeiros séculos muito constataram, ou produziram eles mesmos, o fenômeno dos corpos tornados pesados ou leves. Não uma ação de Deus, pois que São Martinho estendendo o braço por engano imobiliza um comboio; Deus não ratifica o erro. Mas em outras circunstâncias ele fazia tombar um ídolo de seu pedestal. Milagre?... Se assim se deseja, mas milagre que não excede as possibilidades naturais, pois que os espíritos tornam uma mesa pesada ou leve, pois que uma criança pode levantar um piano. São Gregório deslocava uma montanha para a comodidade de seu convento. Isso é um milagre?... Que seja, mas seria preciso supor a acumulação de forças extraordinárias que não seriam de uma outra natureza que a que levanta móveis. Os santos eram levantados da terra pelo ardor de sua convicção que os arrastava ao lugar de seu desejo, mas não há lugar de supor outra coisa senão o dínamo-psiquismo tão visivelmente manifestado, sob a

mesma forma, por D. D. Home e Eusápia.

Enfim, o milagre se manifesta tão freqüentemente sobre os túmulos dos santos, e em favor das pessoas que vêm rezar sobre estes, que nós daí deduzimos que a ação é evidentemente exercida pela pessoa morta, ou sob sua influência, se ela é obrigada a recorrer ao dinamismo de seres menos espiritualizados. E é assim que as coisas se passam para os espíritas.

Uma coisa que não se saberia negar é que há santos médiuns. Quando um santo produz fenômenos psíquicos, ele o produz toda a sua vida, existe uma aptidão orgânica; e é notável que os efeitos que se produziam em torno do santo vivo se repetem após sua morte; não é porque ele conserva em si a substância perispiritual e as faculdades dinâmicas que ele possuía quando vivo ou, pelo menos, o poder de associar esse órgão às forças mediúnicas das pessoas vivas?

O túmulo da imperatriz Eudóxia foi objeto de levitações e de movimentos inexplicáveis, e isso durou trinta e cinco anos. Os movimentos só cessaram pelas preces feitas sobre o corpo de São João Cristósimo. Esse santo médium tornou o relicário tão pesado que não se pôde levantar senão após ter sido depositada uma súplica sobre seu peito.

Outros exerciam uma sugestão sobre os animais, como Santo Antônio de Pádua, São Francisco de Assis e Francisco de Solano; este último atraía os pássaros que cobriam seus braços e seus ombros como se eles se empoleirassem sobre os galhos de uma árvore; na sua morte eles acorreram em torno de sua cela, e se conta a mesma coisa sobre Francisco de Assis.

A mediunidade, que permite entrar em contato com o outro mundo, tão freqüente no caso dos santos, não se presta à análise porque sempre nos faltam informações; os narradores nos dizem raramente se houve visão, audição, ou comunicação escrita. Mas interrogar os mortos não é um ato contrário à religião, pois que os maiores santos o fizeram para edificação dos fiéis. Esse gênero de conversação era prática corrente para São João

Cristósimo, São Martinho, São Gregório, outros como São Macário, São Espiridião, São Estanislau se entregavam a verdadeiras evocações mágicas e faziam falar os mortos, faziam apelo ao seu testemunho para revelar um depósito ou defender os inocentes. A clarividência renova hoje esses milagres, sob uma forma menos surpreendente, mas ela pode ter dado lugar a várias lendas e prestar, hoje, seu socorro a uma compreensão mais justa da história do milagre.

A telepatia experimental satisfaz ao dogma da comunhão dos santos. Os milagres de outrora podem explicar-se, como o maravilhoso de hoje, somente pelas forças da natureza psíquica e espiritual do homem. Se a história dos santos ativam fatos que ultrapassam em potência todos aqueles que nós experimentamos, não os negaremos, não impediremos os teólogos de chamar de milagre o que ultrapassa os efeitos conhecidos da força psíquica, somente acreditamos que um mesmo processo se aplica aos grandes e aos pequenos fenômenos; que a fé do crente vá além dos fatos aceitos, pela ciência, isso não muda em nada a tese.

Uma sonâmbula tal como a vidente de Prevost nos permite explorar o além nas suas regiões mais comuns; se um santo pode entrar em ligação com as regiões menos acessíveis do mundo espiritual, isso confirma nossa fé na palavra de Jesus, que há várias moradas na casa do Pai; mas, à medida que a observação ganha terreno, o domínio do milagre se restringe, e, ao mesmo tempo, se engrandece o mistério da vida e da evolução.

Não esperemos descobrir as leis da física à luz das concepções religiosas, isso é impossível, e será sempre impossível dar uma definição do milagre porque tudo o que é realizado encontrou possibilidades na natureza; cabe a nós compreendê-lo. O progresso fará sempre que certa verdade de ontem se tornará o erro de amanhã; a verdade é imutável, ao passo que as palavras que a experimentam, trocam de sentido e de alcance com o tempo. Aceitar um dogma literalmente será sempre um sonho quimérico.

O além é um novo mundo que precisa ser explorado sem temor. Os santos

não entraram nele como observadores, será preciso corrigir os erros da mística; muitas revelações se manifestaram na forma espírita, cujo verdadeiro sentido não podia ser compreendido por aqueles que eram forçosamente ignorantes das concepções psíquicas que as descobertas recentes nos impõem. Eles não podiam evitar o recife das falsas interpretações do êxtase cataléptico, da sugestão, do monoideísmo e dos automatismos. Os hagiógrafos (biógrafos de santos) atribuíram à santidade o que não era senão efeitos mais ou menos explicáveis de nossa contribuição anímica e não compreenderam o valor experimental dos fatos que provam, no mínimo, a existência de um mundo espiritual.

Se um anjo ou um espírito pode, em um caso particular, fazer intervir uma causa desconhecida na produção de um fenômeno, não haverá, por isso, milagre, não há violação das leis da natureza. O ímã não contradiz as leis da gravidade. A introdução nas contingências atuais de uma causa desconhecida, que se substitui à causa anteriormente atuante, não constitui um milagre. As possibilidades de Deus nunca se esgotarão, mas os mensageiros de Deus são limitados a se servir de leis às quais nós estamos sujeitos e é por que Jesus pôde dizer que, o que ele fazia, nós poderíamos fazê-lo um dia.

V

Pode-se comunicar com o além

As condições de ligações possíveis com o além são muito menos simples do que se crê geralmente. Segundo todas as aparências existe, na natureza, um elemento universal de natureza desconhecida, correspondente à natureza da alma e constituindo um meio etéreo que permite a comunicação entre os seres; mas que, na condição em que estamos, não se manifestam senão raramente. As almas são ditas “*em estado de relação*” quando elas realizam esse estado particular que consiste no sincronismo de vibrações.

Dois seres nesse estado simpático podem se transmitir imagens visuais, auditivas ou motoras, eles podem comunicar o pensamento, as revelações dos extáticos não têm outra causa senão a ligação estabelecida entre o visível e o invisível. A mesma chave se aplica à solução de todos os problemas psicológicos, e as entidades espirituais agindo sobre nossos órgãos não operam de outra forma que o magnetizador, quando obtêm o curioso fenômeno da ação espetacular e da ecolalia¹

1 (Wikipedia) Ecolalia – repetição automática de vocalizações feitas por uma outra pessoa, sem uma significação definida. Ocorre durante o desenvolvimento humano infantil, com bebês produzindo vogais, algumas consoantes.

Nada existe senão o pensamento, nada é móvel senão o pensamento, a ação mediúnica se manifesta em todos os graus no domínio da fisiologia, com no da mística, e não é necessário recorrer à intervenção dos anjos nem do demônio.

Nas esfera mais elevada, a da alma, são as afeições, os desejos, o amor que permitem lançar uma ponte sobre o abismo que existe entre os dois mundos; sendo bem entendido que os dois mundos estão em nós; a parte pensante e atuante de nós mesmos sendo já compreendida no além pertencente ao plano espiritual, e há homens que são apenas recém saídos

da matéria. Inútil dizer que eles não se prestam às manifestações transcendentais, eles não são mesmo capazes de compreendê-las.

As relações entre as almas não têm por isso nada de sobrenatural, tudo está na grande lei de telepatia universal.

Ficam grandemente estupefatos, quando lêem as biografias dos santos (obras hagiográficas), ao constatar a ausência de todo esclarecimento concernente ao modo das comunicações entre Deus e os santos. Gostariam de saber sob qual forma o Absoluto se manifesta, a imperfeição da linguagem e a grosseria das imagens não se compreendiam vindo de Deus ou dos anjos. A Igreja que cobre com sua autoridade as revelações de Maria Alacoque deveria nos dizer se a palavra de Deus foi escrita, lida ou ouvida.

O Espiritismo dá, à forma das comunicações, uma importância toda especial; aquela lhe permite evitar o erro dos teólogos que vêm, na catalepsia, uma absorção da alma na contemplação divina, na telepatia um privilégio da santidade, e, no automatismo sugestionado, um milagre da santa virtude da obediência.

Vejo longos discursos cujas palavras textuais, provando revelações divinas são fielmente relatadas; como podem elas conter expressões barrocas e dar instruções tão diferentes, aconselhando a um de se impor torturas que fazem tremer, incitando a outro a transportes de amor em termos tão equivocados que se hesita sobre sua verdadeira interpretação?

O texto de uma revelação que não foi obtida diante de testemunhas, deveria sempre ser passada pelo crivo da razão; e é mais simples admitir que essas revelações piedosas foram dadas, simplesmente, pelo além. Isto é, por aqueles que recentemente deixaram a terra e não chegaram ainda nas altas moradas da casa do Pai. Essas almas piedosas permaneceram em comunicação com as almas piedosas da terra, e os santos dotados de mediunidade receberam delas as inspirações, as sugestões, as visões, as revelações e mesmo as manifestações que os fizeram escrever, falar e

algumas vezes divagar.

Muitas pessoas não obtiveram do além, senão as idéias comunicadas por seu meio, elas não adquiriram nada por elas mesmas, como o muito prudente servidor da palavra, elas enterraram o tesouro que Deus lhes tinha confiado e elas não o valorizaram; elas retornam à vida espiritual tal como eram sobre o planeta, isto é, vulgares, ignorantes, supersticiosas, ou cheias de exaltação religiosa, se uma potência tutelar não vêm esclarecê-las.

È incontestável que é com seres dessa natureza que muitos santos entretiveram relações. É muito fácil reconhecer, neles, os estados patológicos que acompanham sempre esse gênero de manifestações, freqüentemente precisas para o conhecimento da vida espiritual, mas nocivas se são aceitas como vindas de Deus. Os fatos tão instrutivos do desdobramento e da bilocação foram confundidos com o milagre; o mesmo com a catalepsia, a insensibilidade, a telepatia, a vista à distância, etc. Todos fenômenos cientificamente observados; o que obriga, hoje, os piedosos comentaristas a ver, no espiritismo, uma pálida imitação do milagre devida à intervenção do demônio.

Não vemos nem em cima nem embaixo, é a alma do homem que revela sua natureza na observação dos fenômenos; a metapsíquica nos guiará através de todas essas complicações. Sabemos, pelo magnetismo, que dois sujeitos exteriorizados entram em contato simpático. Descobriremos relações idênticas em todos os domínios e em todos os graus.

Na mística, por exemplo, esses estados de relação, de vivos a vivos, aparecem constantemente.

Os extáticos, escreve Goerres, se vêm reciprocamente no êxtase. Santa Ida soube que uma de suas amigas que ela muito amava se encontrava no mesmo momento como ela; esta de seu lado soube que Ida estava no oceano da luz divina. A partir desse momento elas foram ligadas no Senhor da maneira mais íntima... Aconteceu a mesma coisa a Ida com um

santo padre... este, entrando na casa dela, ficou logo em êxtase. Ida de seu lado, vendo-o nesse estado, sentiu-se como ele no céu, onde eles se encontraram todos os dois e festejaram juntos esse dia tão solene para eles. O padre voltou a si no fim de algum tempo; e como ele tinha a santa autorização para partir, foi-lhe perguntado por que ele não dizia nada a Ida.”Eu falei bastante com ela, responde ele, como as almas dos extáticos têm o costume de se falar no céu.” E Ida respondeu a mesma questão da parte do padre quando ela voltou de seu êxtase.

Um outro padre provou também a mesmo fenômeno; Ida estando próxima dele, suas almas se deram um santo beijo. A partir desse momento parecia a esse santo padre que seu coração estava inseparavelmente unido ao de Ida pela caridade.

Eis aí a verdadeira comunicação entre vivos, como conhecem bem os magnetizadores, com o contágio do estado extático, a exteriorização, onde o sujeito fala de si mesmo na terceira pessoa, e intensificação da simpatia ao despertar. Uma outra forma de exteriorização é aquela que deixa traços visíveis à volta, imprimindo estigmas no corpo visível. Santo Ludwine e Catarina Emmerich traziam as marcas das feridas recebidas em suas peregrinações extáticas. E o abade Migne cita o seguinte caso:”Uma santa religiosa de nome Ana, que estava em oração numa cidade distante, foi transportada em visão ao endereço onde Henri Suso se tinha flagelado; tendo visto os golpes cruéis que ele se dava, ela teve compaixão e avançou o braço para receber o golpe que Henri se destinava. Pareceu a ele ser ela mesma que se batia, se bem que ao sair de seu êxtase, ela viu seu braço todo lívido e todo preto se manteve assim durante algum tempo.

Alhures, um outro teólogo, Scaramelle, descreveu assim os efeitos constatados entre os místicos: O mandamento endereçado aos extáticos, diz ele, age à distância. A autoridade necessária para os chamar a eles pode ser comunicada a outros que não a têm necessariamente por eles mesmos. O mandamento uma vez pronunciado pode ser retraído interiormente e de longe; e mesmo, em muitos casos, ele não tem necessidade de ser exprimido verbalmente, mas produz seu efeito por um

ato simples da vontade. Entretanto, os que se ocuparam dessas matérias aconselham, com razão, aos confessores e aos outros superiores, de não se arriscar de forma nenhuma nessas tentativas. Ele dá como razão que o mandamento para ser obrigatório, deve ser exprimido verbalmente; mas essa razão não parece concludente. Há para isso uma razão mais grave; é que o mandamento dirigido a Deus, se estiver acompanhado do mais leve sentimento de orgulho ou de curiosidade, ele poderia encontrar facilmente resistência. E por outro lado, o uso freqüente desse poder, embora ele não seja de modo nenhum apegado a ninguém que o exerça, poderia com facilidade conduzir, entre este e o extático, relações muito íntimas e perigosas para os dois.

Quem não reconheceria nas diferentes narrações todos os caracteres da sugestão no estado de hipnose?

Dizemos que as relações assim estabelecidas entre vivos, nos instruem sobre as faculdades que a alma possui, para o mal como para o bem; que esses meios são bem aqueles que nós podemos pôr em prática para as explorações do além, que essa faculdade de exteriorização da alma é maravilhosa, mas natural, e que essas relações podem se estabelecer, por processos similares, entre os que deixaram a terra e os que aqui ficaram.

A prova do fato da comunicação entre vivos é obtida de uma maneira experimental, a da comunicação com as pessoas falecidas não poderá ser feita senão empiricamente, mas o processo da comunicação não muda, pois, praticamente, nós não temos que fazer distinção entre a alma exteriorizada e a alma desencarnada.

A comunicação com o além é um fato *natural*, somente nós apenas temos que sair da rotina que nos faz chamar natural o que nós temos o hábito de ver, e *sobrenatural* o que não vimos ainda. Não se pode marcar os limites precisos entre o impossível e o desconhecido.

O Espiritismo nos revelou que a ação física e psíquica do homem não pararia na periferia da carne, que ela transborda o visível e se continua, à

distância, no invisível. Os santos disso forneceram a prova tanto quanto os médiuns; eles têm, sobre si, a vantagem da espiritualidade mais desenvolvida, mas estes têm sobre aqueles a vantagem do laboratório. Ao pé deles, o teólogo se dá conta que não se derroga as leis divinas.

Os santos nem sempre se corresponderam com Deus e os anjos, eles se corresponderam entre si. Seu êxtase é freqüentemente uma exteriorização, como a que põe Joana de Chantal em relação com São Francisco de Sales. Este que conhecia o fenômeno por experiência pessoal escreve muito bem: Nós saímos e ficamos fora e acima de nós mesmos.

Os teólogos pensam que, nesse estado, vários santos, tendo deixado seus corpos, entraram na beatitude celeste; não daremos nossa opinião sobre esse ponto, mas cremos que, no melhor dos casos, eles se comunicaram com espíritos, e mesmo com espíritos do plano terrestre. Seus historiadores estão aí para mostrar que suas explorações no invisível se estendem ao céu, ao purgatório, ao inferno; aos anjos, aos santos, aos demônios. Eles não entenderam sua ação miraculosa até aos condenados e isso pela palavra, pela escrita, pela mediunidade auditiva e pelos fenômenos físicos que vão até a animação de cadáveres e a sua ressurreição. Eu não vejo por qual dialética sutil chegariam a estabelecer uma distinção entre os processos de realização desses fenômenos e os experimentados pelos espíritas, psiquistas, metapsiquistas, etc. Não há, sob isso, senão querelas de palavras. Os processos verbais de canonização nos forneceriam argumentos decisivos se se pudesse lhes atribuir o mesmo valor experimental que os que a Sociedade para as Pesquisas Psíquicas de Londres realiza com autoridade. Mas esses processos verbais foram redigidos para a edificação dos fiéis, e não do ponto de vista da prova científica. Essa prova, o Espiritismo somente pode dar, e com uma franca participação em nossos trabalhos, os membros do clero teriam tudo a ganhar.

As faculdades hipersensíveis de certos sujeitos os colocam em estado de ver, de ouvir e de sentir coisas que não percebem nossos sentidos. Os estados de sonambulismo, o transe mediúnico, podem, tanto quanto os

estados de êxtase , colocar a alma em relação com as pessoas distantes, com os espíritos que deixaram a carne.

No começo do espiritismo, alguns padres estavam interessados nesse estudo, eles se encontraram em presença de manifestações particularmente notáveis. Um fervoroso católico, convicto de que se pode ficar fiel à Igreja praticando a evocação dos espíritos, escrevia em 1862:

Mesmo desagradando aos demoníacos, dificilmente me convencerão que uma prece seja um ato de impiedade e sobretudo um apelo a Satã. O resultado prático, é que os materialistas, os obstinados incrédulos, foram convencidos e se converteram; é que os eclesiásticos, tanto recomendáveis pela sua virtude quanto pelo seu saber, após ter atestado primeiro as mais vivas prevenções, testemunharam logo sua admiração, seu respeito e sua completa edificação.

Um deles foi objeto de uma comunicação bem notável *em língua latina*. Transcrevo-a textualmente:

« Sacerdos a deo dilecte, cur manifesta negas? Cur concedens omnia potenti deo, non fateris veritatem oculorum aciem perstingentem? Sacrae litterae, memento crebrae sunt manifestationibus angelicis; coecultatus, vide et crede. »

Tradução literal:

«Padre por Deus amado, por que o que é manifesto, tu negas? Por que te inclina diante do todo poderoso Deus, não te confessas a verdade que bate na pupila de teus olhos? Os Santos escritores lembra-te deles, cheios das manifestações dos Espíritos; tu que fechas os olhos, vê e crê.»

BENOIT

Uma jovem dama retinha o lápis, escrevendo com uma rapidez incrível, e durante esse tempo, os golpes não cessavam de ressoar na mesa e no teto.

Uma circunstância, verdadeiramente interessante, é que o médium sob cada palavra em latim, nos dava ao mesmo tempo o texto e a tradução interlinear, que aqui coloquei em seguida para vos poupar uma dificuldade tipográfica.

É bom acrescentar que esse médium é incapaz de ler corretamente uma frase latina.

Repetiremos, observa G. Delanne, que nenhuma leitura de pensamento pode produzir esse fenômeno, por supondo que a consciência sonambúlica pesque por assim dizer na memória latente dos assistentes, a palavra latina correspondente à palavra francesa, ela não poderá construir gramaticalmente a frase latina, já que ela não tem nem a sombra de um rudimento das regras complicadas que governam esse idioma. Pode-se com vantagem fazer intervir o subconsciente dos assistentes pois, estando incrédulos, eles estavam incapazes de formular, em latim, argumentos combatendo diretamente sua maneira de ver.

Ser-me-ia impossível não ver, nessa bela comunicação, a intervenção de um amigo do além. Alguns incrédulos, aos quais nada satisfazia, objetam que essa resposta não traz nela nenhuma prova de identidade; é verdade, mas isso não é uma razão para se lhe recusar um grande valor.

Aos reproches dos que julgam o Espiritismo por uma banalidade accidental, ou uma insuficiência de provas é preciso responder pela raridade das organizações sérias e de grupos bem compostos. A insuficiência, com efeito, é muito freqüentemente justificada pela composição do grupo que aceita... »Os cétricos com satisfação e o fracos de espírito com muita facilidade», os elementos medíocres que correspondem a seu estado de espírito.

Somente pessoas instruídas e bem intencionadas poderão se estabelecer como posto receptor que atrai os elementos sérios do além.

Vê-se uma espécie de provas de identidade que podem se produzir em

sessão espírita: que se leia o caso seguinte que nós tomamos emprestado do sábio estudo do Sr. Gabriel Delanne: O caso do Sr. Abade Grimaud.

Eis aqui um outro exemplo mais recente, do qual ouvimos a narrativa da boca do Sr. Abade Grimaud, em um de nossas passagens por Avignon.

Eu poderia também desembaraçar-me de minhas observações pessoais, diz o Sr. Léon Denis, de numerosos casos de identidade de espíritos. Eu me limitarei a assinalar o seguinte, obtido em seguida a uma conferência contraditória que fiz na sede da prefeitura de Avignon, e durante a qual o Sr. Abade Grimaud me pediu provas da realidade do Espiritismo. Esses detalhes são extraídos de um processo verbal que eu tenho às claras. É assinado por doze testemunhas, eu o mantenho à disposição dos interessados:

Em 13 de janeiro de 1899, doze pessoas estavam reunidas na casa do Sr. David, praça dos Corpos-Santos, 9, em Avignon, para a sessão semanal de Espiritismo.

Após um momento de recolhimento, vê-se o médium, Sra. Gallas (em estado de transe), se virar do lado do Sr. Abade Grimaud e lhe falar na língua dos sinais empregados por certos surdos-mudos. A volubilidade mímica era tal que o espírito foi solicitado a se comunicar mais lentamente, com o que logo concordou. Por uma precaução da qual se apreciará a importância, o Sr. Abade Grimaud não fez senão anunciar as letras à medida que eram transmitidas pelo médium. Como cada letra isolada não significa nada, era impossível, mesmo que se quisesse, interpretar o pensamento do espírito, e somente no fim da comunicação que ele foi conhecido, tendo sido feita a leitura por um dos dois membros do grupo encarregado de transcrever os caracteres.

Além do mais, o médium empregou um duplo método, que anuncia todas as letras de uma palavra para indicar a ortografia, única forma sensível para os olhos, e que anuncia a articulação, sem levar em conta a forma gráfica, método do qual o Sr. Fourcade é o inventor e que está em uso

somente na instituição dos surdos-mudos de Avignon. Esses detalhes são fornecidos pelo abade Grimaud, diretor e fundador do estabelecimento.

A comunicação relativa à obra de alta filantropia, à qual se dedicou o Sr. Abade Grimaud, era assinada: irmão Fourcade, falecido em Caen.

Nenhum dos assistentes, à exceção do venerável eclesiástico, conheceu nem pôde conhecer o autor dessa comunicação, mesmo que ele tivesse passado algum tempo em Avignon há trinta anos, nem seu método.

Assinaram: os membros do grupo assistente à sessão: Toursier, diretor do Banco de França aposentado, Roussel, Domenach, David, Brémond, Canuel, Sras. Toursier, Roussel, David, Brémond.

Ao processo-verbal juntou-se a seguinte atestação:

“Eu abaixo assinado, Grimaud, padre diretor-fundador do instituto dos inválidos da palavra, surdos-mudos, gagos e crianças anormais, em Avignon, certifico a exatidão absoluta de tudo o que é relatado acima. Em nome da verdade, devo dizer que eu estava longe de esperar uma manifestação parecida, da qual eu compreendo toda importância, do ponto de vista do Espiritismo do qual eu sou adepto fervoroso, eu não tenho nenhuma dificuldade de declará-lo publicamente”

Avignon, 17 de abril de 1899

Assinado: Grimaud, padre

Devemos reconhecer que uma comunicação obtida com os sinais convencionais que somente o defunto era conhecedor, nos dá a melhor das provas de identidade que se possa desejar.

Entretanto, não será preciso imaginar que a observação seja tão fácil, que os exemplos acima tenderiam a fazer crer no milagre, porque são fatos recentes e dos quais nós conhecemos as testemunhas. Para aquele que não é favorecido com manifestações tão nítidas, encontrará, na história do Espiritismo, a confirmação de fatos similares atestados por testemunhas

cujos nomes são universalmente reconhecidos; recusar um conjunto de testemunhos convergentes não seria razoável. Que se estude primeiro e se achará, na Ciência, um apoio sério, na doutrina, uma explicação melhor do mistério, e nos fatos esclarecidos desta nova luz um novo meio de adquirir a fé.

O misticismo pôde ser uma fonte de ilusão, mas ilusão não existe mais quando se pode ver e tocar, que não se vai procurar o fenômeno nas nebulosidades da alma e que se materializa para nos dar provas, como é o caso das almas do purgatório.

VI

O purgatório

Há uma infinidade de casos, na história dos Santos, onde as almas vieram implorar o socorro dos vivos. Manifestações semelhantes se produzem ainda em nossos dias, tanto nos conventos como nos meios espíritas.

De acordo com a doutrina católica, o tormento do fogo é uma satisfação oferecida à justiça divina; as almas sofreriam em virtude de um julgamento feito. Não é mais razoável crer que elas sofram em razão das suas imperfeições e das reprovações que elas sentem em seu redor? A idéia de aliviar as almas sofredoras dissipando sua ignorância e modificando seu estado de alma, esclarecendo o estado de incredulidade que as afasta da esfera espiritual, não é superior à doutrina antiga que não é senão uma lembrança e um último vestígio da idéia do sacrifício que se oferecia aos deuses na antiguidade? Essa idéia é anterior ao ensinamento de Jesus, pois que Judas Macabeu oferecia sacrifícios para o alívio dos que tinham sido mortos em combate.

A idéia de que a alma deve se modificar por si mesma, e se elevar por seu próprio esforço, é uma das mais belas da doutrina espírita. Mas não podemos crer que no fim de um estágio de prova a alma, tendo perdido toda possibilidade de mérito ou de demérito, se melhore pelo cozimento, Deus não dá nada em troca de igual moeda.

De fato, não é assim que as coisas nos parecem, conforme as visões dos santos e dos videntes.

Se confrontarmos os fatos relativos às manifestações das almas do purgatório na história religiosa, concluiremos, de certo modo que isso pode se fazer por via experimental, e o resultado dessa exploração será sensivelmente o mesmo que se pode deduzir da observação espírita.

Se meditamos pouco sobre a infinita perfeição de Deus, se nós admitimos por outro lado que ninguém pode entrar no plano divino antes de ter atingido um grau de evolução, do qual a terra não oferece exemplo, somos obrigados a admitir que há estados intermediários entre a condição terrestre e a dos eleitos, são etapas que nós deveremos percorrer ainda após a morte, pois a alma não se eleva de um único salto, de seu estado de imperfeição, ao absoluto conhecimento e à infinita pureza. Por isso, não nos resta mais outra hipótese senão a de uma depuração da alma, que continua no além, por meio de uma evolução ascendente e por etapas sucessivas que são as diversas moradas, que são mencionadas no Evangelho.

A alma ao sair de seu corpo se encontra, no além, tal como era na terra; ela está liberta de seus entraves, ela sente faculdades mais extensas, mas ela não está imediatamente melhor, nem mais instruída. A ignorância de seu destino a perturba e é sua ansiedade que produz certas manifestações no plano terrestre.

A telepatia, que é o agente normal de toda relação entre as almas, permite também a certos videntes da terra assistir, no além, ao processo da desencarnação e ao progresso das almas que sobem em direção à luz. E o que elas descrevem não está de acordo com o que se nos conta da vingança divina.

Santa Perpétua, orando para seu irmão Dinocrate, o vê sair de um lugar obscuro onde muitos outros estavam com ele, seu rosto portava os traços de um câncer do qual ele tinha morrido. Ela não o viu fazer um salto do purgatório ao céu, mas ela compreendeu que uma grande distância aí o mantinha afastado. Pouco a pouco o lugar tornava-se menos sombrio, seu irmão saindo da obscuridade, se mostrava mais claro, mais limpo, melhor vestido. Finalmente, ela o viu portando uma leve cicatriz e ele não sofria mais. Observemos o que há de simbólico nessa visão, ela é a imagem do despertar progressivo de uma alma no além.

Ainda mais instrutivo é a visão de Maria de Agréda porque, em seu caso,

a alma se comunica com ela. Trata-se de dom Baltazar, filho de Filipe IV, rei de Espanha, este apareceu à santa pedindo-lhe preces e prometeu-lhe revelações. Por volta de três semanas após sua morte, ele se apresentou sob a forma humana e não falava de seus sofrimentos, mas somente das mentiras da terra, dizendo que seu anjo guardião o iniciava nas novas luzes: Irmã Maria, dizia ele, Deus quer aproveitar minha morte para ensinar a verdadeira ciência.

Numa segunda visita ele fez esta comunicação.

Mãe, o Altíssimo quer te fazer entender, por meu organismo de criança, a verdadeira ciência e verdadeira prudência. Quando eu vivia no meu envelope mortal, eu ignorava, essa ciência divina porque a corrupção e a matéria do corpo fazem nascer nas almas obscuras trevas; mas desde que eu tive despojado o peso da mortalidade, eu me abri a uma nova luz *que ainda não conhecia*, e meu anjo me iniciou em muitas coisas que eu te farei conhecer. Eu te asseguro, mãe, que desde que essa ciência me veio, e por causa dos erros e enganos que eu conheci agora, não quero voltar à vida que deixei.

Observem que é do purgatório que o príncipe assim se exprime, ele aí se encontra já muito melhor que na terra, como no número de comunicações espíritas e outras visões de santos aos quais as almas falam de um purgatório muito atenuado. No caso presente, a irmã Maria de Agréda não viu em seguida o comunicante que ela denomina *a luz*; é no purgatório que ela o supõe e ela diz que esse estado durou oitenta e dois dias.

Nas comunicações espíritas vê-se muitas dessas almas que não encontraram acesso no além; se elas não se dizem no purgatório, é que elas não sofrem a sugestão que os conceitos religiosos inspiram a certas pessoas, mas elas se dizem na escuridão, elas se acham na inquietude e não compreendem seu estado. Esse gênero de manifestantes não são interessantes senão do ponto de vista de identidade que eles fornecem algumas vezes, dando seu estado civil e nos informando fatos íntimos que somente eles conheciam. Os espíritos elevados tentam, como Don

Baltazar, nos orientar através de conceitos mais amplos do que o do fogo ardente e de instrumentos de torturas que, de acordo com os teólogos (P. Giry, 2 nov), seriam “os tesouros da vingança divina”.

Acham-se, entre alguns visionários do purgatório, descrições de suplícios horríveis, mas são imagens simbólicas, onde a sugestão representava um grande papel. Quando o morto fala, ele mesmo, quando se trata de uma aparição materializada, não é mais questão do fogo ardente.

Eis, por exemplo, um caso bem conhecido e aceito pela Igreja. É o de um nobre polonês evocado por São Stanislau, bispo de Cracóvia, a fim de que ele viesse testemunhar em um processo. Os espectadores o cobriam de questões sobre o que se passava na eternidade, mas ele se contentou em responder que não tinha vindo para revelar os segredos da outra vida. Interrogado pelo bispo se ele gostaria de permanecer na terra, respondeu que se ele estivesse no purgatório há três anos, ele preferia para aí retornar. O fato está inscrito em substância no Breviário romano e relatado sem nenhuma restrição pelos sábios “Bollandistes”. Eis um fato espírita bem caracterizado, com evocação, materialização e prova de identidade. Ribet na sua mística lhe atribui um caráter de veracidade e de certeza histórica.

Uma resposta análoga é dada pelas aparições históricas. O duque Henri II de Montmorency viu aparecer seu amigo o marechal de Portes, fato contado por todos os historiadores; ele lhe perguntou como as coisas se passavam no além e se ele tinha visto Deus. Não, respondeu o fantasma, eu estou somente na expectativa de seu julgamento.

Os relatos detalhados concernentes a fatos antigos são infelizmente bastante raros. Os autores piedosos negligenciaram nas precisões que interessavam ao psicólogo. Eis aqui, no entanto, uma descoberta pelo Sr. Ch. Victor Langlois, diretor dos Arquivos Nacionais, em um opúsculo que ele comunicou à Academia de Inscrições e Belas-letas, e que parece ter sido perfeitamente controlada.

Em Alais, em 1313, a casa de um honorável burguês, Gui Du Tour, tornou-se assombrada após seu decesso; não houve aparição, foi a voz do defunto que se fez ouvir junto de sua mulher. Havia, por isso, ação direta do falecido e não visão imaginária. Os religiosos chamados, assistidos por um tabelião e pelo senhor de Alais tomaram todas as precauções contra a fraude e a ilusão, e se dispuseram, entre quatro monges, para cercar a voz. Esta respondeu às questões postas.

Gui estava no purgatório, mas não era o purgatório comum, ele sofria um purgatório particular que o arrastava aos mesmos lugares onde ele tinha pecado. Ele declarou bem sofrer o suplício do fogo, mas uma outra resposta o fez ser taxado de heresia, para o que parecia tender o interrogatório. O bom prior lhe tendo feito dizer que a alma desgarrada do corpo conhecia todas as coisas naturais, ele replicou. Pois que tu tens essa ciência, por que não falas latim? O pobre espírito respondeu que Deus não o queria e pediu que se o deixasse sossegado. Mas, admiraram-se que, tendo necessidade de socorro, ele se dirigiu à sua mulher e não às autoridades religiosas. Enfim, por curiosidade os juízes quiseram saber, entre as pessoas falecidas, quem estava entre os eleitos e quem entre os condenados. O espírito respondeu que Deus não quer que se saiba essas coisas. Após o que o prior se armando de uma hóstia consagrada, começou a fazer sugestões, mas a viúva desmaiou e tudo voltou ao silêncio.

O Sr. Marcel Laurent, que comenta o fato na Revista Espírita, conclui muito judiciosamente. As inumeráveis comunicações recolhidas e constatadas há cinquenta anos nos têm, com efeito, conduzido a compreender que o desencarnado estava revestido no Além de véus por ele mesmo tecidos na Terra. O purgatório, nos ensinaram, não é possível, senão na condição de chamar assim o estado passageiro da alma que tem faltas a reparar. É bem um estado individual que se melhora à medida que o ser, aproveitando a consciência da eternidade, se depura lentamente através da progressiva perfeição. Essa verdade foi simplesmente expressa pelo “espírito Gui”, enquanto ele freqüentava sua própria casa, para confiar sua triste alma aos seus sobreviventes.

Hoje, quando os meios científicos empreenderam-se em pesquisar essas questões de perto, temos um melhor conhecimento de fatos que oferecem todas garantias de autenticidade e de exatidão, e podem ser submetidas a uma análise séria.

Podemos um fato que diz respeito a uma jovem moça que, graças às condições especiais onde ela se achava, em um convento, não podia ter recebido nenhuma informação de fora.

Em 29 de maio de 1907, o capitão Oldham, ao receber uma carta em que se revelava uma recusa a sua paixão amorosa, suicidava-se. A dama de seus pensamentos tinha uma jovem filha de 17 anos, afillhada do suicida, então em pensão em um convento da Bélgica.

No dia do enterro, ela se encontrava em presença de uma religiosa que conheceu como uma pensionista de suas amigas (Ela ignora ainda que esta tinha tomado o véu). A religiosa, pegou-a pelo braço, conduziu-a por uma parte interdita do convento na capela reservada e lá... ela viu vir até si o suicida que lhe tomou a mão e disse: Minnie, eu fiz uma coisa horrível, eu tirei minha vida porque a mulher que eu amava me desprezou e agora eu sofro horrivelmente. Eu não esperava por isso. Ore por mim.

É preciso ver aí, um fenômeno de exteriorização, pois a vidente viu seu corpo ficar no local que ocupava, e seu guia estava exteriorizado. Mas, eis um fato interessante: a partir desse dia, a cada manhã, o fantasma do capitão vinha visitar sua afillhada, e não lhe dirigia a palavra, mas a expressão de seu rosto se tornava pouco a pouco menos dolorosa. Enfim, no dia em que ela deixou o convento, o tio lhe apareceu em seu estado normal e não se o viu mais.

A vidente não tinha escrito a sua mãe porque, no convento católico, as cartas das pensionistas eram lidas, e as condições do convento não deixavam nenhuma possibilidade de ter recebido notícias de fora. Ela estava muito ansiosa para interrogar sua mãe ao voltar a Londres; esta não devia anunciar a morte, mas teria querido, por tudo no mundo, não falar

do suicida.

Nesse exemplo, observemos ainda que a alma sofredora não se encaminha senão pouco a pouco em direção a um estado melhor e que o purgatório de 1920 se apresenta bastante semelhante àquele da idade média.

Todos os santos, diz o abade Migne, e em particular os mais perfeitos, nunca cessaram de entreter, com as almas do purgatório, uma relação íntima e contínua de preces e obras de caridade.

Françoise do Santo-Sacramento recebia, dia e noite, os requistos das almas do purgatório. O que se observa sobretudo, junto dela, é que, entre os consulentes havia defuntos de toda condição, eclesiásticos, religiosos, leigos, papas, arcebispos, abades, padres, monges, nobres plebeus, que durante sua vida tiveram um grande zelo ou tiveram praticado grandes penitências, outros que tinham tomado ao contrário, as coisas menos seriamente; grandes personagens que tinham gozado, aqui, de uma boa reputação, com outros que tinham tido um mau renome; homens que dos quais se tem chorado sua morte como pais dos pobres, com outros que morreram sobre o cadafalso, cercavam a cela de Françoise, contando-lhe suas misérias, as faltas que tinham a expiar e lhe pedindo socorro e conselhos...

Quando Françoise estava no coro, todas essas pobres almas se mantinham na entrada da igreja, próximo da água benta; uma vez terminado o ofício, elas entravam na sua cela e lhe apresentavam sua súplica. Os defuntos davam-lhe uma porção de recados que ela executava no começo com grande exatidão; mas, como essas relações se tornavam muito incômodas para o mosteiro, seus superiores as proibiram.

É evidente que essa irmã era um simples médium, ela vivia em ligação telepática com o misterioso além, que explora todos os videntes.

Catarina Emmerich vivia em comunicação constante com essas almas que a obedeciam e quando ela as esquecia, elas a chamavam à sua lembrança

por batidas.

Os videntes do catolicismo poderiam fornecer informações preciosas sobre o processo da morte e das reencarnações, se suas visões fossem fielmente transcritas, infelizmente, elas são sempre interpretadas. Tal como são, elas se mostram freqüentemente de acordo com a psicologia do espiritismo. Assim, Catarina Emmerich vê um homem morto subitamente, em punição de seus pecados, ele permanece preso ao campo que tinha sido o objeto de suas cobiças. Não é fácil reconhecer o monoideísmo que liga os moribundos a seus últimos pensamentos. – “Eu vi, continua a Santa, alguma coisa do estado no qual a alma desse infortunado se achava desde a sua morte. Eu o vi a uma certa altura no mesmo lugar onde ele tinha morrido num círculo, numa esfera na qual todas as imagens de suas faltas, com suas tristes conseqüências, lhe eram apresentadas e se uniam para torturá-lo... No momento em que era torturado por uma espécie de desespero, ela ia cair no abismo, Jesus-Cristo fez uma prece e pronunciou o nome de Nazor (assim se chamava o defunto) e ela foi reunir-se a seu corpo.”

“Entretanto, o Salvador diz aos que tinham acompanhado a esse campo: retornemos ao berço, veremos Nazor em plena vida. Ao som da voz do Salvador, colocou-se em movimento e se aproximou do corpo, sob uma forma menor que a que tinha visto primeiro, ela tinha penetrado na entrada e, no mesmo instante, o morto saindo de seu sono se pôs em cena. Eu sempre vi a alma humana, descansar de algum nodo acima do coração. Daí partem numerosos fios que a fazem comunicar-se com o cérebro.”

Temos ainda muito que aprender para chegar a um melhor conhecimento da alma; não é preciso temer juntar e confrontar as visões de todos os que são capazes de observar as almas no período que segue imediatamente a morte, na condição de observá-los como um objeto de estudo e não como revelações. Importa também fazer a distinção necessária entre as manifestações reais e as visões imaginárias. As pesquisas do Magnetismo, do Espiritismo, da Psicologia científica nos esclarecem agora com uma clareza completamente nova, elas nos permitem interpretar certas

manifestações da história religiosa da qual o passado não é mais defensável.

VII

Os malefícios da sugestão

Dizem que papel representa um pensamento obsedante nas aparições que se produzem no dia seguinte à morte. A monoidéia que uma pessoa traz à sua última hora se revela, nela, como a idéia, imposta a um sujeito hipnotizado, que reaparece no momento de seu despertar.

Nem tudo é ilusão nas revelações dos extáticos que vêem pessoas piedosas queimar nas chamas, a imagem pode ser sem consequência se for somente uma visão imaginária; mas, se há uma manifestação real do falecido, pode haver aí uma verdadeira súplica criada pela sugestão. A idéia que nos obseda pode tornar-se equivalente a uma realidade, e podemos ter uma de acordo com a perfeição com a qual se objetivam as imagens no curso das experiências de hipnotismo.

Vemos, por aí, os perigos criados pelas monoidéias, tais como o temor do inferno e o pavor do julgamento. As visões do inferno não existiam entre os primeiros cristãos, não os vemos aparecer antes da Idade Média, e elas se tornam epidêmicas com os terrores da Inquisição. A Igreja, então, tinha tomado a velha idéia pagã, dos deuses cuja cólera não podia se apaziguar senão com o sangue das vítimas; desde então, a salvação das almas não dependia mais da observação dos preceitos evangélicos, ela dependia unicamente do sofrimento, somente resgate do pecado. A sugestão era tão forte que os fiéis, e sobretudo os santos, viviam numa perpétua hipnose, petrificados nas feridas do Cristo e fixados na idéia totalmente material dos suplícios do purgatório que persistia após a morte.

Qual devia ser o estado de ânimo desses fiéis que, não vendo de imediato a luz divina, não ousavam mais deixar o ambiente terrestre e ficavam presos ao lugar de seu falecimento para reclamar por missas, peregrinações, disciplinas, etc., segundo a idéia que cada um fazia quando era vivo!

Vemos ainda hoje, exemplos disso, nas aparições que vêm solicitar preces; elas são particularmente terrificantes nos conventos, porque, aí, excitam a imaginação pela imagem das torturas das quais se gabam a eficácia colocando-as em paralelo com os sofrimentos da Paixão, acompanha-se de meditações piedosas sobre a eternidade das penas, e pobres religiosas falecidas, que não compreendem mais nada de seu estado, se crêem condenadas às chamas; eles vêm solicitar aos vivos o sacrifício heróico de sua própria pessoa pois que, segundo a doutrina ensinada, eles nada mais podem merecer pessoalmente. O sofrimento de outrem é a única moeda com a qual eles podem pagar sua libertação.

Uma pequena brochura piedosa, que se publica em Roma sob o título: *O Purgatório*, constitui uma coletânea de documentos autênticos que, por sua similitude com os que a Psicologia já registrou, merecem todo crédito. Aí, o trabalho da imaginação aparece visivelmente.

São manifestações de pessoas devotadas, aplicadas às práticas de piedade e que se maravilham de se ver transformar em almas sofredoras. Elas dão, de seu Purgatório, explicações que mostram com uma clareza estranha os efeitos da auto sugestão.

Por exemplo, em 1894, uma irmã da ordem de São-Luis Gonzaga adoeceu do peito. Eu cito o mesmo texto da brochura nº 170, fevereiro, 1910.

“Então começou sua agonia, pode-se dizer, e a pena se recusou escrever o martírio dessa pobre vítima do divino amor; a tosse, a sufocação, os inchaços, que lhe tornavam impossível todo movimento e colocavam sua paciência a uma rude prova, e seus tormentos se prolongando além de suas previsões e nossas, ela se achava no limite das suas forças.”

“Temendo se cansar e se perder, por uma falta de resignação, o mérito de longos meses de sofrimentos, ela se pôs a desejar a morte para escapar a esse perigo, e mesmo que ela orasse as que a visitavam a solicitar para ela uma graça. Ela se achava com efeito num estado lastimável, sua vista arrancava lágrimas, parecia um crucifixo.”

Assim, eis seu pecado!... a irmã vai morrer nesse estado, o medo de perder o fruto de seus longos sofrimentos vão se tornar a monoidéia que, por outro lado, agirá sobre ela. A superiora conversava com ela sobre essa idéia fixa, dizendo-lhe que os sofrimentos do purgatório são bem mais penosos ainda do que os que ela sofre nesse momento, tais são, com efeito, as consolações da religião; e a narração continua: “Na noite de 2 a 3 de junho, ela reencontrou suas boas e santas disposições, que reabilitaram sua força, e até o último suspiro ela ficou calma, sorridente mesmo. O dia seguinte, domingo, foi também calmo. Na segunda-feira, começou a última agonia, mas ela se manteve sossegada, e na terça-feira, às 3h15 da manhã, ela expirou como uma vela que se apaga.”

“Desde a noite seguinte, ela apareceu à irmã Margarida Maria do Sagrado Coração, revestida de seu costume da ordem de Santa Clara: hábito cinza, chapéu, véu negro.

“A irmã exclamou: Oh! Irmã Maria de São Luis, vós já estais lá? Ela responde: Eu pedi a permissão ao Sagrado-Coração de Jesus para vir encontrar-vos e ele me permitiu. Vós estais no céu? Não, eu estou no purgatório. Como, vós que tanto sofrestes, estais no purgatório? Sim, ficarei aqui por vinte dias; *por ter desejado o repouso da morte para não mais sofrer...* Nossa Reverenda mãe me dizia o que se sofre excessivamente no purgatório, eu o sinto agora.”

Eis um exemplo bastante impressionante do perigo da sugestão que persiste no além; o psicólogo poderia supor uma alucinação visual e auditiva da parte da irmã Maria do Sagrado-Coração; mas, como freqüentemente acontece nas manifestações espíritas, a irmã santa Luis Gonzaga, falecida, deixou um traço visível de sua passagem. Tendo apoiado sua mão sobre o ouvido, ela deixou aí uma marca que foi encontrada no dia seguinte.

No dia 26 de junho, isto é, catorze dias depois, a vidente reviu a irmã santa Luis que, dessa vez, lhe diz: Eu vou para o Céu, todos meus

sofrimentos acabaram..., juntando essa explicação ingênua; As orações abreviaram meus sofrimentos e também *por causa de minha festa*, Nosso Senhor me tirou do purgatório. Enfim, ela apareceu ainda no dia 29 de junho, para dizer, simplesmente: No futuro eu não voltarei mais a vos encontrar.

É de admirar-se que religiosas tenham podido fazer, da ação divina, uma idéia tão imperfeita.

Uma vida piedosa e o regime ascético deveriam dar abrigo contra esses perigos. Isso em nada se parece com uma doutrina que ensina que a perfeição infinita de Deus dá um valor infinito à mais leve ofensa e a qual não poderia se expiar, se não fosse a graça, como no infinito dos suplícios prolongados na infinitude do tempo.

As pessoas, que não são iniciadas nessa educação dos conventos, não podem senão dificilmente apresentar o estado de alma dessas religiosas cujos ouvidos foram saturados com o refrão de que uma hora da visão de Deus não poderia ser comprada senão por milhões de séculos de suplícios mais cruéis.

Vale mais chegar no além na complete ignorância, do que aí tombar a alma recheada de idéias ímpias sobre a vingança e a cólera infinita de Deus, pois aquele que está na obscuridade pode ainda procurar a luz, mas aquele que consentiu e aceitou essa sugestão custa a liberar-se no além. Se ele não vê imediatamente a luz divina, obstina-se no que ele crê ser uma questão de fé, e eis um exemplo da maneira como ele explica sua situação.

Tirado de uma vida do cardeal Pitra, por Albert Battandier e citado igualmente no jornal *o Purgatório*, julho de 1909.

Aqui a vidente e uma religiosa que viu a irmã do cardeal Pitra no purgatório. Esta era, no entanto, um modelo de piedade e virtude. Ora, eis a narração da religiosa.

“Qual não foi minha surpresa quando, nos dias que precederam o T. S. Trindade, eu a vi muito aflita e vertendo lágrimas. Comovida com essa visão, eu não pude fazer mais do que lhe perguntar a causa de sua dor e ela me respondeu:”A cólera de Deus contra mim é bem grande e eu devo apaziguá-la . Ela me disse isso com um acento tão ardente que ela parecia me comunicar.”

“E, então, para consolá-la, eu lhe respondi que lhe prometia pedir ao Senhor sua liberdade para a festa da Santíssima Trindade (27 de maio de 1888). Ela se consolou e ficou quase feliz. No dia mesmo dessa festa, ela se apresentou a mim de novo. A primeira coisa que ela me disse foi isto: Anuncie a meu caro irmão minha grande felicidade de subir hoje ao céu.”

Quanto à razão de sua pena, eis a explicação dada pela aparição: “Se eu fiquei distante do Céu, é que o Senhor me censurou o que ele censurou a Marta quando ela o servia com muito zelo.”

Pode-se dizer, ainda nesse caso, que a vidente somente tinha sido sugestionada, mas a narração apresentou um detalhe que seria uma prova de que a entidade que se comunicava era uma pessoa real. Como muitas aparições espíritas ela anunciava uma morte: Diz a meu irmão que ele não tardará a se juntar a mim na minha morada. O que se realizou com efeito.

Os exemplos são abundantes; seria inútil citá-los mais. A sugestão da última hora persiste após a morte, ela agia outrora como hoje em dia e, se a história do passado é tratada como lenda, os fatos observados em nossos dias lhe dão um certo fundamento.

Os fatos acima explicam, numa certa medida, a história de São Martinho de Tours que entrava tão freqüentemente em conversação com os mortos. Como ele se dirigiu ao túmulo de São Gatien, seu predecessor, para lhe pedir sua bênção: Tu também, responde o santo do fundo de seu túmulo, eu te peço para me abençoar.

Como aconteceu em Toul, uma virgem sagrada, diz o abade Migne, sepultada há pouco, lhe gritou: Santíssimo pontífice, tenha piedade de uma pobre defunta sepultada neste lugar; pois meu corpo está aqui escondido sob a terra, mas minha alma está atormentada.

A Arthonne, um burguês do Auverne, foi rezar sobre a tumba de uma santa religiosa chamada Vitaline, e ele a evocou nesses termos: Santíssima virgem, diz-me se já obtiveste a visão do Senhor? Eu estou impedida disso, respondeu ela, por uma coisa que, na época, me parecia bem leve: numa sexta-feira santa, dia no qual sabemos que nosso Redentor sofreu, eu lavei a cabeça com a água. O que arrancou a São Martinho exclamação bem justificada: Infelicidade para nós que vivemos neste mundo! Se esta virgem consagrada ao Cristo mereceu um castigo por lavar a cabeça num feriado santo (*uma sexta-feira*), o que acontecerá conosco, nós que todos os dias nos enganamos, arrastados ao pecado!

É impossível ler a vida de São Martinho sem reconhecer que ele possuía todas as formas da mediunidade espírita, e podemos interpretar a lenda. Os mortos não saíram dos túmulos para lhe responder, mas sua lucidez e sua mediunidade auditiva lhe permitia comunicar-se com eles, como o caso se apresenta ainda bastante freqüente nos conventos. A origem dessas sugestões após o falecimento se explica pelos costumes da época. Assim, nos tempos de escravidão, o escrúpulo religioso se traduzia por um exagero das observações rituais (lavar a cabeça numa sexta-feira) que parece com a mentalidade dos povos prostrados diante dos soberanos orientais; hoje, as autoridades visando antes disciplinar os espíritos, é no exagero da submissão que se manifesta a superstição e a monoidéia. Deus se ressentido de uma grande cólera contra a santa religiosa que, numa crise de dor, ultrapassando o limite de suas forças, tenha desejado sua morte.

Esse gênero de fetichismo é uma última forma de sobrevivência dos crentes antigos no valor intrínseco do sacrifício. É preciso oferecer a Deus dores, suplícios, e essa idéia criava uma sugestão terrível. Na idade média, ela se materializa nas visões dos santos.

Mas, não creio que houvesse exemplo de aparições reais confirmando as formas cruéis da vingança divina. As visões do inferno são sugestões terrestres e os espíritos do além não sofreram senão da ansiedade e da incerteza de seu próximo estado, da sensação de solidão e de obscuridade que eles podem temer durante a eternidade, todo o resto não é senão visão hipnótica com lembrança ao despertar.

Eu vejo, na *Mística* de Ribet, os diabos a se abater sobre piedosos anacoretas, com formas terrificantes, dentes de cavalo, goelas que vomitam fogo; eles os tiram de suas celas, transportam-nos no ar, e os suspendem acima do abismo escancarado. É nessas condições que eles vêem os demônios exercer todos os gêneros de suplícios sobre suas almas de pecadores; mas, no fim das contas, os diabos, sem fazer mal algum, soltam suas vítimas ao barulho dos cantos celestes, e na aurora, elas se encontram em suas celas. É o sabá das almas piedosas, o que não tem mais realidade do que aquele dos bruxos.

As almas do Purgatório que se manifestam são concretizações de idéias do dia que iludem aqueles que tiveram esse pesadelo.

Resta sempre alguma coisa dessas superstições na literatura piedosa, e o jornal católico, *o Purgatório* pode ainda, em 1910, oferecer á edificação de seus leitores a narração da Veneranda Clara Isabel Fornari (1697), escrita por ordem de seu bispo.

Trata-se de uma religiosa em agonia, em torno da qual a Veneranda abadessa viu uma nuvem de demônios alegres a dançar a sarabanda. Ela observa logo a imagem da moribunda, suspensa como por um cabelo acima da fornalha, no purgatório, atormentada por doze demônios. Seu anjo a guiou através do inferno, ela reconheceu dois religiosos sentados sobre cadeiras de fogo, uma terceira cadeira estava vazia, ela tinha sido preparada para a moribunda que dela tinha se liberado por suas preces e, para se vingar, os demônios a colocaram nessa cadeira, onde flagelada, rasgada, ela se sentia morrer sem morrer jamais; mas tudo isso não era nada, comparado às torturas dos verdadeiros condenados, a quem se

arrancavam sem cessar os olhos e o cérebro, etc, etc, E a piedosa brochura conclui: Aí, toca-se a dedo a cólera infinita de Deus, e ela acrescenta, que eles são punidos muito menos do que eles merecem. O que é terrível, é que essa idéia segue, além da morte, aquele que dela se impregnou. O abade Curicque publicou, em 1906, no *Écho du Merveilleux*, o caso de uma religiosa obsediada pela alma de seu pai. A obsessão começou por volta do dia 17 de setembro, mas a sugestão aparece somente no dia 29, data na qual ela teve conhecimento do decesso.

Enfim, quinze dias mais tarde, ele viu seu pai, cuja imagem apareceu entre sua cama e a muralha, parecendo-lhe envolta em chamas. A visão se renovava freqüentemente, a irmã ouvia gemidos: Minha querida filha, tenha piedade de mim! Interrogada, a visão respondeu: Não, eu não cometi nenhuma injustiça, mas eu sofro por minhas impaciências contínuas.

Logo, a religiosa o viu numa cisterna em chamas onde o pai, mostrando sua boca seca gritava: tenho sede! Ele aparecia diariamente, e isso até 3 de dezembro, data após a qual ele apareceu menos triste.

O que é estranho, é que não se pensa mais, nesse momento, senão em impor-lhe questões que ele não tinha nenhuma razão de conhecer melhor que quando na terra. Perguntou-se-lhe a opinião sobre as aparições da Salette, sobre o futuro da França?...etc. O pobre homem respondeu segundo as opiniões do dia, mas isso só foi liberado no Natal.

O fato não está de acordo com a tese dos teólogos, para quem a alma se manifesta em virtude de uma graça especial. A alma com permissão teria aproveitaria, em seguida, o favor divino; mas o pai começou por oprimir a religiosa durante quinze dias, ele a acompanhou noite e dia, no refeitório, no confessionário, no recreio, por todo lado, e isso durou três meses, a sugestão das chamas não se concretizou antes que a notícia da morte tivesse chegado até ela, enfim a grande caldeira se concretizou somente um pouco mais tarde.

E, entretanto, a ação do falecido é real pois que a assombração começou na data do falecimento, que a religiosa não podia conhecer. Temendo a ilusão, a irmã tinha pedido a seu pai um sinal sensível de sua presença apresentando-lhe sua mão. O pai tinha respondido: Não, eu não te darei essa marca, a pena que tu provas é vontade de Deus e essa incerteza que faz teu tormento deve contribuir para a minha libertação. Na noite, entretanto, ele deu a prova, tocando o ombro de sua filha, ele aí fez uma queimadura através de suas vestes e, como numa experiência do Sr. de Rochas, essas vestes não traziam nenhuma marca. Enfim, até a libertação, que veio no dia de Natal, na missa da meia-noite, tudo tende a nos demonstrar que a sugestão se mistura, nesse caso, à ação real do falecido.

Esse gênero de aparições não difere muito das almas em sofrimento com as quais os Espíritas entram em conversação; o que as torna mais penosas, é que elas se dirigem a sujeitos que sofrem eles mesmos a sugestão e para quem a serevidade de Deus e os suplícios de um inferno que eles criaram em si, tornam-se uma pavorosa realidade.

Em 1887, morria em Jerusalém o P. Mathieu Lecomte, fundador de um convento bem conhecido por lá. Esse piedoso dominicano, malgrado seu zelo religioso e seus trabalhos apostólicos, morreu com a idéia fixa do purgatório. – “Minha filha, dizia ele à religiosa que cuidava dele, não é suficiente fazer coisas boas para agradar a Deus, é preciso fazer com uma pureza de intenção...

Oh! Quando eu for, rezai muito por mim! Malgrado as promessas, ele morreu apreensivo.

As semanas se passaram, as preces diminuíram, e eis aqui como o jornal de Poitiers *Le Messager de Marie*, relata a manifestação: “Um dia, trabalhando em sua câmara, a religiosa escuta de repente um barulho; um cheiro estranho e penoso, análogo a enxofre e fumaça, se fez sentir e uma voz suplicante, que ela reconhecia no instante, pela do religioso morto, este diz: Minha filha! Oh! Rezai por mim. Eu sofro horrivelmente!”

“E tudo se dissipou pouco a pouco!”

“Quinze dias após, os mesmos fenômenos, com menos intensidade. O defunto declarou que tinha sido aliviado pelas preces, comunhões, rosários, penitências e outras boas obras, etc..

Entretanto, foi preciso ainda missas, e um belo dia um irmão do convento escuta bater à sua porta:

Entre, diz ele. E o padre Mathier Lecomte avançou em sua direção, sorrindo, como durante a sua vida, e lhe perguntou pelas notícias do convento.

“Padre, nós vamos bem, no entanto, que vazio entre nós, a vossa partida.

“Coragem, respondeu o P. Lecomte, eu subo ao Céu. Dizendo isso, ele apertou afetuosamente a mão do religioso, cujo nome nós calamos porque ele ainda vive. – Depois, ele retornou pela porta da cela, que ele fechou atrás de si. O irmão, o que quer que tenha sido, não viu e não escutou mais nada.”

Como se vê, a metapsíquica religiosa não difere da nossa. São sempre movimentos de objetos, batidas, aparições e materializações que se produzem sob a influência de alguma preocupação obsessiva. O ascetismo dos conventos não protege contra as cóleras divinas, porque a cólera de Deus contra a fraqueza criatura humana não é senão uma sugestão ímpia da teologia mal compreendida.

Vê-se que isso custa para abandonar sua consciência a direções estranhas, dormir no pesadelo do Deus vingativo e de suplícios para resgate do pecado, ou salário do paraíso; idéia que subsiste ainda no ensino religioso, e que precisa conduzir a uma interpretação saudável.

Poderíamos crer que a renúncia à vida é uma virtude; que, se algumas pessoas tímidas acreditassem que bem faria fugir dos perigos do mundo,

isso, pelo menos, não seria perigo para elas, é um erro, é preciso evoluir, é preciso passar pela prova, o progresso não se faz sem isso. Não é suficiente conservar sua inocência e manter intacto o tesouro da vida que Deus nos confiou, é preciso fazê-lo frutificar. É o sentido da parábola dos talentos (Mat., XXV, 15 a 30).

Lembra-vos dessa parábola, que vós sereis julgado do mesmo modo que vos tereis julgado a vós mesmos, temei que o Deus de clemência se mostre inacessível àquele que terá criado, em si, a imagem do inferno.

Treme-se ao pensar nos efeitos da sugestão, e no mal que podem fazer os diretores de consciência às almas fracas que se apóiam neles.

VIII

As assombrações

O Espiritismo se interessa particularmente pelas manifestações de ordem física, porque é o ponto de partida da maior parte das conversões.

Esses fenômenos, que se produzem espontaneamente, nos permitem freqüentemente reconhecer sua origem e, nesse caso, constituem provas de identidade e de sobrevivência.

A Igreja registra muitos exemplos dessas assombrações provocadas pelas almas do purgatório, idênticas às comunicações espíritas, e dando a mesma prova. O objeto dessas visitas do outro mundo é sempre uma demanda por preces, reparação, restituição. A forma é sempre a mesma, são vozes escutadas, toques de mão acariciando, deixando marcas visíveis, golpes ou movimentos de objetos. Sejam citados pelos Pais da Igreja ou por outros autores modernos, têm a mesma característica de aviso que se renova até que se tenha prestado a atenção; e os teólogos estão de acordo conosco quando eles reconhecem que as almas do purgatório manifestam assim sua presença, que elas voltam para anunciar sua libertação e que, se esses fenômenos coincidem com a morte das pessoas que nisso são os agentes presumidos, não é razoável procurar aí outras causas.

Os espíritos recém chegados no além, se sentindo ainda agarrados à ambiência terrestre, não se acham tranquilos, eles não ousam romper esse último laço da vida, eles não ousam morrer. É então que uma inquietude de ordem profissional, uma preocupação relativa aos negócios de família e sobretudo a monoidéia do purgatório e do inferno, são a causa comum das assombrações. E para reabilitar o Espiritismo, não temos necessidade de outros documentos senão os que se acham em cada página da história religiosa e que confirmam plenamente a natureza dos fenômenos observados.

Recorramos ainda ao pequeno jornal católico.

O Purgatório. Eis aqui uma narração que é extraída dos arquivos da igreja paroquial de Monfavet, paróquia de Avignon, antigo convento de Franciscanos.

“Esse mosteiro estava infestado e molestado há muito tempo por espíritos malignos que por vezes, com seus golpes e berros pavorosos, causavam pavores mortais a nossos pobres religiosos, Mas o R. P. Fouques, cheio de fé, após ter sofrido muito, resolveu levar o Santo Sacramento processionalmente em todo o recinto que nós possuímos, o que lhe favorecia, pois que todo o barulho que se escutava, primeiro no dormitório dos religiosos, se encerrava na pequena torre do Norte, na qual tendo feito escavar bastante profundo, encontrou-se aí uma carcaça cujo crânio tinha sido fendido por um golpe de machado, o qual, após o que nossos religiosos o pegaram e o sepultaram no cemitério de nossa igreja, toda sorte de barulho cessou sem que se tivesse, desde então, jamais sido molestado por nenhuma visão nem a menor inquietude, nenhum barulho, o que se deve por direito atribuir à virtude desse Reverendo Fouques que, temendo más conseqüências de todas essas visões e infestações, importunou o céu por preces contínuas e jejuns e outras mortificações extraordinárias para a santa Mãe, sob a proteção de quem essa casa é consagrada, para querer libertar os pobres religiosos de um lamentável incômodo.”

B. CHABROL
Curé de Montfavet

Certificado conforme o original.
Montfavet, 1º de dezembro de 1911.

O caso de assombração é semelhante a todos os que foram constatados até esse dia. O convento foi perturbado por manifestações barulhentas até que os religiosos decidiram prestar atenção, e desde que o espírito quis que se ocupasse seriamente disso, ele não se refugia, como se diz, na torre do

norte, mas simplesmente ele continua a se manifestar no lugar onde deseja que se façam as pesquisas. Quando se descobriu o cadáver, os barulhos cessaram.

O mesmo jornal (nº 191) cita, na mesma época, uma casa assombrada em seguida ao falecimento de Christophe Walbach, em 1605, várias pessoas viram a sombra do defunto e a casa foi assombrada até 1670. Nessa época, o abade Mathias Eberlé viu o espírito se erguer diante dele, seu livro aberto se fechou sozinho e o espírito, colocando seu polegar sobre a cobertura, aí deixou uma profunda marca digital, essa relíquia foi conservada em *O Purgatório*, publicada em uma fotografia. É uma antiga encadernação em madeira, coberta com pele de javali, o polegar a penetrou profundamente.

Eis aqui uma outra narração, tirada do nº de agosto de 1909, e que é de natureza francamente espírita.

Em 1768, os religiosos do convento de Beresteze (em Tirnavie) foram perturbados por ruídos extraordinários. A cela onde se davam as disciplinas estava particularmente assombrada. Portas e paredes dessa cela apresentavam golpes tão formidáveis que o irmão Martinho, que ocupava a cela vizinha, ficou gravemente doente.

Na noite do dia 15 de maio de 1768, o irmão Martinho escutou uma formidável pancada, ele ficou aterrorizado, mas se controlou logo, implorou assistência divina. A alma do purgatório lhe apareceu. Dessa visão, irmão Martinho narrou as palavras do Psaume: Que todo espírito louve ao Senhor! Ao que a alma respondeu: Et ego laudo...Não tenha medo Martinho, pois eu mesmo me chamo Martinho.

“Irmão Martinho tentou se levantar, mas não conseguiu, sua fraqueza era extrema. A alma então o ajudou com muita delicadeza, deixando-lhe ao mesmo tempo impressa, em forma de braços e de mãos, duas marcas de fogo que se conservam ainda; sobre o assoalho do miserável, ela deixou a marca de fogo da palma e dos dedos da mão direita, mas sem profunda

queimadura; ela deu os mesmos sinais sobre a pequena mesa. A vela de sebo que estava apagada se acendeu de repente. Todos esses objetos trazendo seus sinais respectivos foram colocados no oratório.”

“Irmão Martinho perguntou à alma o que ela desejava; esta lhe respondeu: seis ofícios aos mortos, três *de profundis*, uma vez as ladainhas para os defuntos, os *répons libera me Domine* e uma missa que tu dirás a teu Superior para me dedicar. Dito isso, a alma desapareceu.”

No mesmo dia 16 de maio, a missa foi cantada pela comunidade. Irmão Martinho cumpriu também todos os outros sufrágios pedidos. Na noite seguinte, a alma se apresentou radiante, agradeceu e disse: Eu não tinha te pedido uma missa cantada, mas somente uma missa baixa, mas o que vós fizestes a mais servirá para outros religiosos defuntos... Eu sou o irmão de tua mãe, diácono do clero secular. Tu não me conhecestes, pois eu já estava morto quando tua mãe se casou..., tu me teria libertado mais cedo se, aos primeiros ruídos escutados, tu me tivesse perguntado o que eu desejava..., etc.

Essa última observação tenderia a fazer acreditar que a alma sob pena submeteu-se às contingências naturais e que sua sorte dependia da intervenção humana bem mais do que o julgamento de Deus. Sempre nos apoiando sobre documentos de fonte religiosa a mais ortodoxa, e considerados como autênticos, encontramos uma confirmação cheia de duas grandes verdades que são a base do ensinamento espírita: possibilidade da ação fora dos órgãos e mensagens intelectuais; isto é, comunicação do defunto com os vivos. Mas é tempo de passar aos exemplo mais recentes. Citamos sempre *o Purgatório*.

O nº de abril de 1909. Isto se passou em 1868, é a história de um bom cristão, homem convicto e praticante, piedosamente falecido com todos os socorros da religião e que volta entretanto como uma alma penada, a provocar fenômenos de assombração na sua própria casa. A família inquieta teve por bem implorar ao céu e multiplicar as missas, os ruídos aumentavam em intensidade e duração. Cada dia, à mesma hora matinal,

onde o defunto tinha costume de se levantar, a pá e os ferros (de remexer as brasas) se remexiam sozinhos na chaminé; as duas filhas, escutando o ruído, e a viúva, doente e acamada, tinha a sensação da presença de seu marido.

Finalmente, o cura foi consultado; ele assegurou que não era preciso se inquietar, o bom Deus permitia algumas vezes essas coisas para instrução dos vivos. Entretanto, ele consultou a família se não restava nenhuma dívida, mesmo leve. O mais minucioso exame das contas nada tendo revelado, toda a família e uma numerosa assistência uniram suas preces num serviço solene para a libertação do defunto. Mas na tarde do mesmo dia, qual não foi a desolação da mãe e das filhas quando elas escutaram os garfos agitados por uma mão invisível e ressoando cada vez mais forte contra as grelhas (da chaminé).

"De repente, a viúva se dirigindo a sua filha disse: Teu pai está aí, eu o sinto. Depois, cada vez mais emocionada, ela querendo afastar a cortina, sua mão encontrou uma outra mão fria como o mármore que ela apertou na sua. Nesse momento, uma luz súbita lhe veio ao espírito: meu pobre amigo, perguntou ela, seria a peregrinação a Fourvières que tu tinhas prometido que te inquieta? A mão fria, por sua vez, apertou a sua. A pobre viúva, angustiada mais do que se poderia supor, tomou o sinal como um assentimento. Eu te prometo, responde ela, de fazê-lo para ti o mais cedo possível e, como prova, eu vou por de lado imediatamente a soma necessária para isso, com uma oferenda como tu tinhas o costume de fazer. Quanto eu rogo a Deus de te dar o santo repouso. A mão gelada apertou novamente pela última vez a sua, como um agradecimento e um adeus, depois ela não sentiu mais."

O que é preciso observar, nesse caso, é que a satisfação de acordo com uma monoidéia, se mostrou muito mais eficaz que as missas e as preces.

Um escrúpulo tornou-se uma idéia fixa pela qual a alma estava acorrentada. Não encontrando, imediatamente, o céu da sua crença, o desencarnado não pode explicar seu estado de outra forma senão como

um purgatório e, encontrando junto aos seus as faculdades mediúnicas que se revelam a ele, aproveita para dar os sinais de sua inquietude.

Uma forma de assombração freqüentemente observada é o caso das mulheres elétricas que colocam em movimento todos os objetos aos quais elas se aproximam. Considere-se ordinariamente como um simples fenômeno de animismo; entretanto, eles são devidos, algumas vezes, a uma intervenção estranha. Não é mais a casa, nesse caso, que está assombrada, é a pessoa que se acha obsediada por aquele se agarra a ela.

O exemplo seguinte se encontra na piedosa brochura, nº de julho de 1911.

Trata-se de uma religiosa bem inocente que se crê agora no purgatório porque ela morreu sem ter podido dizer, a uma de suas colegas, o que lhe tinha prometido dizer.

Desde então, a sobrevivente via remexer seu crucifixo, sua ampulheta, a roupa que ela remendava e, à noite, ela ouvia grandes ruídos. Quando ela se decidiu informar a superiora, velaram em torno dela, alternativamente, de sorte que toda a comunidade pôde constatar os fatos. A religiosa, irmã Marie-Elisabeth d'Ozenay, que sem dúvida era vidente, se decidiu interpelar a falecida. Logo, uma pequena campainha que se achava lá soou cinco vezes e a defunta fez saber que, se ela fizesse seus exercícios espirituais até o Pentecostes, seria liberada.

Assim foi feito, e os fenômenos cessaram em torno da religiosa. Entretanto, durante o tempo em que esta assumiu a tarefa de fazer os exercícios, ela sentia a presença da defunta a seu lado. O mesmo nº do *Purgatório* continha uma outra narração bem notável, em que ela dá uma magnífica prova de identidade numa forma espírita.

Trata-se de uma jovem aluna de um convento da Visitation d'Avignon, cuja conduta não era exemplar. Eugênia, era o seu nome, tendo vindo fazer uma visita ao convento, aí se achou por acaso no momento da

agonia de uma certa irmã Marie-Ambroisine e, como se pediu à moribunda para orar pela ovelha desgarrada, Eugênia foi batida pelo olhar da boa irmã que se fixou sobre ela respondendo: Sim, eu sei, ela tem necessidade disso. E eis aqui o que aconteceu.

A mãe de Eugênia, empregada dos correios, estando retirada em seu quarto, viu aparecer na entre a cama e a parede, uma religiosa que lhe era perfeitamente desconhecida. A irmã Marie-Ambroisine, pois era ela, contou logo sua última entrevista com Eugênia, revelando à sua mãe que havia no jardim, um lugar onde sua filha escondia certos presentes e uma correspondência condenável.

A mãe descobriu os objetos indicados, com estupor, ela escreveu à sua filha uma carta indignada, avisando-lhe para retornar para junto dela. Eugênia, nada querendo confessar, colocou como condição de seu retorno que se lhe fizesse conhecer o autor da revelação. A mãe, sem mais tardar, escreveu uma segunda carta, onde ela lhe nominava a irmã Marie-Ambroisine.

A jovem filha, apavorada por essa denúncia do outro mundo, entrou no mosteiro de Tarascon, onde sua vocação, que parecia contrariada pelas exigências de uma natureza ardente, foi bastante laboriosa. Todavia, ela aí morou e aí morreu piedosamente.

Enfim, resumimos, aqui, uma narração bem interessante comunicada ao *Purgatório* pelo Sr. cura de Beaumont-de-Lomagne (Tarn-et-Garonne), e foi publicado em junho de 1912.

Esse fato, que data de 1901, é o de uma religiosa, presa durante 45 anos a um hospício das irmãs de São Vicente de Paulo, e que voltou para assombrar o estabelecimento no qual ela se manifesta por pancadas, por toque carinhoso com a mão e enfim, pela escrita direta, o que é a confirmação de um fenômeno espírita, atestado por um eclesiástico cujo testemunho tem um valor especial.

No mesmo dia dos funerais da irmã Josefina, a religiosa que substituiu a falecida escutou pancadas violentas e várias vezes repetidas no quarto onde a irmã tinha morrido.

Um pobre inválido, com as pernas inertes, saindo da capela como ele fazia na noite escura, se sentiu roçar como que por um transeunte. Ele aí não ficou em alerta, mas continuando seu caminho no corredor, sentiu uma rigidez particular, suas mãos se recusando sustentar as muletas.

Enfim, ele sentiu o contato de uma mão estranha e escutou ao mesmo tempo a voz de irmã Josefina que lhe disse: Rezai pelas pobres almas do purgatório que sofrem. Essas palavras eram pronunciadas distintamente, mas a entonação ia se enfraquecendo como se o poder diminuísse.

Prosper, o inválido, voltou para dentro da capela e informou a superiora que, no dia seguinte, fez chamar o Sr. cura de Beaumont e todos dois decidiram fazer silêncio sobre esse fato.

Entretanto, o vigário, chegando a sua vez para a bênção, foi informado por Prosper. O abade pôs-se a rir e começou a escarnecer o inválido, mas qual não foi sua estupefação ao voltar ao presbitério encontrar no seu quarto, estendido sobre sua escrivaninha, um quadrado de papel sobre o qual estava escrita a frase escutada por Prosper: *Rezai pelas pobres almas do purgatório que sofrem.*

O papel era velho e trazia no verso notas de história, tomadas pelo abade do tempo em que ele estava no seminário. A Revista mostra uma fotografia nesse texto, e as irmãs do hospício acreditaram reconhecer nessa escrita, a de sua colega falecida.

Quatro meses mais tarde, Prosper teve uma aparição da irmã Josefina, uma auréola contornava sua cabeça caindo sobre seus dois ombros e ela pronunciou as palavras habituais: Tranqüilizais-vos, sou eu, eu não estou mais no purgatório.

A Revista acrescenta que o fato não é único em seu gênero, ela terá outras a assinalar.

Quanto ao relato do Sr. cura de Beaumont, que é muito bem feito, ele conclui colocando, do ponto de vista teológico, que nada vale a pena crer na intervenção da alma da boa irmã Josefina. – “Precisamente, diz ele, porque ela tinha sofrido tanto e com uma resignação tão admirável, nós dizíamos à pobre doente que ela fazia seu purgatório na terra. Seria temerário pensar que, no receio de que não se autorizasse pelo menos rezar por ela, Deus quisesse que ela se manifestasse primeiro a suas colegas, depois a Prosper e enfim a um padre.”

Quanto a nós, diremos, e isso será a conclusão desse estudo, que não é preciso excitar a imaginação dos doentes, próximos da morte. Não é preciso suggestioná-los evocando diante deles essas imagens de sofrimentos redentores e de expiação necessárias. O ser, no além, se revela sobre seu último pensamento e retém o fio da sugestão que assombra seu espírito.

É preciso agir sem demora; demos-lhe bastante confiança e o adormecemos na certeza da misericórdia divina, isso será muito mais prudente.

IX

A mediunidade

Não são somente os fenômenos de natureza espírita que se encontram nos arquivos de todas as religiões, são ainda os intermediários indispensáveis à comunicação oculta, os médiuns.

Observaremos, na Bíblia, essa constante metonímia que consiste em substituir o nome de Deus por seu intermediário. Deus disse a Moisés..., viu-se Deus todas as vezes que se escutou seu mensageiro, seu vidente, seu profeta.

Por outro lado, a mediunidade é manifesta com o jovem Samuel, que tornou a se deitar por três vezes sem ter compreendido, porque Samuel não conhecia ainda a voz do *Eterno*. Ela se encontra também na vidência de José, dizendo a seu servidor: Tu lhe dirás: não é o copo no qual meu Senhor bebe e pelo qual ele adivinha infalivelmente? (*Gen., XLIV, v.5-15*). Não se pode talvez observar que a mediunidade encontrasse aí seus títulos de nobreza.

O espantoso é que Moisés, conhecendo o mistério dos templos do Egito, se sirva da mediunidade de Aarão e de Maria, a profetisa, para entrar em contato com as potências invisíveis, e que ele tivesse traduzido o resultado de suas consultas por essas palavras: “Deus me disse que..., Deus vos ordena por minha boca”? Eu mesmo escutei certo jesuíta desenvolver essa teoria diante das crianças, dizendo:”Entre Deus e vós, há vossos pais; vós deveis obedecer-lhes como a Deus mesmo; ou nós substituímos vossos pais que nos transmitiram seus poderes, então: é o próprio Deus que vos fala por nossa boca.” Moisés falando aos povos infantis, se exprimia como esse jesuíta.

Nesse tempo todo mundo falava com Deus, Abraão não conhecia o Deus de Moisés, cada um evocava então o deus de seus pais; seu neto Jacó foi

procurar uma mulher no lado do oriente e a religião de seus ancestrais era um pouco aparentada aos deuses da Ásia. O deus de Abraão lhe ordenava imolar seu filho; em vão me objetaram que o sacrifício não foi consumado, eu não me contenho em dizer que uma coisa é que Abraão falava com um Deus que ordenava sacrifícios humanos; e a prática era corrente, pois que Moisés reitera freqüentemente a proibição de dar seus filhos a Moloc (Lev.XX). O Eterno aparecia como um Deus novo, mais poderoso e melhor que todos os outros. O Deus de Abraão era El-Shadaï, essa pluralidade se encontra ainda confirmada pela mulher de Jacó que traz seus deuses saindo da casa de Labão; e quando esses dois pastores fazem um pacto, eles juram, um pelo deus de Abraão, o outro pelo deus de Nacor. Notemos ainda que o sogro de Moisés era um sacrificador de Madian.

No mistério do templo conversava-se continuamente com os deuses. Por que meios? Isso não é mais um mistério desde que se decifrou os hieróglifos Egípcios, graças à maravilhosa sagacidade de Jean-François Champolion, morto apenas na idade de quarenta e dois anos.

Há no culto, as leis, as instituições e as lendas bíblicas de tamanhas afinidades com o culto egípcio, que é preciso se render à evidência: Moisés não fazia senão adaptar os ritos antigos a uma nova concepção da divindade.

Vimos o mesmo fenômeno se reproduzir na gênese dos novos tempos, quando se julgou mais prático transformar as festas e as divindades pagãs em cerimônias cristãs e de fazer símbolos da nova fé.

Todos os deuses que se expressavam pelos oráculos tinham médiuns. Eram as *Pallacides* entre os Egípcios (esposas dos deuses). Era a pitonisa de Delfos, as sibilas dos templos de Dodone e os augúrios do Olímpio. Não é preciso que as palavras nos apavorem; dizei-me, eu vos rogo; o que seria um profeta se não era um médium de Deus?

Passe ainda pelos grandes profetas, mas não houve pequenos; será

proibido pensar que estes não conversavam senão com os mensageiros celestes. Não me parece que se possa negar que Aarão e Maria fossem os médiuns de Moisés que tentou mais tarde instituir um nome maior com os setenta homens de Israel, mesmo Moisés não passa de médium no caso da sarça ardente, como São Paulo será o médium do Cristo diante da luz de Damasco?

É por isso que o mistério das forças psíquicas, lúcidas e clarividentes, se escondia no fundo do tabernáculo, onde todo homem de Israel era forçado a comparecer. Mistério terrível, diante do qual acumulavam-se precauções e ameaças formidáveis, para exercer uma ascendência sobre o povo, e ele realizou grandes coisas.

Ter tirado dos templos do Egito, onde ela era então encerrada, a verdadeira concepção do Deus único, tê-lo divulgado e sustentado, até o dia em que essa concepção pôde se enraizar sobre os cacos dos velhos impérios, eis a obra de Moisés e do povo de Israel, eis a grandeza de sua missão. E agora, seremos nós a acreditar que é o absoluto mesmo que se manifestava sobre o mundo? Mas há os anjos, os mensageiros, os espíritos intermediários, pois que mesmo os espíritos mentores podem se transformar nos mensageiros de Deus.

É preciso crer que as leis que regem nossas relações psíquicas foram mudadas desde os tempos antigos, o que se fazia então pode se refazer em nossos dias, não da mesma forma, porque aquela não responderia mais ao estado atual de nossa mentalidade, mas poderia se fazer que os padres, possuindo a ciência, e a santidade, unidos na prece, obtivessem altas revelações. Praticamente nada é mais difícil do que constituir tal grupo.

Entretanto, a mediunidade reapareceu na Ciência desde que se formaram sociedades contendo alguns elementos requisitados. É fácil compreender que esses estudos, entrevistas fora de toda preocupação religiosa, tenham começado pelo exame das mediunidades mais vulgares. Todo estudo vale o que valem os experimentadores. Os da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres constituem já um monumento imponente em favor

da comunicação com os falecidos, e por conseqüência da sobrevivência; os do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris já estabeleceu a certeza matemática das manifestações físicas observadas pelos espíritas. É um belo começo.

Nós estamos somente ainda no ABC da metapsíquica porque retomamos o problema por uma base e que, nos meios sábios, encontramos muito freqüentemente elementos hostis que paralisam todos os esforços, declarando que é perfeitamente estúpido estudar a alma; e que, por outro lado, o espírito religioso acha que esses fatos carecem de prestígio e não quer ver senão o lado decepcionante da mediunidade.

Mas é o que tem mais semelhança com a mediunidade dos santos e dos profetas, os teólogos são obrigados a convir que, acreditando, por efeito do hábito, sob a ação divina, os santos e os profetas se extraviaram afirmando, em nome do céu, as inspirações que surgiam naturalmente de seu espírito. É assim que Natan profetisa que o templo vai ser construído por Davi, que Jeremias se queixa de que o Senhor o faz prever acontecimentos que não se realizam (Ribet, t.II, p. 348). Jonas se irrita por não ver a ruína de Nínive que ele tinha predito.

São João da Cruz afirma que não podemos nos basear nas revelações divinas porque é fácil enganar-nos a nós mesmos. Então?... de onde quer que elas venham, a fonte das mensagens mediúnicas é indiscernível; essa dificuldade que embaraça os teólogos nos deixa entretanto de acordo com eles pois que, como eles, nós dizemos que não é preciso abandonar seu julgamento, que é preciso julgar essas mensagens como poderíamos julgar os conselhos de um amigo terrestre, não levando em conta senão seu valor intrínseco. Esse valor consiste, para nós, na prova de identidade daquele que nós acreditamos ser um espírito humano, mas para a Igreja esse valor consiste na proveniência divina que ela cobre algumas vezes com sua autoridade, no que ela se engana.

Em um outro ponto de vista, nós estudávamos as manifestações físicas da mediunidade, aquelas que escandalizam os teólogos; estes não

compreendem a importância do fato anímico que, por si somente, basta para destruir o edifício do materialismo. Sim, as luzes vistas em torno dos médiuns explicam a auréola dos santos, as levitações do corpo humano reabilitam os fenômenos místicos e, o que quer que seja, os teólogos se desviam disso, a mediunidade, até nas suas manifestações mais grosseiras, é útil à Ciência, ela explica as comunicações elevadas, ao mesmo tempo que as divagações; graças a esse conhecimento novo sabemos que nenhuma hipótese mecânica ou elétrica poderia explicar certas revelações precisas, obtidas pelo movimento de mesas e como essas manifestações, quando elas são espontâneas, se produzem sempre por ocasião de um falecimento, somos obrigados a concluir que a força atuante tem ligação com a alma do falecido. As manifestações fracas ou incoerentes, aquelas em que a inteligência do médium ou de um agente à distância se refletem visivelmente, não servem senão para a direção inconsciente das pessoas presentes ou distantes, de espíritos conscientes ou inconscientes, etc.

Os teólogos jamais foram colocados nesse ponto de vista quando denegriam nossos fenômenos, sob o pretexto de que lhes faltava o caráter divino. Mas os médiuns suportaram as experiências de laboratório e é esse o seu grande mérito; seria preciso felicitá-los por sua constância pois, em matéria de controle, foram submetidos às exigências e às repetições excessivas. D. D. Home, por exemplo, teve de se sacrificar sem reservas. E, acredite-se, é o que lhe era censurado em 1860. – “Eu vos faço observar, escrevia então o Padre Pailloux, que o que ele disse uma vez, ele se permite de redizê-lo cinqüenta vezes no curso de sua narração. Os prodígios que ele fez na América, ele os refez na Inglaterra, em Florença, em Nápoles, em Roma e em Paris. Ele os conta de Paris como de Roma, de Nápoles como de Florença, e da Inglaterra como da América. Fazei como eu, tomai seu livro, abri-o ao acaso, vós aí achareis invariavelmente em todas as página o que me caiu na mão na página 248. É o fragmento de uma carta dirigida ao redator do *Sunday Times*:

“Há alguns dias, uma grupo de sete pessoas, aí compreendido Sr. Home e duas damas, se reúne uma tarde em torno de uma grande mesa redonda. Durante um certo tempo nada de extraordinário se passou, quando de

repente uma brusca sacudida fez tremer a mesa, que começou logo a se mover e a oscilar levemente com graça, e de tempos em tempos se elevava a um pé do solo. No mesmo instante eram produzidas batidas de todos os lados, nas paredes, no teto, no assoalho e sob a mesa onde estava colocado um dos assistentes, a pedido de Sr. Home, para se assegurar que não havia nenhuma trapaça. Após algumas triviais comunicações, eu peguei uma campainha e a mantive por baixo da mesa, quando vi, um instante após, dirigindo meus olhos para baixo (no momento quando todas as mãos estavam sobre a mesa), uma pequena mão branca que começava a brincar com a minha e a acariciá-la. A partir do momento em que ela tocou uma ou duas vezes na minha mão, manifestei o desejo de que a campainha fosse transportada a um senhor em frente, e tão logo meu pedido foi formulado, senti o instrumento ser tirado da minha mão e ir para a da pessoa em questão. Isso se repetiu várias vezes. A mão era macia e branca como a de uma criança, e perfeitamente visível sob a claridade de dois bicos de gás. O Sr. Home pegou em seguida um acordeão, que ele mantinha suspenso na borda da mesa, e escutamos a mais charmosa, a mais melodiosa, a mais docemente triste música que fosse possível escutar. Eu não exprimira antes o desejo de escutar *The Last Rose of Summer* (A Última Rosa de Verão), que o trecho fosse executado: o instrumento não estando mais então na mão do Sr. Home, mas bem sobre meu pé, onde ele acabou ser colocado. Logo, vimos aparecer mãos que remexiam os móveis; uma dentre elas, evidentemente dotada de uma grande força, tocou o ombro do Sr. Home, que exclamou de repente que um grande vigor acabava de lhe ser transmitido. O fato era verdadeiro, assim que nós vamos vê-lo. O Sr. Home se dirigiu em direção a um enorme bloco de madeira..., tendo-o preso sob seu braço como se se tratasse de um pedaço de palha, ele se deslocou pelo cômodo, e depois depositou seu leve fardo perto da mesa. Parecia não ter nenhum peso para ele; mas quando dois senhores, aparentemente dotados de uma força respectiva muito superior à do Sr. Home, quiseram fazer o mesmo, puderam removê-lo com muito custo.

Uma outra mão apareceu; assim que ela tocou o Sr. Home, este exclamou; “Eles a tiram de mim; não me olhem até que eu esteja acima do nível da

mesa, pois isso poderia me fazer descer.” Um instante após, o Sr. Home flutuava no ar, a cinco pés do chão; ele roçou ao passar por uma pessoa do círculo mas, ao chegar perto da janela, desceu ligeiramente ao chão. – “Sua força, observou ele, era apenas suficiente ainda, mas pouco eu sabia que ele não seria mais o mesmo.” A mesa, que há algum tempo estava imóvel começou logo a se mover, a se balançar violentamente, e a se dirigir em direção a um sofá colocado na extremidade do quarto, nos obrigando assim a seguir sua viagem. Tínhamos apenas retomado nossos lugares nas cadeiras, quando nossa atenção foi atraída para uma pequena mesa que atravessava a peça, e que, após muitas dificuldades, conseguiu se levantar e a se colocar no meio daquela em torno da qual nós estávamos sentados: “Menos luz terrestre”, foi soletrado em seguida; nós apagamos logo os dois bicos de gás, deixando às chamas brilhantes da lareira o cuidado de clarear o quarto: do que elas deram conta conscientemente. De repente, a pequena mão de um *baby* apareceu se desprendendo ao longo do braço de um senhor do círculo, e quase ao mesmo tempo esse senhor viu, entre o Sr. Home e ele, a forma branca de uma criança. Sendo naturalmente muito amigo das crianças, ele não pensou outra coisa senão que estava imaginando; mas sobre a pergunta de sua mulher, se não era o espírito de seu filhinho defunto, uma tímida resposta foi dada na afirmativa, e uma claridade brilhante apareceu ao mesmo tempo perto do sofá, se apagou pouco a pouco, e finalmente desapareceu. A pequena mesa que estava sobre a grande, começou então a se mover, e a mesma mão que tinha comunicado ao Sr. Home uma força extraordinária, nos apareceu ainda se colocando sobre ele. Seus braços foram levantados por cima de sua cabeça, seus pés deixaram o chão cerca de dois pés de altura, e foi assim transportado em direção à esquadria da janela, onde ele se elevou até perto de quarenta centímetros do teto. Após ter flutuado um ou dois minutos, ele voltou à terra; mas, ao se aproximar de sua cadeira foi novamente erguido e depositado sobre a pequena mesa, sempre colocada no meio da grande. Um minuto depois, ele se elevava pela quarta vez no ar, sempre sobre a pequena mesa, cerca de um pé acima da grande, e, após permanecer um instante nessa posição, ele voltou à terra e se colocou de novo entre nós. Tal é em poucas palavras a narrativa dessa infinitamente notável e satisfatória sessão.

Isso é aos olhos do teólogo, desprovido de qualquer interesse e, no entanto, ele daí tira as deduções seguintes:

“O caráter divino é inimitável e não imita; é a razão pela qual o caráter diabólico está todo na imitação: imitação do inimitável. A verdadeira dignidade é inimitável na baixeza; e freqüentemente, todavia, o vil escravo copia as maneiras e cada um dos movimentos de seu mestre. Tais são, aos pés dos anjos do céu, mesmo aos pés dos santos, os Espíritos caídos do Inferno.”

E mais adiante o Padre Pailloux continua: ...Os Espíritos de Home não parecem ser dessa última categoria? Sem dúvida, Elias foi transportado pelos anjos num carro de fogo: era um sublime profeta; sem dúvida, os santos arrebatados no ardor da contemplação, foram, por assim dizer, transportados até o trono de Deus: a adoração eleva a alma, e pode se fazer algumas vezes que os anjos emprestam suas mãos ao corpo para uni-lo a esse élan de amor: eis as conveniências, mas o Sr. Home calçado com botas, vestido com luvas, se elevou na claridade da lua, num salão, dizendo aos espectadores: “Olhai, eis que eu me elevo; não prestai atenção, os Espíritos me deixariam cair!” O Sr. Home não está de conforme o sobrenatural divino. O anjo da justiça traça com sua mão contra uma muralha a parada de Baltazar; é o sublime do terror; mas que me fazem todas essas mãos fluídicas e gasosas que vêm se mexer sobre uma mesa? Que se tem a procurar almas imortais, que inundam as eternas delícias, sob uma mesa, na obscuridade, ostentando, provocando, pressionando os joelhos a estes, os ombros um contra o outro, e o pescoço àquela? Tais almas tomam emprestadas suas maneiras aos condenados.”

Essas citações serão suficientes, eu penso, para esclarecer o leitor sobre a mentalidade dos piedosos escolásticos. Evidentemente, nós não podemos comparar as maravilhas de Home, com aquela da Bíblia. Não censuraremos o grande profeta Elias de levantar vôo sob o luar, porque não sabemos se a lua estava cheia aquele dia, mas quando tivermos que examinar os casos santos será mais fácil de aí achar analogias com o que

viemos contar. Dominique de Jesus Maria, em Madri se elevava levemente da terra, de tal sorte que o rei Filipe II não tinha senão que soprar em cima para fazê-la mover-se como uma bolha de sabão. Eis o que responde sem dúvida às conveniências do sobrenatural divino que reclama o P. Pailloux.

Quando Cristina, a admirável, era apanhada pelo espírito, seu corpo se punha a girar como um pião... ela se lançava nos fornos incendiados, nas chaleiras de água fervente, ou na *Meuse* quando estava gelada, ela se mantinha em pé sobre a roda dos moinhos, e aí enlaçava suas mãos e suas pernas, à noite ela excitava todos os cães de Saint-Frond.

Evidentemente, o Sr. Home não ficou pálido ao lado do sobrenatural, mas ele tem para si o mérito do controle experimental, e por aí vós podeis julgar a admirável documentação que se possuiria com as vidas dos santos, se elas não fossem expurgadas, e se cada fato tivesse sido observado com o mesmo método que aqueles de Home e de Eusápia.

Desses mesmos fenômenos, o canônico Sr. Ribet tira a única conclusão lógica: “O espiritismo leva a uma demonstração preciosa, a saber: à experiência de agentes ocultos fora da matéria... É a constatação experimental do espírito, do invisível, do sobre humano; e, ao mesmo tempo, o inverso do materialismo que não vê nada acima do homem.”

O espinho dessa demonstração é que ela é devida a adversários declarados do espiritismo e do sobrenatural, a representantes notáveis das ciências naturais, a médicos... é pelos fatos palpáveis que os negadores são conduzidos à afirmação do espírito e do milagre; e os mais sinceros entre eles vêm provar a existência do mundo do invisível...”

“Essa aparição do invisível em torno do homem, acima e além, se faz sensível, deslumbrante, irrecusável nas cenas espíricas. Nós temos nesse assunto as confissões formais de experimentadores de renome nessa ordem de fenômenos; e seu testemunho é tanto menos suspeito quanto afectante, dando-lhe a independência de toda preocupação religiosa.”

E o abade Ribet cita, em seguida, William Crookes, Paul Gibier, etc., como nós mesmos temos o costume de fazê-lo e de repeti-lo à saciedade. Então, o quê? O que a Igreja ensina, o Espiritismo prova, julgai então a árvore pelos seus frutos.

X

A reencarnação

A hipótese das reencarnações não é somente a mais compreensível e a mais racional das que foram postas em avanço para explicar o destino humano, ela é ainda a única que não nos conduz a conclusões absurdas ou ímpias.

Do ponto de vista científico, ela está de acordo com a marcha de nossas evoluções; do ponto de vista religioso, ela permite ao pensamento de se desgarrar dos erros antigos que nos obrigavam a crer na infinita crueldade de Deus.

Com as vidas sucessivas não há desigualdades no destino dos seres. Essa afirmação fará admirar-se talvez os que entendem que se retêm somente na vida terrestre, entre o curto espaço de tempo compreendido entre o berço e o túmulo, mas, para aquele que segue o traço do primeiro átomo vivo desde a saída do limo terrestre e que vê lançar-se, como nosso sistema planetário, através de um desconhecido que se adentra no infinito para aquele, todos os seres têm o mesmo destino, as desigualdades aparentes não são senão acidentes circunstanciais de uma longa travessia que, tomada no seu conjunto, será a mesma para todos.

A vida é uma experiência que nos é permitida recomeçar até que tenhamos achado o caminho da felicidade. Essa doutrina é muito antiga, ela aparece nos ensinamentos de Pitágoras, de Platão, de Sócrates; nas revelações de Jesus e na crença dos primeiros cristãos. Mas, pelo Espiritismo moderno ela se torna cientificamente confirmada e, em nossos dias, ela já reviu a adesão dos mais eminentes espíritos do mundo filosófico e religioso.

Encontram-se indícios da tese reencarnacionista nos textos da Gênese, no livro de Jó, do profeta Isaías; a vocação dos patriarcas e dos profetas se

explica pela pré-existência; essa idéia aparece constantemente na Bíblia; a hipótese da reencarnação de Elias na pessoa de João Batista é uma das que reapareceram nos quatro Evangelhos. Ou, com exceção das narrativas da Paixão, não há muitos episódios que se encontram nesse caso:

Certos doutores criam que Jesus era uma reencarnação de Elias ou de Jeremias (Mateus, XVI, v.14; Marcos, VIII, v. 28; Lucas, IX, v. 19). Essa reencarnação de Elias era tão esperada pelos Judeus que ela é objeto constante de suas preocupações. Eles enviam mensageiros para questionar João Batista (João, I, v. 21). E todas as vezes que, no evangelho, ele fez alusão às reencarnações, Jesus não faz jamais nada para refutar essa hipótese, ele adere implicitamente. É por seus pecados, pergunta-se-lhe, que este homem nasceu cego? Para nascer com pecados é preciso ter vivido antes. Quando Judas veio ao mundo, uma maldição pesava sobre ele desde antes de seu nascimento.

Jesus não podia refutar uma doutrina que ele mesmo ensinava em segredo (João, III, v. 7). E, se é possível racionar sobre o sentido da conversação com Nicodemos, toda ambigüidade desaparece no versículo 12, onde Jesus diz: “Eu venho para vos falar de uma coisa terrestre quando eu dizia que é preciso que vós nascêsseis de novo, e vós ignorais isso! Que será então quando eu vos falar das coisas celestes!”

Mas o reconhecimento formal das reencarnações se acha a propósito de João Batista (Mateus, XI, v. 14): “E se vós quiserdes receber o que vos digo, é o Elias que devia vir.” Essa palavra é formal e torna impossível toda contestação; a afirmação é repetida no capítulo XVII, v. 12 e 13: “Eu vos digo que Elias já veio...” E então os discípulos compreenderam que era de João que ele lhes tinha falado.

Ora, esse é o comentário do texto sagrado. Não é mais uma colocação irrefletida que se poderia, a rigor, atribuir a alguma imprudência do narrador; não, é, aqui, a revelação mesmo, é o texto sagrado que o versículo 13 sublinha e interpreta. Sabe-se lá com que cuidado meticuloso se expurgou, nos evangelhos, tudo o que podia provir de fonte apócrifa. É

preciso admitirmos a explicação; pois, se esse texto fosse recusável, nenhuma palavra do Evangelho teria mais autoridade.

Vemos, aliás, na Bíblia, que essa reencarnação de Elias é a prova exigida por todos para crer na missão daquele que deve vir. É preciso observar também a palavra do profeta Zacarias antes do nascimento de João Batista: “Ele viverá no espírito de Elias”; o que se poderia interpretar: É o espírito de Elias que se manifestará em João Batista.

Não se compreende por isso, que um católico possa conservar dúvidas sobre essa antiga tradição, que subsiste aliás entre os pais da primitiva Igreja, pelo menos no estado de hipótese admissível.

Mas essa doutrina tira sua principal força da solução satisfatória que ela traz a uma multidão de dificuldades de ordem filosófica e religiosa que, sem ela, seria impossível resolver.

A harmonia que nós devemos necessariamente atribuir às obras da criação divina não permite supor outra coisa senão uma lenta evolução das almas emanadas de Deus; sua obra seria verdadeiramente incoerente se ele criasse instantaneamente idiotas e crianças nascidas mortas.

Não há senão a preexistência e a germinação tardia que possam explicar as inferioridades intelectuais ou morais, assim como a desigualdade de condições e de provas. Não há senão o retorno à vida que possa remediar os acidentes inevitáveis numa natureza perturbada por nossa ignorância nativa e o mau uso que nós fazemos de nossa liberdade. Se as crianças nascidas mortas não conseguem entrar na vida, elas aí retornarão por uma porta nova. E se nós procurarmos provas experimentais do renascimento, nós as acharemos mais facilmente entre os que morreram jovens e que se reencarnam imediatamente; eles parecem não ter atravessado as águas do *Léthé*, eles reencontrarão algumas lembranças de sua vida anterior.

Por outro lado, nenhuma concepção é mais incompreensível, nem mais burra do que aquela que supõe a aparição espontânea de uma alma sem

anteriores, flutuando entre o céu e o inferno e, no espaço de alguns anos, formando sua eternidade. Essa impiedade, que faz de Deus um criminoso carrasco, o obrigaria a criar almas em colaboração com os homens, e ele sancionaria assim a violação e o adultério, criando muito mais para o inferno do que para o céu.

Ao contrário, se nós considerarmos Deus como a fonte perpétua das almas que nascem livremente, compreenderemos a evolução sempre ascendente e, então, encontraremos uma justiça perfeita, porque a vida atual não é mais que uma conseqüência de nossas vidas anteriores, somos nós mesmos que, em nossa ignorância primeira, pecamos; não é mais o pai Adão, é toda a humanidade que passa por essa necessidade inelutável, não há outros progressos senão aqueles conquistados pelo esforço; e Deus nos deu, para isso, o tempo e a liberdade.

Ante essa luz, as objeções caem e as coisas se esclarecem. Descobre-se, no Evangelho, um sentido profundo para as palavras que passaram despercebidas.

Assim: “é que no fim do mundo que o joio será separado do trigo.” Mateus, cap. XIII, v. 39. Temos, então, até lá, como último recurso para progredir, as provas sucessivas que nos esperam e quando Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei, lhes diz Cap. XXI, v. 31): “As mulheres de má vida vos precederão, no reino dos céus,” não é que Jesus promete o reino dos céus às mulheres de má vida, mas elas estão menos distantes que os doutores na letra das leis. Como toda criatura tem o meio de chegar ao fim ao qual ela está destinada, aquelas chegarão aí primeiro porque, no decurso das provas renovadas, elas se transformarão nas virgens puras, ou mães dignas de recompensas.

Eis o que é fácil de se compreender e o que nos ensina a filosofia racional do espiritismo. Os castigos e as recompensas são proporcionais às obras, e Deus não intervém como carrasco; é na liberdade que o homem se afasta ou se aproxima do objetivo, mas é preciso que ele nasça de novo se não tiver aproveitado suficientemente a vida presente. Nesse caso, ele será

devolvido à terra ou vai germinar uma nova colheita.

Isto é grande, isto é justo, isto é belo; e é com prazer que constatamos que, desde Santo Agostinho, Gregório de Nysse..., etc., a Igreja jamais desaprovou este ideal. Bem ao contrário, os bispos aderiram a isto; poderíamos citar vários, citamos pelo menos as palavras do Sr. Passavali, vigário da Basílica de São Pedro de Roma:

“Parece-me que, se se pudesse propagar a idéia da pluralidade das existências para o homem, tanto neste mundo quanto em outros, como um meio admirável de realizar os desígnios misericordiosos de Deus, na expiação ou purificação do homem, com o objetivo de torná-lo digno dele e da vida imortal dos céus, já se teria dado um grande passo, pois isto seria suficiente para resolver os problemas mais emaranhados e os mais árduos que agitam atualmente as inteligências humanas. Quanto mais eu penso nesta verdade, mais ela me parece grande e fecunda com conseqüências práticas para a religião e para a sociedade.” Luiz, arcebispo.

É, com efeito, a solução única, toda outra conduz ao ateísmo ou à impiedade. Nenhuma instituição podendo viver na imobilidade, nós esperamos que a Igreja se decida a dar este grande passo, ela dará assim um sinal de vida esperada com ansiedade.

Se nós ficarmos, agora, do lado das provas experimentais, encontraremos fatos que confirmam bastante seriamente a hipótese das vidas sucessivas.

“Os vivos, dizia Sócrates, não nascem senão dos mortos.”

Os recém-nascidos, com efeito, são os mortos que, após ter deixado sua antiga veste, reaparecem em uma nova substância; e, se o esquecimento das vidas anteriores é a regra geral há, entretanto, exceções para os que reencarnam antes de ter sofrido, no além, as transformações que causam a perda da memória.

O esquecimento do passado jamais é absoluto, nada se perde, a encarnação não faz senão obnublar uma certa parte de nossas lembranças, a melhor lucidez dos sujeitos hipnóticos vem de que eles podem restabelecer as vias de comunicações de regiões ignoradas. Neste estado eles reencontram os traços parciais de sua vida passada. Essas experiências nem sempre são comprobatórias, mas sempre tendem a confirmar a hipótese.

A verdadeira prova se encontra nos casos excepcionais, onde as crianças não têm senão uma curta permanência na terra e onde elas recomeçam uma experiência em que falharam. Nessas condições excepcionais elas retornam do além com certas lembranças, o que lhe permite relembrar fatos que constituem uma prova muito nítida de sua identidade.

Os grandes jornais que, entretanto, agem com tanta maldade ao mencionar as experiências espíritas quando elas são conduzidas pelos sábios, citam-nos, no entanto, nos seus fatos diversos quando eles chegam a emocionar a opinião pública.

O Jornal contou em 1907 que a população inglesa de Rangoon foi posta em agitação pela reencarnação de uma criança que contava ter sido o major Welsh, morto em 1903, e essa criança com idade de três anos, descrevia com detalhes a habitação do oficial defunto, assim como as circunstâncias de sua morte.

Um pouco mais tarde, jornais ingleses, indianos e italianos apresentavam um caso semelhante; o de uma criança de quatro anos que dizia ter sido um inspetor de polícia, de nome Fucker, que tinha sido assassinado com um tiro de fuzil, a queima roupa, enquanto ele perseguia os bandidos. A criança contava outros episódios da vida desse inspetor, e uma multidão de curiosos vinha escutar o seu relato.

Esses fatos provam, pelo menos, o pouco valor dessa afirmação, freqüentemente repetida, que os fatos de reencarnação jamais apareciam entre a raça anglo-saxônica. É possível que a mentalidade inglesa não

aceite facilmente essa hipótese, mas, na fenomenologia, a reencarnação reaparece sempre. Blake, um grande artista e vidente, não somente era reencarnacionista, mas afirmava ter sido ele mesmo alguma coisa como um discípulo de Sócrates. Um autor inglês bem conhecido, Florence Marryat, era um reencarnacionista convicto; Katie King falou de suas existências anteriores e Stainton Moses, um homem de alta cultura e de uma moralidade exemplar, investigador do movimento espiritualista na Inglaterra, fala em seus *Ensinamentos Espiritualistas* da necessidade de uma nova vida terrestre, para numerosos espíritos. Como se vê, a objeção de nossos adversários não tem grande valor.

Aliás, temos provas bem notáveis que seriam impossíveis de se explicar de outra forma senão pelo fato de um recomeço de existência.

Assim o caso do Sr. Isaac Foster, morador à..., conde de Effingham.

Tendo perdido uma filha pequena, ele foi se fixar em Dakota, onde teve uma nova filha que ele chamou de Nellie, mas que recusou obstinadamente levar esse nome, afirmando que se chamava Maria, nome que tinha a primeira criança. O Sr. Foster não tinha jamais recolocado os pés em sua antiga residência, quando aí retornou, conduzindo com ele Nellie, então com nove anos de idade. Lá, ela reconheceu sua morada e mesmo pessoas que jamais tinha visto. Mas o que houve de mais extraordinário é que ela pedia para rever a escola que se achava a uma milha de lá e, como ela fez uma exata descrição da casa da escola que Maria frequentara, seu pai aí a conduziu. Ela se dirigiu imediatamente para a sala que tinha ocupado dizendo: Eis aqui a minha.

Fatos similares são produzidos várias vezes e eu posso ainda citar dois que são mais perto de nós.

O primeiro, comunicado à revista de Roma *Ultra*, pelo capitão F. Battista, é o caso de uma menina que tinha se perdido e que apareceu à sua mãe toda feliz e, bem esperta, anunciou: *Mamãe, eu voltei!*

“Nessa época, escreveu o capitão, eu teria tratado como louco aquele que me tivesse falado de reencarnação. Seis meses mais tarde, minha mulher dava à luz uma filhinha que se parecia em todos os pontos com aquela que estava morta.” Eu passo sobre notáveis semelhanças porque poderiam atribuí-las ao parentesco de origem, mas eu chego ao fato.

A pequena tendo chegado à idade de seis anos, os pais, italianos todos os, dois, ouviram alguém cantar em francês no quarto de sua filhinha.

Inicialmente, eles não compreendiam, mas tendo se reequilibrado da emoção, eles entraram no quarto. Lá, sentada sobre sua cama, a criança cantava com um sotaque francês muito pronunciado uma espécie de cantilena que ninguém havia aprendido. Era uma canção de ninar que uma criada doméstica francesa embalava *a outra* nove anos antes. Quando da morte da criança que tinha se perdido, essa doméstica retornou ao seu país e, para não reaviver a lembrança desse luto penoso, o canto em questão tinha sido rigorosamente proscrito. Desde então, ele tinha saído completamente da memória dos pais.

A criança, interrogada para saber quem lhe havia ensinado esse canção respondeu: “*Eu não a aprendi, eu a conheço todinha.*”

“O leitor acredite o que quiser, acrescentou o capitão Battista; para mim, a conclusão está clara: os mortos voltam.”

O segundo caso é ainda mais notável porque aconteceu a um médico, que fez uma observação séria. O assunto aqui resumido conforme os *Anais de Ciências psíquicas*, nos anos de 1911 e 1912:

Em 1910, o Dr. Samona tinha perdido uma filhinha chamada Alexandrina. Três dias após ela se manifestava a sua mãe: “*Mamãe, não chore, eu não te deixei..., agora eu vou me tornar pequena como isto.*” E, dizendo isto ela lhe mostrava um pequeno embrião completo, acrescentando: “*Tu deverás começar no presente a sofrer uma outra vez por mim.*” Esse sonho se repetiu três dias após, mas a pobre mãe não acreditava de modo

nenhum pois, em seguida a um aborto seguido de operação, ela se acreditava segura de não mais ficar grávida. Um dia em que ela se lamentava amargamente, três batidas secas e fortes, ouvidas por todos, ressoaram contra a porta e, mesmo à tarde, ocorreu a tiptologia.

Desde essa primeira experiência, a pequena se apresentou com um familiar que se supunha seu guia e chefe: “Minha mãezinha, não chores mais, pois eu começarei logo em seguida a renascer através de ti e, antes do Natal eu estarei convosco..., papai querido, eu voltarei, irmãozinhos eu voltarei...” E assim, em seguida, para cada um de seus familiares. Desde o início ela indicou que suas comunicações não durariam mais de três meses, pois seria ligada à matéria e cairia em sono. Enfim, na última sessão a pequena declarou: “Mamãe, existe uma outra.” Como não se compreendia, o guia entrevistou: “A criança não se engana, mas ela não sabe bem se exprimir; um outro ser se acha em torno de ti, que quer também retornar à terra.”

Isso não faz senão aumentar a incerteza. A mãe não acreditava poder ficar grávida, ela temia um novo aborto, grandes probabilidades contrárias faziam temer a desilusão.

A mãe, sempre às lágrimas, recebeu um novo aviso: “Aguarde, mamãe, se continuares a ser tão triste, acabarás por nos dar uma constituição pouco sólida.”

No mês de agosto, que era o quinto da gravidez, o Dr. Vincent Cordaro visitou Mme. Samona e declarou espontaneamente que suspeitava a presença de dois. No sétimo mês, sobreveio uma notícia que fez temer um parto prematuro. Passado o perigo, um especialista, o professor Giglio, diagnosticou por sua vez dois gêmeos, o sexo ficando duvidoso, mas em 22 de novembro nasceram as duas meninas.

Agora, a realidade de uma reencarnação se acha confirmada pelo Dr. Samona que, por várias vezes publicou suas observações. As duas gêmeas não se pareciam uma com a outra, mas a segunda Alexandrina se parecia

espantosamente com a primeira; quanto às características da mentalidade e dos sentimentos elas são idênticas, e essas semelhanças se acham também na manutenção de outras particularidades notáveis.

Por exemplo, na vila isolada e silenciosa onde habita a família, se um carro pesado começa a fazer tremer o solo, Alexandrina se esconde nos joelhos de sua mãe, como fazia a primeira; como a outra ela fala de si mesma na terceira pessoa: “*Alexandrina está apavorada.*” Ela tem o mesmo terror do barbeiro quando ela o avista..., etc. Sua irmãzinha não partilha de seus terrores.

Outras observações tornam a semelhança tão completa que o relato do Dr. Samona termina por esta comparação: “O desenrolar da vida da atual Alexandrina, pelo que mostra a imagem, os hábitos e as tendências, é como se desenrolava de novo, antes de nós, o filme cinematográfico tendo já funcionado com a vida da outra.”

Como se vê, os fatos observados são bastantes significativos para nos permitir trabalhar com esta hipótese, a única razão, a de uma individualização lenta, encarnando-se e desencarnando-se nas formas que se adaptam cada vez melhor às necessidades do ser.

Não há senão uma criação digna de Deus, é o resultado de uma ação permanente, eterna, criando as possibilidades inesgotáveis que permitem a todo ser se constituir e evoluir em sua liberdade.

Nesta concepção, o controle experimental vem ainda em socorro de nossa hipótese. A existência de um corpo invisível, o Perispírito, nos ajuda a compreender o processo dos nascimentos, pois parece como um campo de força exteriorizável, capaz de agir sobre a matéria para reconstituir os órgãos.

Enfim, a contra-prova experimental nos é fornecida pelo fenômeno de materialização que se pode analisar, pois cria sob os nossos olhos, esta substância viva que passa do invisível ao visível e que se manifesta em

graus variados de densidade.

A alma não estando jamais nua, tendo sempre a seu serviço as modalidades novas do corpo invisível, compreende-se que ela possa se desligar do corpo, estagnar no invisível e fazer apelo aos elementos novos para reencarnar.

Mas, a materialização espírita ou experimental, não sendo senão uma ação momentânea, não pode produzir senão uma coesão efêmera. É preciso, para reencarnar, que a força psíquica do ser forme o campo magnético em torno dos órgãos da mãe para construir segundo as vias normais, que são as da germinação, um organismo capaz de viver por si mesmo a vida psíquica.

A materialização verdadeira exige, entretanto, o concurso dos invisíveis. Estamos longe dos fatos e não bastante documentados para saber como Agnes, Thècle e Maria se materializam diante de São Martinho, mas encontramos mais perto de nós, na história dos santos, alguns casos de materialização indubitáveis. Por exemplo, aquele pelo qual Santa Catarina de Siena exteriorizava a imagem de um homem barbudo que seu confessor tomava pelo Cristo. Este fenômeno se explicaria muito bem pelo concurso das entidades do além, com as quais a santa vivia em comunicação espiritual, e que desejavam sem dúvida produzir um milagre edificante para a época, e no qual é fácil reconhecer o fenômeno que conhecemos hoje.

A materialização não implica de modo nenhum a presença real da pessoa que ela representa, todavia, esta manifestação é possível. O grande interesse que ela nos oferece é sobretudo no lado experimental que vem nos provar que as formas orgânicas são criações psíquicas, que a alma humana “participa da potência criativa do organizador do Universo, como o diz Gabriel Delanne; pois, que seja o espírito de um desencarnado ou o do médium exteriorizado, o fenômeno não é menos grandioso e parece demonstrar que realmente, em nós, existe uma parte infinitesimal da causa primeira, qualquer que ela seja, que engendrou as maravilhas do eterno

Cosmos”.

A doutrina das vidas sucessivas é chamada a regenerar a humanidade, modificando as concepções obsoletas que não são mais aceitáveis. Ela traz aos enigmas da vida uma solução racional e satisfatória. Ela pertence à tradição, à revelação cristã, à filosofia e pertencerá logo à ciência. Saídas do limo da terra, ou nascidas na obscuridade, como diz São Paulo, nós marchamos todos em direção à luz. Tendo todos o mesmo caminho a percorrer, as mesmas provas a atravessar, encontraremos a igualdade em uma justiça perfeita.

Não há outros castigos senão os que infligimos a nós mesmos, e o caminho será mais longo para aquele que se extravia nas sendas da perdição. As dores e as negações de justiça das quais sofrem inocentes não são mais enigmas indecifráveis, são obras dos homens, Deus não é mais um carrasco.

E pois, se admitimos uma direção espiritual para reger o grande mistério da vida, podemos bem admitir que os guias de uma ordem mais elevada agem sobre nós como o magnetizador age sobre seu “sujet” pelas sugestões pré-natais. Assim, o anjo guardião, ao sugerir o esquecimento na nova vida, poderia nos impor certas provas ou certo ideal em relação com o passado que nós temos a corrigir ou a virtude que nós devemos adquirir. E nesta ordem de idéia seria uma lei muito sábia que nos impusesse o esquecimento, pois que é suficiente imaginar uma sociedade onde a lembrança subsistiria, para nisso compreender a impossibilidade. As reencarnações com a lembrança das faltas cometidas e das injustiças sofridas não fariam senão perpetuar os mal-entendidos, aumentar os ódios e os desejos de vingança. Haveria testemunhas que não perdoariam e haveria falsas testemunhas para vos acusar e vos convencer de ter sido, na encarnação última, um demônio.

Para viver de novo é preciso fazer pele nova, é o caso de dizê-lo e, sem o esquecimento, a vida do novo homem honesto não seria possível.

XI

O perispírito

Para a prova da existência de um agente intermediário entre a alma e o corpo, o perispírito dos espíritas, a história dos santos seria uma preciosa fonte de documentação. Mas não se crê mais nessas histórias muito freqüentemente lendárias, ou que seu exagero fez que se as repelissessem como absurdas.

O espiritismo demonstrou que esse absurdo não era senão aparente e que o poder do homem se manifesta fora dos seus limites corporais.

Se o corpo intermediário não existisse, nenhum milagre dos santos teria podido se produzir, pois as numerosas manifestações que serviram de base aos processos de canonização são devidas às atividades desse corpo exteriorizável e sem o qual nenhuma relação poderia se estabelecer entre a terra e o céu.

Muitos santos foram grandes médiuns: São Martinho de Tours, São Gregório, Francisco de Assis, Maria d'Agreda, Joana d'Arc, Catarina de Siena, Rosa de Lima, o cura d'Ars, para não citar senão esses; todos viram se produzir em torno deles movimentos de objetos sem contato, golpes de batidas, desdobramentos, materializações e outros fenômenos que se apressaram em declarar como absurdos, quando eles se produzem hoje entre os espíritas.

Não seria mais simples reconhecer que o perispírito era o agente de todas essas maravilhas que se manifestavam, em torno dos santos, com uma potência incomparável.

Conhecemos hoje a existência desse corpo invisível a que a telepatia dá asas, e não se pode mais subtrair às conseqüências dos fatos que o espiritismo colocou em evidência. O escrúpulo não é mais posto diante da

luneta de Galileu. O reconhecimento do corpo astral se impõe.

A partir do momento em que o corpo invisível se tornou uma realidade psíquica, temos o direito de estudá-lo, de analisá-lo, de procurar como ele se adapta aos efeitos mecânicos aos quais tende a vontade que o utiliza, como temos o direito, diante de uma locomotiva, de nos perguntar como o calor é transformado em movimento pelo vapor d'água.

O corpo perispiritual contém todos os segredos da vida psíquica. Em contato com a alma, da qual ele percebe as diretivas, ele anima os corpos da mesma forma que o vapor d'água, sob a influência do calor, ativa o pistão. Ele é o médium da manifestação terrestre e, como o vapor d'água, ele não nos dá, por si mesmo, nenhuma idéia da lareira de incandescência espiritual de onde lhe vem a força inicial. É movido por uma vontade consciente, ele se adapta às formas do corpo, mas não lhe é solidário; enfim, ele se comporta como uma substância ideoplástica, isto é, cria formas pensamentos, é o segredo da mística e da mediunidade.

Quando ele se exterioriza, projeta-se, para fora, sob a forma de raios rígidos que podem exercer sobre os objetos uma ação mecânica. Assim, faz nas mesas das quais os pagãos já se serviam, também os primeiros cristãos delas se serviam para lhes responder, o que prova que estes consideravam a mesa como um oráculo animado por uma potência superior àquelas que consultavam os pagãos. Não tenho necessidade de relembrar as passagens de Tertuliano que nisso acreditava. Hoje, não vemos mais a tiptologia como um oráculo, mas como um poderoso meio de investigação e um assunto para estudos. E não o aceitamos mais como um milagre, porque sabemos que os raios rígidos, que projeta o corpo invisível, constituem uma alavanca mais ou menos poderosa e que as vontades expectantes podem influenciar as respostas. Mas não foram os teólogos que esclareceram a questão, foram os espíritas.

No dia 15 de setembro de 1870, uma estátua de São Dominique foi levantada da frente para trás e da esquerda para a direita, como uma simples mesa; isso se passava num convento de religiosos, em Soriano, na

Itália, e o bispo do lugar proclamou o fato, sobrenatural e miraculoso. Se quiserem significar, por isso, que é uma manifestação de espírito, estamos de acordo, o fato se produziu diante de sessenta pessoas, mas a aprovação episcopal prova pelo menos que o fenômeno é de boa qualidade, e que é permitido ser observado. Nas origens do cristianismo, eram colunas de mármore, ou mesmo montanhas que levitavam assim, mas é permitido crer que se exagerou a lenda. Quanto aos golpes de batidas, eles são extremamente freqüentes na história dos Santos, e é por esse meio que as almas do purgatório chamavam a atenção daqueles que se dispunham a orar por elas. Mas as almas do purgatório são espíritos, e quando essas batidas se repetem na ocasião de um falecimento, não é proibido entrar em contato com elas, pois que os Santos nos deram o exemplo e, mesmo após terem sido liberados por suas preces, essas almas voltam algumas vezes, assiduamente, para agradecer ou lhes fazer as mais úteis revelações.

Esta faculdade do corpo invisível, de solidificar de alguma forma as projeções ideoplásticas, é protéico, ela se presta aos efeitos mecânicos aos quais tende a vontade que o utiliza.

O corpo invisível não é então a causa dos fenômenos, ele é o meio, a forma dinâmica; é de uma vontade qualquer que ele recebe uma direção, e o mistério se acha na dificuldade de determinar essa vontade. Explica-se tudo pelo subconsciente, o que não tem nenhum sentido, e não explica nada. Eusápia abre uma fechadura ou gira uma chave, sem tocá-la com sua mão visível, é que seu órgão invisível produziu essa ação sob a influência de uma vontade que pode ser a sua ou a de uma ajuda invisível, pouco importa para uma sessão experimental, onde se procura primeiro estabelecer o fato. Mas, conhecemos os processos fisiológicos dessa ação extraordinária, e não há lugar para nisso imaginar um outro quando um santo, tendo perdido a chave de um cofre ou de um relicário, opera da mesma maneira, simulando com seus dedos o gesto de girar a chave na fechadura. Aqui, a Religião quer ver a ação divina, mas a ação divina está por toda parte agindo e, sem ter a pretensão de suprimir o mistério, a ciência espírita descobriu a forma mecânica seguindo aquela em que o

fenômeno opera. Julian Ochorowicz provou a existência de raios rígidos no meio de uma experiência muito simples. Sob um copo colocado de cabeça para baixo, colocou um monte de pó muito fino; duas moedas de 10 centavos serviam de calços para permitir a passagem aos raios sólidos, e o médium colocando suas duas mãos de cada lado do copo, pôde nisso revelar o traço deixado visível quando o fio que se estendia de uma à outra mão entrava em contato com o pó.

Vê-se, por aí, que se a interpretação fosse do domínio da religião, suas soluções não trariam jamais as marcas de uma boa inspiração. Para abrir as portas sem chave, o desejo é suficiente, Catarina de Siena abria e fechava as portas à vontade; outras como as estigmatizadas do Tirol, as impediam de se abrir quando a chave estava na fechadura. Mas isso não foi obtido senão pelos santos ou santas que tinham dado provas incontestáveis de suas faculdades mediúnicas muito potentes Maria d'Agreda querendo abrir um cofre para dar a esmola, seu pai lhe recusava a chave:

“Abre esse cofre se tu podes”, lhe diz ele. E ela abriu a fechadura com tanta facilidade como se ela tivesse a chave. Os espíritas não negam que ela não possa ter o concurso de potências invisíveis, eles acreditam mesmo que esse concurso é absolutamente necessário, mas quando se diz que é espiritismo sem espíritos, a Igreja vê, aí, um milagre da intervenção divina.

Do mesmo modo, quando se sustenta que a previsão do futuro é um sinal certo da intervenção divina porque esse poder não seria atribuído ao demônio, reconhecem por aí mesmo que o Espiritismo não é indigno do favor divino, pois que as adivinhações e as premonições da quais ele recolheu as mais incontestáveis provas e as mais cientificamente estabelecidas, formam o mais rico fundo de sua documentação.

Para ficar convicto será necessário ler o capítulo de C. Flammarion que trata do conhecimento do futuro; aí se encontrarão as previsões muito mais tocantes que as mencionadas nas vidas dos santos.

A ação à distância é freqüente entre os moribundos que se manifestam onde está o lugar de sua afeição; mas, ver à distância é um fato que pode se interpretar de duas maneiras diferentes, dependendo que o “sujet” transponha as distâncias por suas próprias faculdades psíquicas, ou que ele perceba as imagens transmitidas por um agente distante, o que acontece nos casos de mortes violentas. Quantas mães e esposas, durante a última guerra (1ª Guerra Mundial), perceberam a imagem ou sentiram o choque de mortes violentas na mesma hora em que os seus foram atingidos. Do lado da experimentação, não se pode mais negar a vidência de certos médiuns, e a vista à distância é um fenômeno muito bem estudado para que os teólogos persistam em ver aí ora a ação divina ora a ação prestigiosa do tentador.

O corpo perispiritual é indispensável para explicar a ação à distância, o desdobramento físico do qual a fotografia nos dá uma prova irrecusável. Goerres assegura, com razão, que ele é a imagem da alma que nele reside, *o espectro da alma*, diz ele, cuja carne não é senão o envelope plástico. Vê-se, aí, que a simples observação dos fatos conduziu o teólogo às mesmas conclusões que os Espíritas. Ele relata o caso de Maria Goffe em seu leito de morte que, obcecada pelo desejo de rever seus filhos, então a nove milhas do lugar onde ela expirava, conseguiu plenamente. A criada que cuidava de seus filhos viu, durante quinze minutos, sua aparição corporal, que se dissipou assim que ela pronunciou as palavras: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito-Santo, quem és tu? Uma vizinha correu, de manhã, até à doente; a mãe conta assim que sua filha, apesar de não saber se ela estava morta ou viva, tinha declarado, logo que voltou a si, que ela tinha visto seus filhos.

O cura do lugar fez uma enquete junto à criada e aos vizinhos, junto ao eclesiástico que veio à tarde e à pessoa que tinha cuidado da doente; todos eram pessoas inteligentes, calmas, incapazes de enganar... etc.

Temos ainda exemplos clássicos de desdobramentos no caso do abade Steinmetz e no caso de Emília Saget; mas, sobretudo, em um documento

comunicado ao Sr. de Rochas, uma fotografia que nos mostra o duplo de uma jovem, aparecida espontaneamente em duas provas sucessivas, a imagem evoluiu durante o curto espaço de tempo necessário para retornar à moldura. Isto é, que os dois aspectos idênticos de um fantasma não estão mais superpostos.

Após isto, o padre Mainage pode nos atacar com sua *Summa Theologica*, questão CXVII, etc., o texto de São Tomé não resistirá à fotografia. O Padre Mainage insiste, sobretudo, em demonstrar que a alma saída de seu corpo não pode mais se mover, ou não pode mais aí voltar. Seja, mas a forma etérea pode se exteriorizar sem abandonar o corpo completamente. Ou é sobre a força etérea que a alma age e essa força, como a eletricidade, pode mover os corpos. Dirai vós que a alma não pode manejar uma força? Se entre a alma e o corpo existe uma força etérea, desaparece toda objeção.

Aliás, a mediunidade, pois que é ela que quer combater o padre Mainage, não consiste em remexer cadáveres, mas simplesmente transmitir ou perceber imagens mentais, no elemento etéreo de uma pessoa que está separada do corpo; então a objeção não cabe.

Mas os teólogos não se apóiam nos fatos. Nenhum fato, já nos disse o padre Pailloux, pode subsistir diante do menor texto de São Tomé; ou São Tomé disse..., inclinemo-nos.

E pois há alguma coisa de mais grave que São Tomé; a teoria que supõe, no homem, um princípio intermediário entre a alma e o corpo é condenado pelo concílio de Latrão em 1513 e Pio IX renovou esse anátema em 1857 e em 1860. Como em outra parte, o padre Mainage nos afirma que a alma saída do corpo não pode aí voltar; isso nos força a concluir que São Francisco de Assis, São Francisco Xavier, Santa Liduina, Maria d'Agreda, Afonso de Liguori tinham duas almas, pois que nenhum intermediário era possível entre eles e os dois corpos que se viam simultaneamente, em dois lugares diferentes. Eis onde nos conduz a negação do corpo psíquico intermediário.

Nos casos de bilocações obtidas, experimentalmente, um dos dois corpos parecia sempre inerte; entretanto, a história dos santos contém alguns relatos contrários, eles são incontrolláveis; aceitemo-los, entretanto, tais como nos são contados. A idéia de uma alma unida a dois corpos distintos não tem sentido, mas a idéia de uma alma se manifestando sobre diversos elementos exteriorizáveis não é mais inconcebível do que aquela da telefonia sem fio se propagando em todas as direções; mas é preciso admitir um agente de transmissão, o fluido nervoso. É preciso, por isso, admitir um agente exteriorizável para produzir a bilocação, uma força psíquica exteriorizável, como o vapor d'água; e, se nós quisermos representar a alma pelo calor, compreenderemos que um contato único com a caldeira que possa exteriorizar uma força vaporosa, bem canalizada, poderá acionar vários motores.

Nossa alma põe suas forças em um elemento cósmico do qual nós nada conhecemos, não há nada de absurdo para aquele que tem noção de sua ignorância.

A idéia que se impõe, após o estudo dos fatos, é que um médium, ou um santo, pode ser impressionado por agentes invisíveis com os quais eles se relacionam. Não há outras hipóteses senão a do corpo astral que possa explicar isto. Mas não estamos mais com hipóteses, estamos fazendo experiências.

O Sr. de Rochas exteriorizou o corpo astral, ele determinou as localizações parciais, ele o condensou de maneira a reformar, de frente ao “sujet”, o fantasma completo.

Numa tarde, quando ele operava com a Sra. Lambert e que esta, em estado de êxtase, via seu corpo astral flutuar acima do dela, a uma grande altura, o Sr. de Rochas, sob um leve pretexto, saiu um instante do salão, subiu ao primeiro andar às pressas e, tendo encontrado o ponto onde se achava o “sujet”, ele avançou com a mão. A Sra. Lambert pulou, deu um grito de dor juntando suas mãos acima de sua cabeça. Foi preciso transportá-la para sua cama, onde permaneceu, sem poder comer nem

dormir, durante vinte e quatro horas.

O corpo astral, e suas relações magnéticas, dá a chave de muitos fenômenos místicos, ele explica o estado de receptividade sensorial que coloca os santos em comunicação com as almas do purgatório, com os anjos guardiães, etc., mas explica, sobretudo, os efeitos psíquicos, as feridas, os estigmas, que não têm outra causa senão a repercussão do espírito sobre a matéria. O corpo etéreo recebe a ferida que ressoa sobre o órgão no momento de reintegração.

Uma boa religiosa, em êxtase, tremia à vista das torturas que se infligia Henri Suso e que ela via à distância; ela estendeu seu braço para amortecer os golpes, seu braço escureceu e ela ficou com uma contusão durante vários dias.

Se o corpo etéreo não é um realidade substancial, não há ligação possível entre o organismo e os objetos vistos à distância. Catarina Emmerich, deitada em sua cama, não pode ver realmente os lugares que ela visitou; de suas viagens em espírito, ela trouxe estigmas tais como as feridas que lhe ocasionavam as pedras do caminho, as urtigas que ela arrancava ou os espinhos que ela trazia em sua cadeira. E se a alma que deixou o corpo não pode mais retomar contato com seu organismo, ela não pode mais, por mais forte razão, agir sobre a matéria inerte; então, que significam todas as aparições das almas do purgatório que remexem objetos, que deixam traços de seu contato queimando os lençóis ou as vestimentas? Isso significa que elas têm um corpo astral, sem o qual, aliás, elas não poderiam nem ver nem ouvir os que se manifestam.

Os teólogos nos dirão que isso se faz com a permissão de Deus. Mas, não pretendemos fazer o que quer que seja sem essa permissão; se eu respiro é com a permissão de Deus e se, numa sessão experimental, uma fotografia ou uma moldagem me traz a prova material da existência do duplo fluídico, é então que a bondade divina não julga essa experiência contrária ao bem da humanidade.

O que os Santos fizeram nós podemos repetir, com uma potência menor talvez, mas dizer que as levitações registradas nos processos de canonização tomaram emprestado de outros agentes o que esses tinham observado, e tornado palpáveis no curso das experiências metapsíquicas, não temos razões para supô-lo. Dizer que as materializações de um São Martinho ou de uma Catarina de Siena eram de uma outra substância senão aquela observada sobre os médiuns, isso não seria razoável.

O corpo astral, ou perispírito, é por isso o suporte das aparições e dos desdobramentos, isto é, da manifestação material dos mortos e dos vivos. Numerosos casos observados provam que os vivos podem se exteriorizar, os espíritas falam de uma exteriorização perispiritual, enquanto que os teólogos falam da morte mística, os dois casos são idênticos. Santa Lydwine e Catarina Emmerich viajaram através do espaço, Maria d’Agride voa acima dos mares e o Padre Samaniego constata que a prostração completa, a insensibilidade absoluta a toda impressão exterior, é o que se chama a morte mística. Se o espírito sobrevive, diz ele, é bem longe de seu envelope perecível, e ele se admira de que Maria d’Agride tenha podido reviver após estar morta tão freqüentemente, é verdade que ela viajasse em corpo astral até o Novo México.

J. de Copertino se transportava junto dos moribundos; São Pedro d’Alcantara se desdobrava freqüentemente, ele apareceu a Santa Teresa um ano antes de sua morte. Santo Afonso de Liguori voltou ao seu corpo após dois dias de ausência, em 1774, na morte do papa. Os solitários do deserto estavam familiares com a saída em astral, São João do Egito respondeu a um oficial que solicitava, para sua mulher, a permissão para visitá-lo; “Vá dizer a sua mulher que ela me verá esta noite sem sair da casa onde se encontra.” Não se pode aceitar os fatos que pertencem à história religiosa e ao processos de canonização, se rejeitamos a idéia de um intermediário entre o corpo e a alma. Aliás, na prática, os biógrafos dos santos são obrigados a admitir a realidade do corpo astral. A obra de Catarina Emmerich é uma prova ainda bastante recente; leia-se na introdução:

“Algumas vezes, seu guia espiritual a arrebatava em corpo e em alma, a transportava à Terra Santa, onde ela visitava o Calvário e outros lugares santos que ela cobria de beijos e regava com sua lágrimas. Terminada viagem, ela achava, ao despertar, seus lábios cobertos de rachaduras, e seu anjo lhe dizia: Você conservou essas marcas a fim de que saiba hoje que seu arrebatamento se fez em corpo e em espírito.” Numa outra vez, em uma de suas viagens, tendo caminhado em uma senda escorregadia, ela se machucou, ao cair, na perna esquerda que se inchou e ficou, sofrendo acamada, durante vários dias. Uma noite, em que ela visitava as igrejas principais de Roma e, que indo de uma a outra, ela abriu, com as mãos, um caminho através do mato, um espinho entrou em seu dedo, e ela o encontrou ao despertar. Essas feridas a fazia crer, de acordo com o que lhe dizia seu guia, que ela estava realmente arrebatada de seu corpo.” Isto é, estava corporalmente exteriorizada. Entretanto, seu corpo material estava sempre lá deitado em sua cama de dores. Não podia por isso ser outra coisa senão uma reintegração de seu duplo exteriorizado que trazia os estigmas. É, aliás, a conclusão do comentarista católico que escreve: “Assim, essas viagens eram reais, ainda que espirituais; Ana Catarina estava realmente nos lugares onde ela era conduzida por seu guia; estava realmente nos caminhos que precisava percorrer, arrabatada do corpo, em espírito. Como prova do que nós avançamos, poder-se-ia invocar cada página, por assim dizer, de suas narrações.

Há, por isso, necessariamente, alguma coisa de real que acompanha o ser espiritual nos casos de desdobramento, e os testemunhos espíritas não são senão mais do que uma confirmação desses fatos que trazem à religião o socorro de uma prova experimental. Por que negar a evidência?

O Sr. coronel de Rochas escreveu de sua parte: Um de meus amigos, alguns anos mais novo do que eu, de espírito muito culto e ocupante de uma alta posição no mundo, apresenta de uma maneira notável o fenômeno da exteriorização da sensibilidade que, com ele, acontece mesmo no estado de vigília, a meu simples contato.

“O Sr. X..., interessado em minhas pesquisas, quis se oferecer, e eu o

magnetizei uma dezena de vezes, aprofundando cada vez mais o estado de hipnose, onde eu me detinha. Na quarta sessão, ele me disse que deixava seu corpo material, que ele via inerte: manifestou, então, uma espécie de nojo para o que ele chamava seu *farrapo*.

“Na sexta sessão, não somente ele se desligou e viu seu corpo material, mas ainda ao lado e a cerca de um metro, ele viu aparecer uma espécie de nuvem luminosa, onde ele reconheceu sua silhueta. Nesse momento, eu constatei que a radiação de seu corpo material não apresentava mais sensibilidade, salvo entre esse corpo e o corpo astral, onde a sensibilidade estava limitada a seu máximo e perfeitamente localizada. Em outros termos, o corpo material estava insensível, o corpo astral luminoso estava sensível e havia raios menos sensíveis e não bastante luminosos para ser percebidos pelo “sujeito”, que ligavam o corpo astral ao corpo material que me falava.

“No dia 28 de abril de 1892, eu roguei ao Sr. X..., para fazer mudar de local seu corpo astral; ele não pôde conseguir, mas pôde estender seu braço astral e colocar sua mão astral na minha; ele sentiu o aperto e se admirou de que eu não sentisse a sua. Eu lhe disse então para apoiar a ponta do anular de sua mão direita astral sobre um grande alfinete que eu mantinha até que ele sentisse a picada, e eu passava a outras observações. Dez minutos após, o Sr. X..., completamente desperto, e tendo, como de hábito, perdido a lembrança do que se tinha passado durante seu sono, fazia coisas perfeitamente estranhas, com algumas pessoas de minha família, quando ele retirou a luva de sua mão direita que tinha conservado com a luva, e observou atentamente a ponta de seu dedo anular. Eu lhe perguntei o que ele sentia; ele me respondeu que sentia como uma picada, pois pressionando com a unha do polegar, ele fez pingar *algumas gotinhas de sangue*, precisamente no lugar onde ele teria apoiado o dedo sobre o alfinete. Eu lhe dei a explicação e ele procurou ver se sua luva não tinha sido furada, mas naturalmente ele não pôde ver nada.

“A experiência é absolutamente nítida; não pode haver nenhuma dúvida sobre o fato.”

A documentação espírita está longe de parar por aí. Quando o médium é outra coisa senão um “sujet” da experiência, quando ele está animado do zelo de conhecer e do desejo pessoal de ser útil à humanidade, é então que a exteriorização do corpo astral tem lugar sob a condução de um guia.

Assim, sob qualquer ponto de vista que se coloca o observador, ponto de vista religioso, ou desejo sincero de pesquisas científicas, a existência do perispírito está confirmada pela prova experimental, chega-se à mesma conclusão prática. A existência do corpo astral está cientificamente provada, sua negação destruiria toda a história do milagre; é admirável que os teólogos não tenham sentido o apoio que essas espécies de estudos lhes trariam.

XII

Entre os teólogos

O padre Mainage, esforçando-se para provar a não intervenção dos espíritos no espiritismo, nega, absolutamente, a existência do corpo astral. Se o corpo astral não existe, conclui ele, a lógica do sistema obriga a reconhecer a impossibilidade, para os mortos, de entrar em contato com os vivos.

O raciocínio está certo, somente que o corpo astral existe.

O abade Ribet nos ensina que mesmo os anjos entram numa santa familiaridade com os vivos. Então, a prova está feita; a ação dos anjos, admitidos pela Igreja implica a necessidade do corpo astral.

Está bem entendido que esse corpo astral escapa a nossas dissertações, entre a matéria ponderável e a matéria etérea, eu diria quase espiritual, os estados sucessivos nos são desconhecidos; mas é bem certo que no ponto onde o último estado sutil atinge a sumidade angélica, existe ainda uma modalidade que permite à alma agir sobre a substância. Uma alma nua cessaria de existir, imediatamente confundida com Deus. Ela é, por isso, sempre ligada a uma substância. Se os anjos são mediadores de Deus junto das almas, é preciso que eles tenham um meio de ação sobre nossos órgãos, esse meio não pode ser imaterial, e o que dizemos dos anjos, di-lo-emos da alma defunta.

“Se os anjos podem aparecer pessoalmente, seja em visão imaginária, seja em visão corporal, por que seria isso proibido às almas desligadas da carne?”

Esse julgamento, do cânone Sr. Ribet (t. II. P.180), será também o de todos os espíritas.

Se interesses materiais vulgares autorizaram piedosos bispos evocar os mortos, é, pelo menos, certo que essa tentativa não era condenada; os que eles faziam reviver não eram santos, eles os chamaram para lhes dar o batismo, para fazê-los testemunhar num processo, para gerar uma herança. Os mortos podem, por isso, vir ajudar, e que ajuda melhor podem eles dar à humanidade senão a de lhe trazer uma prova de sua sobrevivência e de sua identidade.

É motivo, de ordem elevada, que justifica, freqüentemente, as aparições espíritas. É possível que a pusilanimidade das pessoas piedosas venham repelir esse gênero de manifestação, que é uma demonstração da sobrevivência?

Os teólogos não querem isso porque eles se apegam à sua concepção do milagre. Para eles, toda relação entre mortos e vivos não poderia se estabelecer senão pela intervenção de um sobrenatural, que Deus não pode ficar à disposição dos espíritas. Eles se apegam ao milagre. Deus, dizem eles, sendo o autor de todas as leis, pode derogá-las se lhe convém. Eu poderia citar um que acrescenta que, se alguém fosse bastante tolo para negar tal evidência, seria preciso prendê-lo, porque nada é impossível a Deus.

Eh, pessoal!... está entendido, nada é impossível a Deus; ele criou o mundo e não terá, jamais, nada a fazer mais difícil do que isso; conhecemos tão pouco das coisas dessa obra maravilhosa que o estudo nos revela um pouco, todos os dias, o que ignoramos na véspera, e começamos a crer que suas leis podem ser suficientes a tudo sem que ele seja obrigado a derogá-las.

A teologia será sempre impotente para estabelecer uma distinção do maravilhoso, porque toda a natureza é maravilhosa, e ela não poderia nos dizer onde começa o milagre, somente Deus é sobrenatural e, se nós denominamos milagres as obras divinas, não haveria mais lugar para o natural na natureza.

Entretanto, os teólogos admitem bem o fato espírita, mas eles se esforçam em demonstrar que é do espiritismo sem espírito. Um dos ancestrais do padre Mainage, por volta de 1860, escrevia que: nem alma, nem corpo, nem anjo, nem demônio, nem mesmo Deus, não eram capazes de agir à distância. O Espiritismo não afirma a ação à distância, pois que ele supõe o contato do corpo perispiritual e, se de outra forma, negam esse contato, ele relembra os numerosos exemplos de manifestações *post mortem* relatadas nos conventos, onde os religiosos e as religiosas voltaram para pedir preces, promover golpes de batidas, remexer objetos, etc.

É, pois, razoável recusar o fato espírita, argumentando uma impossibilidade de ordem física e teológica, admitir a ação dos espíritos para a edificação das pessoas piedosas, que essas são as almas do purgatório? É admissível que golpes dados em uma divisória sejam atribuídos a um espírito, porque o fato se produziu em um mosteiro, e que os golpes numa mesa sejam imitações diabólicas do mesmo fenômeno, porque eles se produzem diante de profanos? Eis, entretanto, onde nos conduziu a casuística.

Ribet nos ensina que os bem-aventurados se manifestam raramente em visão intelectual e que, segundo o sábio Benoît XIV, eles aparecem de preferência em visão sensível, seja mental, seja corporal (t.II, p.168).

Mas não há senão os bem-aventurados que se manifestam assim, pois os santos evocaram almas dos purgatório, de pagãos e mesmo de condenados. Há então uma classificação a fazer nos fenômenos de aparições e nas mensagens de além-túmulo e, do lado de lá, a classificação dos espíritas parece muito mais científica do que a dos teólogos. Numerosas páginas, assinadas por Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Kart Du Prel, Bozzano, etc., expõem longamente as causas do erro. Mas os teólogos do passado deviam fatalmente ser trouxas da comédia desconcertante, que brincavam de médiuns no estado de hipnose. Os condutores de consciência acomodavam todos os fenômenos às crenças de sua época. Não sabendo evitar a armadilha da sugestão, eles deixaram perder as revelações dos extáticos, eles falsearam o espírito.

Viram, nos estados de credulidade, nos estados de transporte, um milagre querido por Deus para exaltar os méritos da santa virtude da obediência. Viram possessões demoníacas num jogo que eles mesmos tinham sugerido. Por ordem dos exorcistas, verdadeiras manifestações espíritas foram transformadas em tipos de possessão diabólica, e nas experiências provocadas por eles, acreditavam contemplar os efeitos da mística divina.

Eis aqui um exemplo surpreendente onde uma pobre religiosa foi martirizada por piedosos carrascos. Não são os fenômenos que são bons ou maus, são os julgamentos que fazemos deles que são corretos ou falsos. Aqui, a sugestão é exercida por um jesuíta que queria dar o espetáculo da Paixão; o fato é tirado da *Mística* de Goerres, e a sugestão se exerce sob a direção daquele que o autor chama de um homem hábil e prudente: “Em 1724, em Florença, o bispo Eustochi fez vir o Padre Crivelli, jesuíta, que tinha uma grande reputação como dirigente de almas. Ele agia para provar uma santa moça de nome Verônica Giuliani... Ele a fez vir numa manhã ao confessor, e lhe ordenou que se colocasse em prece e pedisse a Deus que lhe revelasse o que ele, seu confessor, lhe ordenasse por ato interior de sua vontade.” Verônica consentiu e se pôs em preces. Durante esse tempo, Crivelli dirigiu do interior de sua alma, e sem que o menor movimento exterior pudesse trair seu pensamento, os cinco mandamentos seguintes:

1º que sua ferida do lado, que estava então fechada, se abrisse de novo e sangrasse como a das mãos e dos pés;

2º que ela ficasse assim aberta tanto tempo quanto ele o quisesse;

3º que ela se fechasse desde que ele o desejasse, e isso em sua presença e em presença de todos os que lhe agradasse admitir;

4º que ela sofresse diante dele, de uma maneira visível, quando ele julgasse conveniente, todas as dores da Paixão;

5º que após ter sofrido o suplício da cruz, estendida sobre sua cama,

ela sofreria ainda de pé e em pleno ar, sob sua ordem, diante dele e diante de outro que o estivesse ajudando.

Após ter formulado interiormente essas ordens, ele a deixou algum tempo ainda em prece, e lhe perguntou em seguida se o Senhor a tinha ouvido. Ela respondeu francamente: “Não.” Volte a rezar, lhe diz seu confessor. Ela o faz, e interrogada de novo, ela repetiu, palavra por palavra, os cinco mandamentos.

...No fim de alguns dias, ele voltou ao convento e lhe ordenou executar seu primeiro mandamento, que a ferida de seu lado se abrisse e isso deveria acontecer enquanto ele dizia a missa à qual Verônica assistiria. Ele ofereceu o santo sacrifício: e após ter feito sua ação de graças, ele chamou a santa ao confessionário e lhe perguntou se sua ferida estava aberta. Ela respondeu com modéstia: “Sim...” Ele passou ao segundo mandamento e proibiu que a referida se fechasse..., etc. Não foi senão ao fim de um mês que voltou Crivelli, mandou chamar o bispo e, após ter constatado que a ferida estivera sempre aberta e bem sangrando, ordenou que ela se fechasse.” Verônica ficou alguns minutos em prece e, após um tempo, não restou mais do que uma cicatriz.

Para o quarto mandamento, ela veio encontrar Crivelli e lhe disse que tinha aprendido que seus sofrimentos começariam no dia 29 à noite, por volta das três horas da noite *sic, estava-se no meio do mês*). Na hora prevista, vieram anunciar ao bom padre que Verônica tinha morrido. Este não se apressou, conferiu primeiro com um outro jesuíta e os dois encontraram Verônica, esgotada em sem respiração... Crivelli viu, profundamente impressas sobre suas duas mãos as marcas das cordas que tinham ligado o Salvador. Penetrado desse sentimento de terror que produziu todo o que é sobrenatural, diz Goerres, ele perguntou a Verônica o que tinha acontecido: “A flagelação lhe diz ela. Ele a exortou a tomar coragem, deu-lhe outra vez a absolvição e ordenou-lhe, em virtude da obediência, submeter-se a esse novo suplício...A flagelação começou e eis aqui a narração do Jesuíta: Nós a vimos sendo empurrada em todas as direções sobre sua cama, de sorte que era um espetáculo admirável e

horrível ao mesmo tempo de se ver os movimentos violentos de seu corpo, que ora saltava no ar, ora era lançada a cabeça contra a parede; tudo isso com uma tal força que as tábuas de sua cama se elevavam e caíam sucessivamente. As paredes de sua cela estavam muito perturbadas, que se diria um terremoto. As religiosas acorreram a esse barulho, temendo que o teto da casa se abatesse sobre elas, de sorte que eu tive que mandá-las se afastarem. O padre reitor, alcançou de uma vez a compaixão e apavorado, não pôde suportar por mais tempo esse espetáculo, e retornou ao colégio sem nada dizer..., etc., etc. Isto parecia ter durado treze ou catorze horas. Como Crivelli queria celebrar sua missa, ele lhe ordenou a se levantar e ir para o coro, ele terminou sua missa depois, tendo-a recolocado no leito, ele a fez sofrer a marcha do Calvário até à crucificação.

“Eu posso dizer, assegura Crivelli, que se eu a tivesse visto sobre uma cruz verdadeira, o espetáculo não teria sido mais surpreendente...,” e isso depende da tensão dos músculos, os membros esticados... etc., até ao ponto onde ela ia dar o último suspiro. Então, diz ele, cheio de fé e fortificado pelo que já tinha visto, ordenou-lhe, em nome da obediência, a dar um termo a essas dores, no que foi obedecido.

Mas o bom Jesuíta não se deteve aí, ele não queria perder o quinto ato da tragédia: representar pela segunda vez, a cena da paixão, de pé. E esse homem impiedoso continuou.

...Enquanto as articulações de seus ossos estalavam, e as câibras terríveis agitavam convulsivamente os músculos de seus braços, ela saltava; eu lhe gritei: mais alto, mais alto ainda. Seu corpo se elevou tanto no ar, de sorte que os pés não tocavam a terra. Após ter permanecido algum tempo crucificada, ela se lançou sobre o pavimento do coro, com a face contra a terra..., etc. Enfim, crendo que era tempo de pôr fim à crise, eu lhe dei permissão necessária para isso. Nós saímos da igreja cheios de admiração.

O que é assustador é pensar que ainda existem, nos conventos, experimentadores dessa qualidade; vê-se por isso, o quanto o estudo da

metapsíquica é indispensável ao padre que ainda atribui a si mesmo e a seu privilégio divino, os efeitos bem conhecidos da sugestão no estado de hipnose.

Eis aqui ainda um caso de sonambulismo bem caracterizado: A pequena pastora Benoîte Du Laus encontrou um velho que lhe disse ser São Maurício: ele a enviou ao fundo do pequeno vale, prometendo que ela aí encontraria a Santa Virgem. Infelizmente!, respondeu Benoîte, a Santa Virgem está no céu. Entretanto, a sugestão produziu seu efeito na criança em sonho à noite. Durante a noite, escreveu o abade Migne, o único tempo que separa a pastora do objeto de seu amor, ela, em sonho, se levanta para vê-la. Ela se surpreende, então, no meio das trevas, correndo, os pés nus, sobre as pedras do caminho, e mal vestida. Enquanto ela dorme seu coração está acordado e o amor arrasta seu corpo. *A Mística Cristã*, abade Migne, p. 747.

Esses fatos podem ter seu lado obscuro, mas o ponto mais claro é que os casuístas jamais os compreenderam. Tomai os quatro volumes de Ribet e encontrareis aí sempre os automatismos atribuídos à santa virtude da obediência e ao poder mágico do superior; mas a distinção entre o divino e o diabólico não há nisso outra coisa senão a piedade ou a impiedade do sujeito; que a obediência ou a resistência, é o julgamento constante da Igreja que canonizou históricas e condenou Joana d'Arc.

Quanto à distinção entre o natural e o sobrenatural, ela é mais simples ainda: é sobrenatural tudo o que escapa ao nosso conhecimento. Exemplo: A gravidade nos fixa ao solo como o escravo à gleba; o homem o que quer que ele faça não pode dele se libertar; então a levitação do corpo humano será um fato sobrenatural.

Mas não avançamos mais, pois não se encontra jamais, em Ribet, um fato divino que não possa ser imitado pelo diabo. E depois, há graus no sobrenatural divino ou diabólico, há milagres de primeira e de terceira classe. Por exemplo: o que não excede nosso poder, pode ser realizado numa medida que o excede, eis aí um milagre da terceira ordem.

De acordo com esses dados, poder-se-ia admitir que nossos pais e amigos desencarnados, cuja situação no além confere possibilidades de ação que não conhecemos, produziram pequenos milagres de terceira classe, infelizmente, isso está ao alcance do diabo e, nessa classe, Deus e o demônio intervêm continuamente (ver Ribet, p. 40). É difícil de ser aceito. Felizmente, há fatos exclusivamente divinos que seriam, por exemplo, a criação de uma substância, pois somente Deus pode criar. É evidente em teoria mas, na prática, não se sabe jamais, pois um bem poderia ser formado de uma substância pré-existente e a isso o diabo chegaria.

Como, então, reconheceríamos o verdadeiro milagre? Ah, em alguns! São as numerosas ressurreições operadas pela prece dos santos. Mas não nos fiemos nisso, pois uma morte poderia ser aparente e, nesse caso, o diabo poderia bem intervir. Precisamos de alguma coisa radical, tal como os fatos discutidos e admitidos no processo de canonização. Ribet nos cita o caso de São Vicente Ferrier, caso onde a morte era indiscutível.

O bom santo fazia sua turnê de pregação quando voltou à residência de seu anfitrião. Esse último que o tinha acompanhado perguntou, ao entrar, se tinham preparado sua refeição. Eu tenho carne e a criada, respondeu sua mulher, e disso não restará nada para amanhã. Como, carne...! mas o Padre não come isso. O homem foi à cozinha, sua mulher sujeita a acessos de loucura tinha tomado seu filho, o tinha cortado em pedaços e tinha cozido uma parte para o jantar. O pobre homem exclamou em censura ao Céu, mas São Vicente muito calmo lhe disse: Tenha confiança no Senhor que lhe deu a vida pode também lha devolver. Os membros se reúnem e a criança aparecerá plena de vida.

São, para Ribet, milagres de primeira classe; pode-se ainda aí acrescentar os casos onde a vida é mantida, malgrado a supressão de um órgão essencial, como a cabeça. A decapitação, com efeito, parece ser uma causa imediata de morte. Todavia, não se apresse em concluir; leia primeiro esta observação textual: Ribet, III, p. 48. – “Conta-se, é verdade, que vários santos mártires falaram, andaram, levando mesmo entre suas

mãos sua cabeça decapitada em combate; mas não gostaríamos de colocar esses prodígios entre os fatos absolutamente sobrenaturais, pela razão de que, tomados por eles mesmos, essas manifestações passageiras não ultrapassam a potência diabólica.”

Há, segundo Benoît XIV um milagre ainda maior que a ressurreição de um morto, seria a de uma besta; porque existe aí uma dificuldade, o animal não tendo Alma seria um novo princípio vital que Deus deveria criar.

Mas, voltemos aos nossos fenômenos. A telepatia, a clarividência, as premonições se manifestam com uma rara freqüência na vida dos santos; é então com estupefação que se lerá no *Ritual romano* que um dos sinais, que fornecem a prova da presença do espírito infernal, é a divinização de coisas escondidas e a visão à distância.

Os efeitos dinâmicos, tais como o erguimento de pesos pesados e a quebra de objetos, sem contato, são também sinais do diabo quando se levantam fardos que ninguém poderia remexer e, no entanto, São Gregório desloca montanhas, São Martinho derruba altares e quebra os ídolos, outros santos erguem blocos de pedra para a construção de uma igreja, e tudo isso pelo simples efeito da prece.

Está dito no *Ritual romano* que se reconhece a intervenção diabólica nos seguintes sinais: Falar numa língua desconhecida. Ver fora do alcance da vista. Descobrir coisas distantes e escondidas..., etc. Ribet aí acrescenta a manifestação de uma Ciência fora de linha em uma pessoa grosseira que não tivesse recebido nenhuma instrução. Entretanto, esses prodígios se encontram a cada página da história dos santos. É que finalmente os teólogos sempre chegam a essa distinção simplista de bons e maus odores. Os sinais diabólicos tornam-se os sinais do milagre se eles aparecem entre as pessoas com odores de Santidade.

Pois que não conseguimos descobrir o sinal do diabo, procuramos pelo menos o sinal característico das obras de Deus; aí chegaremos?

Deixemos de lado o que é do domínio exclusivo da Igreja, isto é, a alta mística onde nos apresentam, como sinais da Ação divina: a visão beatífica, a embriaguez espiritual, a embriaguez divina, o júbilo místico e o incêndio do amor, que pode ir, segundo São Francisco de Sales, até o escorrimento e a liquefação da alma; não nos ateremos senão aos sinais visíveis que nos apresentam como uma derrogação das leis da natureza, autorizada por Deus para convencer sobre a verdade da doutrina, ou para manifestar a potência da santidade.

Uma das operações mais manifestas da ação divina é a impressão dos estigmas (Ribet, t. 1, p. 259); infelizmente, lemos no terceiro volume, página 137; “Sim, mesmo os estigmas podem ser simulados pelo demônio, assim como os outros símbolos sensíveis dos favores místicos, tais como os beijos, o anel, as coroas.”

Há ainda a bilocação; depois, a ação à distância que seria ridículo atribuir a Satã; mas os relatos de bilocação atribuídos a Satã são fortemente numerosos (tomo III, p. 122). Quanto à ação à distância diz-se o que há nisso.

O casuísta classificará esses fatos em bons ou maus conforme lhe atribuir uma origem sobrenatural, divina ou diabólica; um odor suave provém de Deus e um odor pestilento provém do inimigo do gênero humano. No fundo, os quatro volumes de Ribet sobre os sinais que permitem distinguir o divino do diabólico se reduzem ao julgamento em que é preciso admirar a candura. Sua linha de demarcação entre o natural e o sobrenatural será fixada por nosso conhecimento atual; pela rejeição, na ordem do sobrenatural, da massa enorme dos fatos que ficaram de fora de nosso conhecimento.

Eis aqui um exemplo: “A gravidade nos fixa ao solo terrestre como o escravo à gleba. O homem, o que quer que ele faça não pode disso liberá-lo; então, a levitação do corpo humano será um fato sobrenatural.” Mas essa distinção é bem inútil, porque há o sobrenatural diabólico que será

sempre a imitação do divino. E depois, as derrogações das leis da natureza comportarão sempre graus, nós teremos milagres de primeira, de segunda e de terceira classe. Por exemplo: Há coisas que não excedem o poder do homem, mas se a mesma coisa se realiza em uma medida, ou nas condições que ultrapassam esse poder, isso será um milagre da terceira ordem.

A todas essas condições é impossível determinar os limites precisos, de sorte que as regras que nos propõe o teólogo, para distinguir a ação de Deus da do diabo, são sempre notadamente imprecisas.

As ações exercidas sobre os órgãos são uma forma do milagre mas, aí, podem agir igualmente Deus, os anjos e os demônios. As aparições constituem verdadeiros milagres, assim como ensina, com São Tomé, o comum dos Doutores. Mas o demônio pode disso ser o autor, mesmo quando elas representam Jesus Cristo ou a santíssima Virgem; a única consolação do teólogo, a esse respeito, é aprender que se pode lhes render as honras respectivas, devidas aos objetos que elas representam, pois essa honra não vai para o espírito da mentira. Eu acharia, alhures, que o demônio pode tomar a forma dos anjos de luz e também a forma dos animais; entretanto, não poderia tomar a aparência de uma ovelha ou de uma pomba, pois esse abuso dos símbolos do cordeiro da páscoa ou do Espírito-Santo não seria uma aparição da Virgem, a esse sinal de desprezo a visão se esvanece (Ribet, t. II, p. 18).

Há bem um sinal que foi aceito pela Igreja, nas provações, como uma prova da aprovação divina, é a prova do fogo, a incombustibilidade. Para absolver um culpado, ele era submetido a passar por essa prova; mas, aí ainda, achamos o pró e o contra, pois, seguindo Ribet (vol. III, p. 146): “A incombustibilidade não é senão uma forma da invulnerabilidade, e os protegidos de Satã nisso apresentam exemplos em grande número.

Poderíamos continuar durante longo tempo as citações um pouco incoerentes, elas levam a essa conclusão, que é impossível distinguir pelo exame do fenômeno, se ele vem de Deus ou se ele vem do diabo; termina-

se sempre por se reter nas provas extrínseca. O espírito de Satã, sendo oposto ao espírito de Deus, é fácil reconhecer um pelo que foi dito do outro; o milagre convém aos santos, a ação diabólica aos homens depravados; o prodígio que tende ao bem virá de Deus, etc. Não se deve fiar senão no objetivo final, nos resultados, é mais seguro se concluir da santidade ao milagre do que do milagre à santidade. E no entanto, nos disseram, no começo, que Deus fazia o milagre para provar a potência da santidade, como se reconhece isso? A ação diabólica não prova mais a depravação, pois se a santidade é uma presunção de milagre, os assaltos diabólicos foram tão freqüentes na história das santas almas. Desde Jó até ao venerável cura d'Ars, não há talvez santo que não tenha sofrido, observa Ribet. Eis aí como a teologia nos conduz nos dédalos da vida mística. Não se trata de dirigir uma censura qualquer ao passado, mas faremos um apelo a todos os homens de boa fé e de boa vontade para que eles reconheçam, que fora dos conhecimentos psíquicos, não há senão fantasias, infantilidades e incoerências.

Atualmente, as reivindicações da Igreja se acham resumidas nas conclusões do doutor Imbert-Goubeyre, autor de uma grossa obra sobre estigmatização: “Antes de tudo, nessa matéria, é preciso consultar a Igreja. Mesmo fora de sua infalibilidade, ela é uma autoridade que, quer queira quer não, se impõe. Ou ela possui todos os fatos místicos desde sua origem; eles revelam essencialmente seu tribunal; eis aqui, há dezenove séculos, que ela os estuda e os julga. Resulta disso que os extáticos foram o objeto de observação mais experimental. Jamais “sujets” foram melhor estudados e julgados em pleno conhecimento de causa. Dessa observação constante e universal, observação por vinte vezes secular, saiu essa parte da teologia que se chama a Mística: é tudo uma ciência.”

Nós poderíamos responder que a observação astronômica era mais de vinte vezes secular quando a interpretação de um texto bíblico teve que se inclinar diante da luneta de Galileu; mas preferimos fazer notar que todos os teólogos estão de acordo para dividir fenômenos em três partes. Entre a mística divina e diabólica eles são sempre obrigados a fazer a parte da mística natural: isto é, do maravilhoso puramente científico e que é

preciso atribuir a uma fonte puramente humana.

O espiritismo não invoca senão essa ordem de fato; seu estudo não invade por isso os direitos da Igreja, ele não se ocupa senão com as manifestações provenientes dos seres humanos, estejam mortos ou vivos e, se os mortos estão vivos, podemos nos comunicar com eles, como faziam os primeiros cristãos.

XIII

Entre os espíritas

Os espíritas acreditam que, sem violar nenhuma lei natural, certas pessoas, unidas por laços de mútua simpatia podem se encontrar em relação accidental, seja à distância com os vivos, seja após a morte com o espírito privado dos órgãos.

Isso é atestado por fatos constantes, admitidos pela Igreja nas histórias dos santos, nas manifestações que se produzem no momento da morte e nas das Almas do purgatório.

O acordo entre o Espiritismo e a Igreja seria por isso perfeito se esta não julgasse temerário o esforço que fazem os espíritas para estudar essas manifestações de mais perto, e para provocá-las. Mas provocar a correspondência psíquica não é se unir aos santos pela prece?

E o Espiritismo não tem razão, aos olhos da Igreja, de negar o caráter miraculoso dos fatos extraordinários atribuídos aos santos e de se apoiar, por isso, sobre a fisiologia experimental.

Os fenômenos de ordem física foram a fonte de muitas conversões na primitiva igreja. Em nossos dias, não se trata de converter os pagãos, mas os que, de fato, aderem ao materialismo e se tornaram céticos. Nós aí chegamos, colocando-os em presença do fato que derruba sua ciência mentirosa, e é para ela que o Espiritismo tem um grande valor experimental.

Mas ele fica se apegando, profundamente, à moral evangélica, não repele senão as impiedades dos casuístas, recusa-se a crer em um Deus carrasco de crianças mortas sem batismo, e não se associa ao júbilo dos eleitos diante do suplício dos condenados.

A doutrina das vidas sucessivas nos livra desse pesadelo e da terrível escolástica da Idade Média, ela nos ajuda a melhor compreender os ensinamentos de Jesus, as almas atrasadas jamais estão perdidas, elas têm a eternidade para sair das trevas. Assim que as nuvens se dissipam, a paternidade divina nos aparece numa visão mais compreensível e mais consoladora, nós não tememos mais decifrar suas obras, acreditamos mesmo que nossa evolução consiste em decifrar, a cada dia, o campo do mistério, e nos aproximar da claridade divina.

Ultimamente, o mestre Flammarion nos propunha essa fórmula: “Durante a vida, como após a morte, a alma é mergulhada na atmosfera etérea de um mundo invisível. Eis aí o que satisfazer à ciência e à religião.

Na base de toda comunicação entre os mortos e os vivos encontramos a telepatia que exerce sua ação à distância, não somente sobre os espíritos mas ainda sobre os órgãos. Daí resulta a possibilidade de uma vida espiritual, a comunhão dos santos e a eficácia da prece, assim como as ações efetivas exercidas sobre a matéria e que nos deixam maravilhados ao ponto de nos parecer milagres.

Allan Kardec nos disse: “O mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, pré-existente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal não é senão o secundário, ele poderia deixar de existir ou não ter jamais existido, sem alterar a essência espírita (*ou espiritual*).”

Os espíritos se revestem, temporariamente, de um envelope material perecível cuja destruição, pela morte, os devolve à liberdade (*O Livro dos Espíritos*. Introdução).

Assim, os sentidos terrestres não fazem senão limitar o campo de nossas percepções, eles nos estendem um véu sobre o além. Não vemos a aparência material das coisas; mas há médiuns cujas faculdades psíquicas ultrapassam o limite orgânico, e atingem o além. Isso é encontrado freqüentemente entre os santos, encontra-se entre os bruxos e os possessos porque há também, no além, espíritos que vivem em condições inferiores,

ífera.

Os seres que se comunicam não são somente os santos, são seres de todas condições, de todas mentalidades. Em virtude de condições fisiológicas que nós não conhecemos ainda, eles vencem um obstáculo cuja natureza nós desconhecemos, não é uma razão para crer que é o demônio que age sobre eles, isso não é mais demoníaco que o faro do cão que encontra, uma hora após a passagem da lebre, uma pista que a caça não fez senão roçar.

A telepatia, faculdade natural, elemento etéreo de uma natureza desconhecida, ou atmosfera psíquica universal, eis aí o fio de Ariane que nos permite não nos extraviar no labirinto dos estudos psíquicos, e eu ousarei mesmo a dizer, nas nuvens da mística, se agrada aos teólogos apanhar esse fio condutor.

Na história dos santos a telepatia representa um papel considerável; a exteriorização, a levitação, aparecem tanto entre os demoníacos como entre os místicos. O estudo imparcial do espiritismo conduzirá todos os prodígios ao domínio de nossos conhecimentos experimentais.

O espiritismo não persegue senão um objetivo; provar a ação dos falecidos na produção de certos fenômenos. Não é para os crentes que ele é necessário para aprender que a alma, após a morte, tem inúmeras vezes manifestado sua sobrevivência, mas pode ser útil demonstrá-lo.

Os médiuns são intermediários de todas as revelações; entendendo, por revelação, não o que nos ditam as mensagens, mas o que os fatos nos ensinam. Para distinguir o verdadeiro do falso é preciso estudar longamente, pois a automatização é uma coisa verdadeiramente complexa e os fenômenos, semelhantes pela forma, devem ser atribuídos a causas diferentes; mais influência do organismo, mesmo nas melhores comunicações, pode sempre se fazer sentir.

O Espiritismo chega a demonstrar a ação do espírito sobre a matéria,

sobre os órgãos e sobre o mental. Os espíritos são a essência mesmo de cada ser individualizado, vivos ou desencarnados, a alma não é jamais nua, o homem terrestre pode se exteriorizar, o vôo extático não é senão o desligamento do corpo perispiritual, e, nesse estado, a alma participa mais ou menos, das sensações recuperadas em torno dela na ambiência universal.

O médium traduz, em sua linguagem humana, suas próprias sensações, que podem ser provenientes de fontes diferentes: sugestões, autossugestões, ilusões ou imagens verídicas tiradas da mente dos seres vivos ou dos pensamentos afetivos dos desencarnados, mensagens de espíritos espertos, comatoso, perverso ou estúpido. Resulta, por isso, em uma confusão e um caos onde é impossível se reconhecer, sem um conhecimento da obra científica dos espíritas, que constitui já um monumento imponente. A questão foi magnificamente tratada pelo Sr. Gabriel Delanne numa obra intitulada: *Pesquisas sobre a mediunidade*.

As comunicações espíritas são mensagens recebidas do além. Na Bíblia, as revelações são feitas por anjos; mas a palavra anjo, nas línguas antigas, significa *mensageiro*. Há mensagens enganadoras, na Bíblia, nos atos dos Apóstolos e entre os Espíritas. Atribuem-nas ao demônio, mas o demônio, nas línguas antigas, é sinônimo de espírito e nisso há bons e maus. Não é preciso por isso se fiar nas mensagens; é preciso julgar o conteúdo como se julgaria um documento anônimo no qual o autor teria procurado colocar algum sinal distintivo de sua personalidade.

Uma mensagem deve, antes de tudo, ser suposta de proveniência duvidosa, pode ser atribuída à memória oculta e às reservas latentes que existem sempre na imaginação do médium. Os espíritos se esforçaram para provar sua independência por artimanhas criptográficas, por exemplo, invertendo a ordem das letras numa comunicação que não se pode compreender enquanto não nos é dada a chave. Escrevendo ao contrário, em espelho ou ainda numa língua que o médium não conhece. Nos são dadas até três e quatro comunicações simultâneas empregando a mão direita e a mão esquerda do “sujet”, que ao mesmo tempo fala a um

terceiro consultante, ao passo que golpes de batidas soletravam uma quarta mensagem, o que parece reduzir ao absurdo a hipótese da cerebração inconsciente que, aliás, é perfeitamente gratuita e que é contraditória nos termos.

Homens de ciência acreditaram encontrar a condenação do espiritismo na limitação dos fatos espíritas que eles puderam obter com histéricos, mas eles não conseguiram imitar nossas provas. Entre os histéricos há perturbações fisiológicas fáceis de se constatar e anestésias persistentes; entre os médiuns a saúde é sempre normal e essas anomalias não existem senão durante o transe.

Nos histéricos os automatismos não exprimem senão o gesto ou a palavra precedentemente sugeridos por um hipnotizador. Ao passo que, entre os médiuns, eles são espontâneos e independentes de toda sugestão conhecida.

O histérico hipnotizado se acha em estado de relação evidente, enquanto que nenhuma relação magnética é estabelecida entre um médium e os assistentes.

A personalidade do histérico aceita toda modificação proposta pelo magnetizador, ao passo que quando uma entidade do além se manifesta, o magnetizador não tem nenhuma ação sobre a personificação que persiste malgrado toda sugestão contrária.

Enfim, a revelação espírita imita a escrita e dá a assinatura de gentes desconhecidas das pessoas presentes. Malgrado a tudo isso, pôde-se argumentar como memória oculta, clarividência telepática, etc., nós respondemos a essa objeção que a escrita automática pôde ser obtida entre médiuns apesar de o texto ter vindo de pessoas vivas. Donde resulta que a mensagem vem de uma fonte exterior e estranha ao médium. Quando a mensagem não é atribuída aos seres vivos, a fonte exterior e estranha é imputável ao pensamento dos desencarnados.

Eis aqui, por isso, uma primeira noção adquirida, aquela do pensamento motriz, nova fonte de erro. Veja quanto a questão é complexa; a clarividência e as faculdades telepáticas puderam pegar na ambiência, apanhar as idéias que estão no ar; é por que nós devemos pesquisar as provas intrínsecas da procedência estranha e da identidade dos comunicantes.

Os casos de animismo, a ação outrora ignorada das faculdades psíquicas e dos automatismos inconscientes são, por isso, assuntos de estudos indispensáveis ao conhecimento dos fenômenos espíritas, tanto quanto os milagres, e os teólogos devem tirar disso seu proveito.

Entretanto, não é preciso esquecer que o que acaba de ser dito não é senão o exposto puramente experimental dos fatos. Na prática, há uma distinção a fazer entre os fenômenos provocados e as percepções espontâneas que não se produzem senão raramente. Os espíritas não procuram a revelação dos altos mistérios, eles procuram, antes de tudo, as provas de sobrevivência e de identidade. Defendendo-se tanto quanto eles podem contra o erro por uma síntese aprofundada de tudo o que o estudo lhes revela, eles acolhem as manifestações espontâneas pelas quais os mortos pareceram se revelar.

Só após trinta anos de experiência que um físico como Olivier Lodge pôde escrever que a sobrevivência estava, enfim, cientificamente demonstrada pelos esforços combinados de todo um grupo de sábios, membros da *Sociedade para as Pesquisas psíquicas*. Fora disso, homens de uma alta cultura intelectual e moral, favorecidos por provas pessoais, tais como Conan Doyle e Walter Wynn, nos iniciam às manifestações incontestáveis que eles receberam de seus filhos falecidos.

Esses fatos são muito mais adequados a reanimar a fé do que os milagres dos santos cuja documentação muito longe carece de precisão.

Hoje, enquetes conduzidas por homens que consagraram sua vida ao estudo da psicologia experimental, estabelecem a realidade dos

testemunhos concernentes às manifestações de mortos e de moribundos. É em vão que se nos objetam a forma vulgar e a futilidade de certos detalhes; se um infeliz se manifesta com uma inteligência interior e uma mentalidade indigente, que importa se ele prova sua identidade, se ele anuncia sua morte desconhecida de toda pessoa presente. Isso será uma questão subsidiária de explicar seu estado no além, isso nos levará às controvérsias teológicas a favor das quais pode-se sempre provar o pró e o contra.

Os videntes espíritas percebem em torno das pessoas que os consultam, seus amigos ou pais falecidos, dos quais eles descrevem sua fisionomia, sua altura, assim como certos objetos próprios a identificá-los. Bem, os santos deram consultas semelhantes; as previsões, ou antes as premonições, as visões simbólicas, o falar em língua estrangeira são maravilhas que confundem nossa ignorância, mas que se encontram em partes iguais, entre os médiuns e entre os santos.

As visões de aparições do fantasma dos mortos são fatos comuns a todas as religiões e que o Espiritismo terá a vantagem de fazer penetrar na ciência moderna. É ele que forçou o testemunho de numerosos sábios. Citamos essa declaração do eletricista Varley, ela contém a afirmação capital de que os fenômenos dos mortos são as mesmas manifestações dos vivos. – “Eu creio, diz ele, eu creio firmemente que nós estamos limitados ao corpo. Existimos, tanto após quanto antes da morte do corpo e, em certas condições, conservamos a faculdade de nos comunicar com os que ainda estão na terra, e eu creio que muitos fenômenos são freqüentemente causados pelos espíritos de pessoas vivas.”

Eis aí, a importância dos fatos de animismo; as faculdades psíquicas pertencem ao ser invisível que existe em nós, e o ser exteriorizado não difere essencialmente daquele que está privado de seu corpo. O estudo metapsíquico esclarece a ciência mística; pois, em matéria de revelação, se quiséssemos comparar a literatura mística com o que se tem freqüentemente obtido nos meios espíritas, a vantagem não seria sempre da primeira.

As autoridades têm freqüentemente o ar de crer que tudo o que se deixa publicar nesse gênero deve ter força de dogma, é um absurdo, Tudo o que se tem obtido sob essa forma deve ser considerada como uma experiência cujos resultados é preciso apreciar. A grande falta da Igreja terá sido ter colocado seu selo sobre os fatos mais ou menos estranhos à religião.

Ela condenou o que era bom e declarou divino o que era medíocre. Ela se comprometeu tanto, no passado, que não usa mais sua autoridade para dissimular os fatos; ela não ousa mais julgar. É assim que ela se comportou nos casos de Tilly-sur-Seulles, de Alzone e da Loublande; ela tem razão em ser prudente, mas ela tem razão em pôr o candeeiro debaixo do alqueire, em guardar para ela os documentos.

A apreciação desses fatos sobressai do estudo da Ciências psíquicas com as quais a Igreja poderia colaborar mais, tanto que o teólogo colocará em princípio que as criaturas não podem se livrar de suas respectivas muralhas, e que nenhum ser criado é capaz de se comunicar à distância, será contradito pelos fatos. Ribet recusa esse poder mesmo às potências celestes. Seríamos por isso forçados a atribuir à ação direta do Espírito-Santo toda revelação dos santos que se tornariam assim os fonógrafos de Deus. Veremos, e, seguida, aonde isso nos conduzirá. Não é nossa culpa se os teólogos comprometem a autoridade do Espírito-Santo.

Nós deixamos à Igreja o conhecimento do milagre divino. O Espiritismo não o nega, mas não eleva até aí, o milagre de terceira classe lhe é suficiente, e ele tem pelo menos o mérito de não comprometer a autoridade divina. Para ele, os fatos mais absurdos trazem em si seus ensinamentos, eles são reveladores de leis que não chegaram ainda ao nosso conhecimento e cuja interpretação pode mudar, ninguém é detentor da verdade absoluta.

A mística natural e divina, e mesmo o espiritismo começam precisamente onde terminam os poderes do animismo automático, isto é, onde começa a intervenção de uma inteligência exterior. Donde a necessidade de bem

conhecer as diferentes fontes capazes de colocar em movimento os órgãos inferiores. É preciso conhecer também todas as regiões onde podem servir a telepatia e a clarividência.

A multidão de fenômenos telepáticos, seria suficiente somente a si, se houvesse necessidade de reabilitar a mística, ela prova as relações extrasensoriais, isto é, a possibilidade de se comunicar com as almas, por isso, a comunhão dos santos. O pensamento de um vivo sobre um outro vivo nos faz compreender a ação efetiva da prece que pode produzir o milagre, não somente atraindo a potência invisível, mas exercendo uma influência direta sobre um sujet. E, é aqui, em tanto que nos ultrapassa os limites da observação pura, que nós somos obrigados a reconhecer a identidade das faculdades supranormais entre os místicos e entre os médiuns.

A visão à distância, a hiperestesia, as levitações, tão freqüentemente citadas nos anais da santidade, são fatos hoje constantes e independentes do valor moral do “sujet”.

XIV

Entre os santos

Quando Moisés fazia prodígios os mágicos faziam a mesma coisa. Essa lembrança bíblica, ainda gravada nas memórias, exerce uma sugestão sobre o espírito dos fiéis diante dos prodígios da psicologia moderna. Os santos fizeram milagres, e aqueles que fizeram o mesmo, sem serem canonicamente investidos dos poderes necessários, deviam ser suspeitos. Não é espantoso que as manifestações caprichosas de uma força, por longo tempo ignorada, tenha conduzido à fogueira infelizes médiuns, num tempo em que Deus e o diabo disputavam o império do mundo.

Hoje, torna-se muito evidente que a clarividência e a bilocação dos santos se dão do mesmo processo fenomenal que a exteriorização e a visão à distância, observadas entre os médiuns. Não há mais bruxaria nem milagres, o maravilhoso está introduzido na ciência. Mas está claro que, seguindo o valor moral do agente que o produz, o fenômeno reveste-se das aparências do bem ou do mal. Daí nasceu a falsa ciência dos inquisidores, que viam por todo lado o milagre de Deus ou o milagre do diabo.

Se o ardente desejo de um santo levanta uma hóstia, o de um pessoa mal intencionada poderá lançar uma pedra, no primeiro caso, o hagiógrafo (biógrafo dos santos) escrevia que a santa tinha recebido a comunhão da mão dos anjos, no segundo, que o bruxo tinha feito um pacto com o demônio. Hoje ainda, se a estátua de um santo se torna viva, num convento, foi Deus que fez o milagre, se uma mesa se torna viva, em um grupo espírita, é o espírito das trevas, e no entanto, é a mesma ação mecânica que produz os dois fenômenos.

Sabemos que um objeto pode ser levantado pela ação de um órgão exterior que, mesmo invisível, pode ser modificado sob a direção dos obreiros do além túmulo, dando toda forma útil aos efeitos que eles

querem produzir. Esse gênero de ectoplasma pode se tornar visível, ele pode ser fotografado, pode deixar traços de sua ação mecânica. Hoje, que isso não ultrapassa mais os limites de nosso conhecimento, não é mais um milagre, é um fato metapsíquico.

Não nos alarmemos com a vulgaridade do fenômeno, o movimento da mesa, que nós desprezamos, como se jogássemos a esmo alguma coisa, provará, pelo menos, a existência da alma; ela nos mostra a inércia da matéria subjugada à força que lhe dita seu movimento. Essa alma é mortal para o materialista, não lhe desprezem a eficácia porque ela está nas nossas mãos. Os primeiros cristãos se serviram dela para dar a réplica aos pagãos que se serviam do mesmo fenômeno. (Ver Tertuliano)

Os objetos podem se mover sem contato aparente; e isso se produz em torno dos Santos como nas casa mal-assombradas e como em torno dos médiuns. Isso não impede a intervenção de potências celestes; ao comando de São Martinho de Tours ou de São Gregório, os ídolos se quebram, como um médium quebra algumas vezes à distância, os instrumentos de controle que o desagradam. Os anais da Igreja, escreve o abade Migne, estão repletos de fatos desse gênero, e poderíamos citar um grande número. São Satyre foi decapitado por ter derrubado um ídolo soprando sobre este; uma estátua de Vênus tomba diante de São Porfírio. Os espíritos são as almas dos homens que viveram na terra e passaram para o além túmulo, nem anjos, nem demônios; eles agitam os sinos, abrem as fechaduras e anunciam sua presença por golpes de batidas; o espiritismo se acha na história dos santos, não recuseis as vossas próprias testemunhas!

Todos esses fenômenos psíquicos, que edificaram ou escandalizaram as gerações crédulas, não podem mais reter o quadro das concepções religiosas cuja mística do abade Ribet constitui o tipo mais flagrante. É para ele impossível citar um milagre que não tenha, em face dele, sua imitação, e isso não se pode explicar fora da ciência nova, à qual o espiritismo deu nascimento.

É preciso reconhecer que a sugestão representou um papel considerável na vida de alguns santos. Não negamos a possibilidade das relações psíquicas com as entidades celestes, mas constatamos que essas relações são mais freqüentemente terrestres. É permitido estudar essas relações que a telepatia nos revela, pois nós pensamos que são sempre os meios da natureza que os mensageiros de Deus põem em prática e estudamos as aparições até em seus processos de formação substancial.

As almas do purgatório deram provas de suas manifestações objetivas; é por isso um fato admitido pela Igreja, que uma forma fantasmagórica pode se revestir de substância para adquirir a visibilidade. A química analisará essa condensação material de elementos fisiológicos, momentaneamente, emprestados da natureza. Quanto às visões subjetivas vemos nisso a contrapartida experimental nos efeitos da telepatia, que pode criar imagens iguais à realidade. Não tememos que Deus condene uma má interpretação desses problemas que ele mesmo pôs à nossa frente. É um assunto digno de tentar nossos esforços, pois não há verdades escondidas que não vinham ser reveladas.

Muitos místicos, que se nos apresentam como santos e santas, viviam numa sugestão contínua; eles concretizavam os sonhos que tinham, para eles, todas as aparências da realidade. Mesmo que os sensitivos de nossos dias vissem e acariciassem um carneiro imaginário, mesmo que eles vissem o Menino-Jesus com convicção, e acariciariam com uma perfeição desconcertante.

Maravilhosamente sugestionados pela educação, pelo contágio do meio e pelas práticas da vida monástica, eles caíam em catalepsia a propósito de nada e a propósito de tudo; ao som do sino, à vista do crucifixo, pela audição de uma música da igreja; os confessores preenchiam junto a eles o papel do magnetizador. É, freqüentemente, fácil reconhecer esse estado de relação que entregava esses “sujets” a todos os caprichos de um diretor de consciência.

A primeira característica desses estados é a insensibilidade. Os teólogos

acreditavam então que a alma, arrebatada em Deus, ficava absorvida por essa ocupação santa que nenhuma dor a podia distrair. Essa insensibilidade era natural, pois que ela é inerente a todo sensitivo em estado de catalepsia, e análoga aos fatos constatados pelos primeiros magnetizadores. Mas, como os incrédulos são os mesmos em todos os lugares, o fenômeno deu lugar aos mesmos incidentes.

Os incrédulos não vêem senão seus preconceitos, eles não observam jamais os fatos. No último século, mesmo os materialistas acreditavam que o fato era miraculoso e, não acreditando no milagre, eles negavam a insensibilidade e isso é com certeza nas sessões do magnetizador Lafontaine, em que um imbecil enfiava toda a lâmina de seu canivete na coxa de um sensitivo, confundindo insensibilidade com invulnerabilidade.

A mesma coisa aconteceu a Santa Catarina de Siena quando ela estava em Avignon. Nos belos dias de sua crença, essa confusão era escusável; já que Deus a tornava insensível, não era mais difícil a Deus tornar a santa invulnerável. Assim raciocinava a irmã do papa Gregório XI, que veio, com muitas personagens de qualidade, ver o êxtase de Catarina de Siena. Imaginando que ela fizesse um simulacro, ela fingiu que se abaixava, por devoção, até aos pés da santa e os furou repetidas vezes com um longo alfinete; quando esta retomou seus sentidos, experimentou uma tamanha dor que a impedia de caminhar. “Catarina, escreveu seu confessor, não teria se remexido, mesmo se lhe tivessem cortado os pés..., fomos mil vezes testemunhas, os membros ficavam imóveis e rígidos, e foi mais fácil rompê-los do que mudá-los de lugar.”

É impossível negar que os discursos pronunciados nesse estado não se diferenciavam da mediunidade falante (psicofônica); nisso encontramos todos os caracteres, a exuberância do sentimento religioso, o falar em línguas não aprendidas, e a faculdade, no transe seguinte, de repetir em seguida do discurso iniciado. Na falta de relatórios científicos, as narrações são suficientes para nos elucidar; o confessor de Catarina nos diz que é durante seus êxtases que ela ditava suas cartas e seu livro; O que havia de maravilhoso, diz ele, é que, obrigada a interromper durante

vários dias esses ditados, ela os retomava, sem hesitação, no ponto em que tinha parado.

Crises semelhantes se manifestavam entre alguns pregadores, citemos, ao acaso, Tomás de Villeneuve, que caía em catalepsia quando subia no púlpito; ele fazia então discursos admiráveis, falava como um anjo do céu, diziam suas testemunhas. Um dia, em que ele recitava o breviário, foi arrebatado desde as seis horas da manhã até as cinco horas da tarde, ele não tinha nenhuma consciência do tempo transcorrido, e perguntou simplesmente onde tinha estado.

São José de Copertino caía em transe, tão freqüentemente, que sua missa era sempre interrompida; terminavam por confiná-lo em sua cela. Nesse estado, escreve o abade Migne, tinha que arrastá-lo, picá-lo com agulhas, deslocar-lhes os dedos, queimá-los com círios acesos, enfiar-lhe a ponta do dedo nos olhos ou agulhas sob as unhas, ele nada sentia. Nenhum sopro saía de sua boca, e a pupila ficava escondida sob a pálpebra superior.

As palavras proferidas ou escritas durante essas crises nos foram apresentadas como revelações. Para as previsões extáticas de Jeanne de la Croix, foram publicadas 783 folhas in-folio, mas não é preciso examinar toda essa literatura; é suficiente citar o piedoso confessor de Catarina de Siena, Raymond de Capoue. Eis algumas das que ele considerou as mais sublimes: santa Catarina via Nosso Senhor introduzir sua alma na ferida do seu lado. A Santa Virgem a alimentava de seu leite. Santa Madalena vinha lhe contar as comunicações que recebia sete vezes por dia no deserto. São Paulo, São João, São Dominique, São Tomás de Aquino vinham sucessivamente visitá-la. Um dia Jesus Cristo, vindo a ela, trazia seu coração em sua mão, ele se aproximou, abriu seu lado esquerdo, aí colocou o coração que tinha trazido e lhe diz: “Minha filha bem-amada, eu tomei outro dia teu coração, hoje eu te dou o meu, e é o que te servirá daqui em diante.” A santa continuou a viver nessa idéia fixa; Jesus tinha fechado seu peito deixando aí uma cicatriz que ela mostrava a suas colegas.

Malgrado um luxo verdadeiramente excessivo de aprovações canônicas, as revelações de Maria d’Agréda não são sempre edificantes, ou não são muitas. Que Maria, mãe de Jesus, tenha aparecido a São Jaques na Espanha, isso é admissível, mas o que é de menor importância é mesmo a substância da revelação escrita. A virgem Maria, ainda viva em Jerusalém, fala de si mesmo como se fala hoje da Rainha do Céu; ela é acompanhada, mostrando-se a São Jaques, de anjos que cantam *a Ave Maria* e todos os cantos litúrgicos que não foram compostos senão muito mais tarde e, por cúmulo de inverdade ela ordena a Jaques para lhe construir uma igreja, tal é a origem revelada da fundação de N.D. Del Pilar, mais tarde reconstruída pelos fiéis, mas resta um bem material que data do primeiro século, é uma estátua da Santa Virgem, formada pelas mãos dos anjos, muito tempo antes de sua morte. Citemos uma passagem dessa revelação: “Os anjos traziam uma coluna de mármore ou de jaspe e, tendo formado de uma outra maneira diferente uma imagem, que não era muito grande, da Rainha do Céu, eles a transportavam com muita veneração e tinham preparado tudo isso nessa mesma noite, com a atividade e a prontitude que lhe era natural quando Deus lhes dá o poder de agir sobre alguma coisa. Trata-se de uma pequena estátua em madeira bruta que ainda se vê, eu creio, na igreja de N.D.del Pilar, em Saragoça.

Bem entendido, não negamos a santidade, nem os fenômenos de Maria d’Agréda, ela tinha uma mediunidade extraordinária, mas como todos os médiuns que fazem abdição de sua vontade e de seu julgamento ela foi mistificada e, com ela, foram os examinadores e qualificadores do Santo Ofício, os professores de teologia, o Provincial (representante do governo da província), o Padre Geral assim como o inquisidor designado, que com uma unanimidade tocante, e com a ajuda de argumentos que não careciam de sabor, nos asseguram que a revelação traz a marca da inspiração divina.

Hoje, compreende-se-ia bem melhor a explicação espírita, ao dizer que tudo isso é devido à inspiração das almas piedosas ainda totalmente impregnadas de sugestões *pós-morte*, e acreditando bem fazer em dar

comunicações edificantes.

Todos esses místicos, que conduziam a vida do convento, estavam assim dominados por uma idéia fixa que não os deixava de imediato no alémtúmulo. Esse gênero de sugestão variava com os temperamentos. Examinando os dossiês, somos constrangidos a confessar que as aparições da Virgem eram de uma freqüência inverossímil do lado dos homens, ao passo que, do lado dos santos, é sempre o Cristo ou o menino Jesus que aparece. Além do mais, a revelação se traduz, para uns, em efusão de amor por vezes escandalosas, desabafos humanos, e para outros, em ordens impiedosas que os empurram para a penitência e a mortificações tão cruéis que elas provocam nojo. Os efeitos variam com a sugestão que força uns para a contemplação das alegrias celestes, os outros para as visões de inferno e seus suplícios.

Mas, onde a responsabilidade da Igreja me parece assustadora é na pressão que sempre exerceu sobre as consciências fracas. Existe, evidentemente, um estado de relação magnética entre o confessor e sua vítima.

Essa passividade no estado de relação foi sempre explorada como uma marca da aprovação divina. Na sua sede de dominação, o espírito clerical sempre exaltou como uma virtude essa obnubilação da vontade contra a qual Jesus nos coloca em guarda. Essa exploração foi, sobretudo, notável em torno dos extáticos do século XIX; era a santa virtude da obediência que servia para provar a santidade dos estigmatizados do Tirol. Tendo se tornado habitual o estado de êxtase de Maria de Moerl, seu confessor, em 1832, resolve controlá-lo pela virtude da santa obediência. Efetivamente, dizem os relatórios, o êxtase jamais cessa, a não ser pela ordem de seu confessor..., essa obediência é a marca segura da santidade de seu estado. Às vezes, uma ordem era intimada sem nenhum ruído de palavras e, mesmo de uma câmara vizinha, para assegurar que ela não estava sob nenhuma ilusão mentirosa, mas estava realmente conduzida pelo espírito de Deus.

Essa interpretação é constante na literatura piedosa, o abade Migne assim o explica. Os extáticos estão sempre em união com a Igreja, eles são a ela ligados pelos laços da obediência; devem por isso obedecer àqueles que têm o direito de comandar em seu nome.

José de Copertino estava constantemente em catalepsia; um dia não se pôde arrancar de suas mãos o cálice que ele mantinha apertado contra seu peito, até que o que seu superior lhe ordenou: Padre José, soltai-o em nome da obediência. Assim, ele permaneceu em êxtase até que o espírito o deixasse, ou que o comando de seus superiores o fizesse sair. Ele dizia que ouvia certamente suas palavras, mas que era Deus quem, por causa da obediência, o chamava.

Com o pretexto de mostrar a seus colegas as maravilhas da santa virtude da obediência, o prior de um convento ordenava a São Dominique de Jesus-Maria, sem que ele não pudesse ouvir sua voz, a se lançar à água. O mesmo prior propunha a alguns eclesiásticos a despertar em seu nome, mas Dominique não obedecia antes que o Superior tivesse consentido mentalmente. Como se vê, os milagres de outrora se repetem ainda em nossos dias, eles se transformaram no hipnotismo, nós vemos, diz o abade Migne, a virtude sublime da obediência se estende até para morrer por ordem e no momento indicado pelo superior.

Todavia, ele aconselha a prudência porque o mandamento, nesse caso, se dirige a Deus e, se ele fosse acompanhado do mais leve sentimento de orgulho, ou de curiosidade, poderia encontrar facilmente resistência. Por outro lado diz: o mandamento é bem enviado, o próprio Deus apressa-se por obedecê-lo.

Aí, ainda, é a sugestão que age. Um jesuíta, submetido a grandes sofrimentos, diz a seus superior: Mas eu morrerei quando vós quiserdes, vós só tereis que ordenar e eu obedecerei. O superior lhe diz então: Eu vos ordeno a morrer! E ele morreu.

Em sua pequena obra-prima intitulada, *o Ser subconsciente*, o Dr. Geley

demonstrou muito bem que era preciso fazer uma distinção capital entre os fenômenos de ordem inferior, relevando o automatismo cerebral, e os fenômenos de ordem superior que permanecem inexplicáveis. Cada uma dessas duas categorias se encontram na mística, e deixando para a segunda as revelações de Santa Teresa e os verdadeiros milagres, devemos rejeitar na segunda categoria fatos que cessaram de ser miraculosos.

Mas não rejeitamos, por isso, a intervenção do invisível, os teólogos nos apresentaram como manifestação divina fatos espíritas, fiquemos de acordo para determinar a fonte, mas é preciso reconhecer a similitude dos fatos atribuídos a Deus e ao demônio. Cristina, a admirável, estava muito ligada com as irmãs de Santa Catarina. Um dia, estando sentada com elas, falava de Nosso Senhor, ela foi, de repente, e sem estar à espera disso, apanhada pelo espírito. Seu corpo se pôs a girar como um pião agitado pelas crianças, com uma rapidez tamanha que não se podia mais distinguir a forma de seus membros..., quando ela pôde retomar sua calma ela se pôs a gritar: Trazei-me todas as irmãs a fim de que elas louvem comigo o Senhor... Todas acorreram... Ela se pôs a entoar o *Te deum...*, cantava em latim com uma voz tão encantadora que isso parecia ser antes o canto de um anjo que o de um mortal...

Não há lugar para classificar esse fenômeno numa outra categoria senão a dos fatos similares obtidos por Home e Stainton Moses nas sessões de espiritismo. O estado de transe, com Home, apesar de que ele tenha sido duramente julgado por certos religiosos, jamais atingiu esse grau de trivialidade. Os fenômenos não eram menos válidos, mas os espíritas ao atribuir suas comunicações aos desencarnados não negam por isso, a ação divina, ao passo que os teólogos, recorrem à ação direta e pessoal de Deus, não admitem de boa vontade outra forma; os primeiros podem, por isso, sem perigo para sua hipótese, encontrar comunicações de valor inegável, mas os segundos, se eles não admitem senão uma intervenção sobrenatural, não têm mais o direito de nos apresentar revelações medíocres.

A posição do Espiritismo é, por isso, muito melhor, ele pode rejeitar na categoria de fenômenos inferiores tudo o que é decepcionante, e mesmo atribuir, a seres inferiores manifestações grosseiras, ao passo que a Igreja, apoiando-se em falsos milagres que ela cobriu desde há muito tempo com seu selo, não concedendo o *imprimatur* senão após exame, certificados e aprovação de seus representantes, ou mesmo da autoridade papal, é mal qualificada para julgar agora os fatos que diferem tão pouco dos que ela atribuía a Deus.

Aliás, os teólogos não puderam sair dessa dificuldade senão atribuindo ao demônio um poder igual ao de Deus. Encontramos, sem dificuldade na vida dos santos, o que reconstituir, por completo, o dossiê da fenomenologia espírita. As batidas por golpes, os objetos quebrados sem contato, as mensagens automáticas, os automatismos, as comunicações escritas, visuais ou auditivas aparecem a cada página de sua história, e aparecem idênticos aos que o Espiritismo se esforça em fazer ser reconhecida pela Ciência.

Como os católicos poderiam contestar fatos que eles jamais negaram quando eram atestados por personagens piedosas? Como poderiam nos impedir de publicar fatos análogos aos que seus historiadores contam após testemunhos dignos de fé?

O abade Migne reconhece que Catarina Emmerich ouvia freqüentemente golpes de batidas pelas almas dos que por quem ela orava. Quando se retirou do convento de Albe o corpo de santa Teresa, todas as religiosas ouviram distintamente, e várias vezes, golpes de batidas com força no lugar onde ela tinha sido depositado.

Esses golpes extraordinários, se bem estudados com Eusápia, podem ser produzidos por uma mão quase sempre invisível, entretanto me foi dado vê-la, senti-la acariciar meu ombro ou fazer, sobre mim, um sinal da cruz.

Mas ela pode tanto vos enviar outra coisa como carícias, alguns cétricos de marca fizeram a dura experiência e essa particularidade foi achada entre

os santos médiuns.

Santa Brígite, escrevendo suas revelações, se fazia ajudar pelo sub prior do mosteiro d'Alvastre, mas este carecia de convicções. “Um dia em que ele persistia na dúvida, sentiu uma pancada com tanta violência que ficou como que privado de todo sentimento. Os religiosos o transportaram para sua cela onde ele permaneceu semi-morto durante uma grande parte da noite.

Os automatismos são freqüentes na profecia, é sob esse fenômeno que aparecia o dom das línguas, mas os estados de hipnose vulgar eram sem dúvida mais freqüentes.

Assim, diz Goerres, Madalena de Pazzi falava em forma de diálogo, ora com o Pai Eterno, ora com o Verbo encarnado, ora com o Espírito-Santo, a Santa Virgem e outros santos, fazendo os pedidos e as respostas em nome daqueles ou em seu próprio nome, segundo as circunstâncias, ela mudava de voz a cada vez.

Nos seus estados de êxtase, ela não parava de costurar, de cortar ou de pintar imagens, e a obscuridade não atrapalhava de forma alguma suas ocupações. Ela sonhava que a graça lhe era retirada, então se via assaltada pelos demônios, ouvia rugidos de bestas ferozes; enfim, tinha visões do purgatório onde a auto-sugestão tinha um papel evidente.

Joana da Cruz falava o latim, o grego, o árabe..., etc., embora, fora do êxtase, ela não compreendesse nenhuma dessas línguas. O caso da filha do juiz Edmond que fez um grande barulho no começo do espiritismo era ainda mais notável.

Para a escrita automática, podemos citar o caso de santa Hildegarde que, completamente iletrada, se pôs a escrever com a idade de 42 anos. Para ela, era preciso recorrer a um monge para decifrar seus rabiscos porque na impossibilidade dela em separar as letras, todas as sílabas se confundiam.

O fato parecia tão miraculoso nessa época que o papa Eugênio veio a Treves, com dezoito cardeais, para dar-se conta. Após exame, essas revelações foram canonicamente aprovadas, em 1148, pelo concílio e pelo papa. A santa tinha então cinquenta anos.

A escrita miraculosa de Catarina de Siena é assim explicada numa carta escrita a seu confessor; não sabendo nem ler nem escrever ela se exprime assim: “Eu mesma escrevi essa carta e as que já vos envie, pois Deus me deu a facilidade de escrever a fim de que saindo do êxtase eu pudesse aliviar meu coração e, como o mestre que instrui o aluno lhe mostra o modelo que deve copiar, ele colocou diante dos olhos de meu espírito o modelo das coisas que vos escrevo.”

Somos obrigados a excluir do domínio do sobrenatural algumas dessas revelações escritas ou ouvidas que relatam os hagiógrafos (biógrafos dos santos). O que é que uma mensagem como essa da Bem-aventurada Margarida-Maria chama Luiz XIV: o filho primogênito de seu Sagrado-Coração..., e que lhe faz escrever que seu nascimento temporal foi obtido pela devoção aos méritos de sua Santa Infância...? É Deus que se exprime assim? Não se vê senão que há o reflexo da mentalidade bizarra de uma devota no ano da graça de 1689. A Igreja aprovou essa mensagem com sua autoridade, foi o original de um culto aprovado pelo Papa Leão XIII, em maio de 1899.

A Igreja, ao contrário, interpretou mal a mediunidade auditiva de nossa Santa Joana d’Arc. Mais de dez anos após sua morte ela era ainda tratada como herética, como bruxa e como relapsa por toda a cristandade, que se apoiava no o julgamento da Igreja, já que Roma tinha comprometido sua responsabilidade ao fazer figurar o legado do papa no processo de Rouen.

Ao lado disso, pode-se lamentar que a aprovação canônica tenha sido concedida a certas mistificações piedosas; responder-me-ão que os pregadores no púlpito, ao citar perfeitamente, alegres, que eles se colocam entre o número daqueles que fazem parte do Espiritismo; sim, mas eles não podem confirmar porque nenhuma autoridade os cobre, o Espiritismo

ensina que nenhum fenômeno pode ser aceito antes de ter sido cientificamente controlado e que uma comunicação não tem outro valor intrínseco senão aquele das provas que ele pode fornecer de sua origem, e na medida em que ela pode satisfazer a razão.

A verdade é que Misticismo e Espiritismo são igualmente perigosos e podem conduzir aos mesmos abismos; não há segurança senão somente sob a égide da ciência, capaz de abrigar nossa fé daqui para a frente.

XV

Em torno dos mortos

Os mortos só podem nos provar a sobrevivência; mas podemos invocar seu testemunho?

Não há a menor dúvida a esse respeito, a Igreja primitiva aprovava a evocação dos mortos; aliás, a prece não era outra coisa senão uma evocação e, se os santos puderam responder a nosso apelo por efeitos sensíveis, seja aparecendo, seja dando comunicações escritas, verbais ou auditivas, ou ainda produzindo movimentos e modificações na matéria, temos aí o equivalente dos fenômenos espíritas dos quais os anais hagiográficos (escritos sobre a vida dos santos) nos têm dado tantos exemplos.

Desde os primeiros séculos, as comunicações se estabelecem entre os fiéis e os santos. São Paulo escrevia. Vós todos podeis profetizar um após outro. São João Crisóstomo se gabava de um comércio diário com os santos e os apóstolos, e ele mantinha essas relações em paralelo com os do príncipe e seus cortesãos, para estabelecer a superioridade da vida monástica.

Na intimidade de sua cela, são Martinho se entretinha com Agnes, Thècle e Maria, materializadas; e o mesmo santo, que foi um médium potente, ia evocar os mortos sobre seus túmulos, interrogava-os sobre seu estado, e deles recebia respostas. Mesmo nos concílios, viu-se associar a manifestação espírita em suas decisões; é assim que dois piedosos bispos Chysanthus e Mysonius, estando mortos antes do fim de um concílio, foram rogados a aprovar as decisões lacradas que depositaram em seus túmulos.

Após toda uma noite passada em prece, os selos foram quebrados e se encontraram, com as assinaturas dos defuntos, embaixo do manuscrito, as

seguintes linhas em escrita direta: “Nós Chryssanthus e Mysonius, que concordamos com todos os padres em primeiro lugar e santo Concílio Ecumênico, embora no presente despojados de nossos corpos, entretanto, subscrevemos, com nossa própria mão, essa decisão.” A Igreja, acrescenta Nicéphore, que conta o fato após Gregório de Cesaréia, considerou essa manifestação como um triunfo notável e positivo sobre seus inimigos.

O papa São Leão depositou no túmulo de São Pedro uma carta que ele endereçava a Flaviano, bispo de Constantinopla, depois ele se pôs a orar e a jejuar durante quatro dias; após o que o príncipe dos Apóstolos lhe diz:” Eu li e corriji.” Abriu-se o túmulo e se encontrou, de fato, a carta corrigida.

Essas coisas seriam inacreditáveis se fatos análogos não fossem produzidos em nossos dias diante de testemunhas.

O barão de Guldenstubbé que, após ter consagrado toda sua vida à demonstração da imortalidade da alma, obteve, diante de várias testemunhas, numerosas espécies de escrita direta, publicou o resultado de suas experiências. E nós diremos com ele: “Não há um único cristão que recusaria receber uma prova material e moral, ao mesmo tempo da existência da alma em um mundo melhor, tal como esse fenômeno da *escrita direta dos espíritos*.”

O barão de Guldentubbé obtinha esse fenômeno pela prece, e isso não difere em nada do que nos relata, por exemplo, o Padre Giry (t.I, p. 62I). São João, o capelão, morreu sem ter podido responder, por exemplo, a uma pobre mulher, a confissão escrita que ela lhe havia confiado, cuja ansiedade da mulher que relia perto de seu túmulo e perseverou durante três dias e três noites na prece, até que o morto lhe devolveu o bilhete selado. A mulher, ao abri-lo, encontrou seu pecado perdoado e, no lugar, estavam escritas essas palavras: Pelo mérito de meu servidor João, teu pecado está perdoado. Eis, por isso, uma mulher, que não era uma santa, mas obteve uma graça da escrita direta.

Um outro exemplo com escrita direta se acha na vida de Santo Ouen, arcebispo de Rouen.

Este, querendo levar, como relíquia, a cabeça de São Marcoul, recebeu um aviso para tomar um outro membro, mas deixar a cabeça. Esse aviso, especifica o P. Giry, não veio de uma voz articulada, mas de uma carta escrita que lhe caiu miraculosamente entre as mãos.

Não se compreende, após tantos exemplos, como o P. Mainage pôde afirmar que a Igreja, todo tempo, proibiu as comunicações de além-túmulo, tudo, ao contrário, tende a provar que os primeiros cristãos conheciam todas as formas da mediunidade e, se um papa pôde consultar São Pedro em sua tumba, é que já havia, antecedentes conhecidos.

Os Espíritas não fazem outra coisa senão perguntar o que os espíritos querem, ou podem comunicar; e eles sempre ensinaram que o fenômeno não depende de sua vontade. Não temos a pretensão de fazer o que quer que seja sem a permissão de Deus, o padre ao contrário parece, algumas vezes, colocar seus poderes mágicos acima dos julgamentos de Deus, por exemplo, quando ele ressuscita um morto para lhe dar o batismo, para confirmá-lo, ou para confessá-lo. Que pensa o padre Mainage, que pretende que a morte fixa nossa sorte irrevogavelmente? A Igreja, entretanto, nos assegura que há privilégios na vida, não para reparar suas faltas, mas para serem arrancados do inferno pelo gesto mágico do padre.

Negam que os espíritos podem ser bons ou maus, mas é o mesmo que os homens que nos cercam, que exercem sobre nós sua influência, e dos quais podem se defender bem menos do que uma mensagem do além que não tem, para nós, nenhum valor dogmático e que, mesmo sua origem nos é sempre suspeita, até que a tenhamos submetido a uma análise severa.

Se a engenhosidade dos homens, encarnados ou desencarnados, pôde superar o obstáculo orgânico que se opõe à correspondência oculta, é que Deus nos permite fazer uso da inteligência que ele colocou em nós. Se a

clarividência é uma faculdade da alma, nisso eu presto homenagem a Deus em vez de ao demônio. Aliás, eu aprendo com o abade Migne uma lição da antiga liturgia nesses termos sobre as comunicações do além: Oh, indissolúvel caridade dos cidadãos celestes! Oh, admirável magnificência do Cristo, que obtém para seus santos, separados corporalmente, mas unidos já por uma mútua caridade, a alegria de se entreter juntos numa visão espiritual. Um soldado emérito, coroado nos céus, dirige a palavra àquele que se acha ainda no campo de batalha dessa vida enganadora!... Eh meu Deus! Se se substituir as palavras, “*separados corporalmente*” por “*desencarnados*” veremos, aí, a pura teoria espírita. Que não se objete que nossos comunicantes não são santos, primeiro porque não é preciso julgar ninguém, e em seguida, porque mesmo os santos se comunicaram com as almas sofredoras e com os condenados. Que a Igreja se ocupe em julgar os mortos se bom lhe parece! Reservamo-nos o direito de julgar as razões de acreditar na identidade.

Um ser inferior, uma alma sofredora, pode indicar seu estado civil, que são indicações precisas; mas espíritos cultos fazem melhor, eles colaboram com nossos esforços. Os membros falecidos da Sociedade de Estudos para Pesquisas psíquicas fazem esforços visíveis, no além, para prestar, de tempo a tempo, seu concurso aos antigos colaboradores. O filho de Sir Olivier Lodge provou sua identidade, o filho de Conan Doyle provou sua identidade, e quantos livros sérios foram consagrados ao estudo de provas semelhantes.

À modalidade de fenômenos se objeta a impossibilidade para a alma mover um corpo. Mas essa ação não é necessária; não é preciso dizer que o médium opera em virtude do seu corpo astral exteriorizado, mas pela comunhão telepática que une todas as almas entre si, ou que cria uma possibilidade de união. Isto é, que se eu estou num certo estado de relação com uma pessoa distante, eu posso provocar nela, certos automatismos. Essa pessoa escreverá sob meu ditado se ela for sensitiva e automática; se ela é um médium de mesa meu pensamento se exprimirá por suas atividades próprias; não haverá, aí, senão um certo estado de relação entre duas almas das quais uma é ativa e a outra passiva.

Isto é dizer que os seres espirituais não podem fazer a mesma coisa? Deus não tem mensageiros capazes de agir sobre a matéria? Seria absurdo negá-lo. Não é Deus em pessoa que toca os sinos, que abre as fechaduras, que faz cair os laços de São Pedro; nós cremos, em vez disso, que os anjos intervêm sob formas que excedem os poderes do homem, mas que não excedem em nada as possibilidades da Natureza. A telepatia age à distância, ela pode inspirar cérebros, pode acionar automatismos e é por experiências de vivos a vivos que nós podemos adquirir a certeza absoluta da atividade de uma força estranha na manifestação da mediunidade.

Aos que objetam que se pode verificar a ação de uma força estranha de agente a paciente, isso nunca será verificável entre vivos e desencarnados. A isso nós respondemos que o conteúdo de uma mensagem pode aí bastar; é quando ela revela o que o médium não pôde conhecer. E como não há resposta possível, vão procurar a hipótese inviável do subconsciente onisciente, onipresente, que revistaria no passado, no presente e no futuro, o que lhe permitisse atuar na comédia, não mais de uma personalidade fictícia mas de uma personalidade real, da qual ela copia a assinatura, da qual ela utiliza as lembranças e os conhecimentos e mesmo o padre Mainage não recua diante da necessidade de recorrer a um argumento do qual não acredita em nenhuma palavra. – Esquecemos, diz ele, que, na doutrina do espiritismo, esse corpo astral atualmente reencarnado viveu centenas de existências anteriores? Ele pôde ser, conforme as épocas, mago do Oriente, filósofo de alta linhagem, rei, imperador... No curso de seus inumeráveis avatares, pôde ser para ele, também, tanto que não importa qual o espírito do contexto, armazenar um tesouro de conhecimentos.” É picante ver o autor, que não crê em nenhuma palavra de doutrina reencarnacionista, se apoiar nela. Se o argumento tem algum valor, contra os espíritas, e não tem nenhum para si mesmo, não vale dar e negar. Concordemos, entretanto, que o raciocínio tenha valor; ele é com efeito muito difícil de estabelecer uma prova de identidade, não sendo o absoluto desse mundo. Mas, o clérigo jamais pensou em invocar esse argumento contra a identidade das almas do purgatório, que se manifestam tão freqüentemente, ele não tem por isso o

direito de se mostrar tão exigente. Vamos, então, procurar na literatura piedosa e, deixando de lado o espiritismo contestado pelo padre Mainage, vamos nos apoiar nos fatos espíritas mais ortodoxos. A nós santa Filomena.

Santa Filomena era uma entidade do além, inteiramente ignorada antes do século XIX. Foi tornada santa pelo que ela produziu, na ordem física, esse gênero de manifestações que se crêem miraculosas e das quais seria impossível contestar o caráter espírita. O papa Gregório XVI autorizou o culto público em 1837.

Tratava-se, aí, de uma manifestação muito rara e muito superior aos pequenos fenômenos que não têm senão valor experimental, mas o processo é sempre o mesmo; foi preciso que a entidade desconhecida pulsasse, primeiro, no plano etérico os elementos do corpo astral que lhe era necessário para se manifestar. Foi preciso, em seguida, o anonimato, pois uma personalidade qualquer, tal como um apóstolo, ou um grande santo, jamais teria podido se fazer aceitar. A potência em questão, agarra, então, a ocasião de pôr às claras uma pedra do túmulo de santa Filomena, achada ao longo das escavações feitas em Roma nas catacumbas de santa Priscila, para se manifestar. Esses foram os primeiros pequenos fenômenos luminosos que se notou, se desprendendo do sangue seco numa ampola, e que davam a impressão de ouro, de rubi, de esmeralda..., etc. A transferência do corpo em um relicário foi a ocasião de um segundo fenômeno espírita, o de objetos se tornam pesados e leves. O relicário imobilizado sob os esforços de vários homens conseguiu tornar-se, em seguida, leve como uma pluma.

Chegado ao destino os milagres continuaram; o corpo foi deslocado no relicário, constataram-se transportes e modificações da matéria, uma estatueta encerrada em uma caixa que tinha oito palmos de largura, passava sem estorvo por um recanto que media somente três, e sem que os portadores se apercebessem... Mas a analogia, com os fenômenos espíritas, é mais impressionante ainda nos transportes e nas aparições. A multidão de espectadores estava encantada diante das transfigurações da

maquete de cera que representava a santa; e para me servir de um termo novo um verdadeiro ectoplasma se formava à frente da figura de cera, se animava, compunha um rosto de uma beleza celeste passando, segundo as circunstâncias, pelas expressões da benevolência ou da severidade. Ouvia-se abrir ou fechar os olhos, fenômeno bem conhecido dos espíritas, ou ainda uma luz exterior clareava seu rosto na obscuridade. Suas pequenas imagens se destacavam das paredes ou ficavam penduradas, elas mesmas se sustentavam em uma posição de equilíbrio.

Essas simples manifestações não podiam ter por objetivo senão encantar as imaginações, e o entusiasmo levantado por esses meios colocava à disposição da santa as forças mediúnicas dos fiéis que estavam presentes e cujos elementos plásticos (*corpos etéreos*) podiam fornecer a substância. Mas pensa-se que a santa não tinha vindo para divertir o público por esses jogos dignos dos espíritas amadores. Ela tinha uma missão muito maior, mas era preciso começar por se fazer conhecer.

Na intimidade, ela afirmou sua identidade a três pessoas diferentes (*correspondências cruzadas*), ela se fez conhecer também ao cura d'Ars e a outros, mas, de sua obra oculta não diremos uma palavra, não querendo ficar ao lado da mística.

A primeira menina batizada com o nome de Filomena foi visitada por ela e, cada noite, o véu que cobria a criança foi achado, de manhã, suspenso e cuidadosamente dobrado. Quando se reabriu o relicário, o corpo da santa crescia, ao ponto de os cabelos, devido a um mudança de postura, deixaram aparecer um vazio deselegante; uma abundante multiplicação de cabelos de seda completava essa lacuna. Citam-se, diz ela, várias aparições para as quais ela parece se mostrar em visão corporal (*materialização*).

Porém, o mais maravilhoso fenômeno espírita, e o mais autêntico, a menos de uma impostura por parte das testemunhas, foi o fenômeno de aportes pela multiplicação de livros e de imagens.

Don Francesco que se passava como o apóstolo mais zeloso da santa não podendo dar ao bispo de Lucera, o número de imagens solicitadas, assegura que santa Filomena trouxe trezentas dessas, mais belas que o original.

Mas a multiplicação dos livros se operou quase sempre mesmo entre as mãos de Don Francisco. Após a segunda edição da *Relação Histórica* expediam-se livros sem que a pilha diminuísse. Para acompanhar o fenômeno mais de perto, do Francisco fechou a porta à chave e, no retorno, encontrou o assoalho coberto de livros em número de sessenta e dois. Ele fechou outra vez, e tendo ouvido um grande barulho, pôde constatar uma nova multiplicação. Dessa vez, os livros tinham sido depositados, com intenção, de pé sobre o assoalho, a lombada aberta, outros exemplares se mantinham horizontalmente sobre o encosto das cadeiras, outros sobre as travessas. As coisas foram deixadas nesse estado durante várias semanas para que uma multidão de pessoas pudesse contemplá-los. Em Nápoles, outros possuidores de exemplares obtiveram o mesmo fenômeno. Enfim, o milagre se repetiu com a terceira edição, Don Francisco constatou, um dia, um aporte de 236 volumes, e, durante mais de um ano inteiro, seu depósito pareceu inesgotável.

Seria isso, aí, espiritismo sem espíritos? O que se tornaria, então, a autoridade eclesiástica que aprovou esses fatos.

Podem me dizer que essa aprovação do culto não provoca, necessariamente, a crença em todos os fatos. Mas a questão não está aí. É preciso responder aos teólogos que defendem a impossibilidade científica e o absurdo teológico das ações da alma sobre a matéria; e eu lhes respondo que, se fosse, aí, um absurdo teológico, os autores piedosos não nos falariam dessas coisas com a aprovação do papa Gregório XVI. Santa Filomena morreu há mil e quinhentos anos; ela se fez conhecer, a nós, pelo processo por nós conhecido. Ela reproduziu a série completa dos fenômenos espíritas, é aí o lado acessório e secundário de sua missão, mas, é um argumento *ad hominem* contra o que negam a possibilidade dessas coisas.

Para nós, não cremos em santa Filomena por outras razões; mas, sabemos por experiência das casas mal-assombradas, que podem ser feitos aportes consideráveis por espíritos, e mesmo entrevemos uma explicação possível dessa ação da alma sobre a matéria.

Sendo o mundo primordial de essência espiritual, tudo vem da alma e tudo leva à matéria. A consciência de santa Filomena reside no plano espiritual, ela se manifesta em um corpo astral que ela teve que revestir momentaneamente para agir sobre projeções etéreas. O corpo etéreo é a parte móvel e exteriorizável do organismo humano que suscetível de tomar todas as formas e de se adaptar aos efeitos que se deseja produzir no plano físico, essas formas são invisíveis mas podem adquirir uma certa visibilidade. Elas são visíveis nas materializações parciais que nós encontramos entre os santos Martinho, Catarina de Siena, Rosa de Lima, santa Filomena, etc., não vedes as manifestações espíritas com um olhar severo sob o pretexto de que elas seriam menos belas, isto explica aquilo.

Hoje, santa Filomena não existe mais no plano físico, porque, o que quer que diga o padre Mainage, a Alma não é indissolavelmente unida ao corpo astral. O espiritismo honra essas almas distantes, mas não é senão junto a mortos recentes que ele procura e recolhe manifestações, e não é pouco senão em seu túmulo que mesmo os santos se manifestam por milagres de ordem física.

A história dos santos é uma mina de documentos, o espiritismo é um meio de experimentação; que nos deixem estudar essas manifestações exteriores; elas não podem ser o monopólio da Igreja que jamais compreendeu nada. A prova disso está na maneira como ela interpretou as vozes de Joana d'Arc; ela reconhece hoje seu erro e não a censuramos as coisas do passado, mas nós reclamamos sua indulgência. Santa Joana d'Arc e santa Filomena são espíritos do além-túmulo que os espíritas tomam por patronos, elas são muito capazes de promover a união sagrada, de conciliar o ponto de vista científico e o ponto de vista religioso, na condição de que os senhores teólogos não venham, com sua casuística,

inventar obstáculos imaginários.

Conclusão

A Religião, a Ciência e todos os observadores sérios estão, enfim, de acordo para aceitar a realidade de uma ordem de fatos que eram ridicularizados outrora, mas que não são mais negados hoje. Quisemos demonstrar que quaisquer que sejam os preconceitos, uma primeira conclusão se impõe: os fatos maravilhosos atribuídos a Deus, aos profetas, aos santos e aos médiuns não levam, em si mesmos, nenhum caráter distintos de sua origem; sejamos então unânimes em afirmar que eles são reais; não é somente útil fazer esse acordo, é de toda necessidade que as massas indiferentes entendam essa afirmação e que não tenham mais dúvida a esse respeito.

Um trabalho sintético, que eu fiz foi somente esboçar, permitir se pronunciar sobre o verdadeiro caráter desses fenômenos, sempre idênticos na sua aparência exterior, qualquer que seja o estado do espírito, as opiniões e as crenças dos observadores e das testemunhas.

Atrair a atenção do clero sobre o estudo científico do milagre, sobre as vantagens do movimento espírita, que contém em si um novo elemento de fé e de esperança, com a caridade por dogma, é uma empresa quimérica ou temerária?

Não dissimulamos os obstáculos. O Espiritismo se depara com os sentimentos dos que a quem é antipático porque ele traz sobre seus ombros o peso de cerca de um século de escárnios e mentiras. Um escrúpulo irrefletido retém ainda os que se apegam, desesperadamente, ao passado, e que crêem manter toda a tradição. Mas a revelação não é uma coisa que se encontrou na origem do mundo e que nos foi transmitida de pai a filho através da noite dos tempos; ela é a expressão intuitiva das melhores inteligências e da santidade de todos os tempos, e os que

souberam ter sobre os povos o ascendente que se agarra a toda superioridade moral derramaram suas luzes sobre o mundo.

Há na Igreja, padres à altura de todas as ciências, astrônomos e matemáticos distinguidos, por que não haveria padres psiquistas, metapsiquistas e mesmo espíritas. Existem, nós conhecemos, os que prestam a esses problemas toda a atenção que eles merecem, mas não podem trabalhar às claras.

Não precisaria, entretanto, sofrer um defeito moral, negando o que será provado amanhã; é preciso manter-se à altura do progresso que vai se fazer na ciência da alma; não creiais que tudo será perdido porque haverá alguma coisa mudada nas formas de linguagem por muito antigas, isso não toca a essência da religião. Deixai à alma o que pertence à alma e à matéria o que pertence à matéria; deixai-nos estudar o corpo da alma no que toca à fisiologia. Deixai-nos estudar o Perispírito.

Seja o que for que vós quiserdes, a alma não pode sobreviver sem esse órgão. Isso não lhe tira seu prestígio divino. Não podemos conhecer Deus senão em suas obras, a natureza é sua linguagem que nós precisamos decifrar lentamente. Não teremos jamais outra certeza senão a adquirida por nós mesmos. Tal é o valor dos fatos que, em nossos dias, convertem os sábios fazendo tocar o dedo no nada de suas teorias biológicas. Somos nós, espíritas, que lançamos abaixo de seu pedestal os ídolos do dia, refleti no que vós fazeis nos combatendo.

Os fatos cientificamente constatados no domínio do espiritismo, os movimentos de objetos sem contato, as levitações, as manifestações multiformes de música transcendental, a escrita automática, as ações sobre a matéria são idênticas ao que se chamava outrora de milagre, e têm o mesmo valor prático. Eles não têm, para vós, a mesma aparência, porque os fatos históricos, os da Bíblia e os da vida dos Santos, foram magníficos nas obras de arte que se impuseram a vossas imaginações; mas a realidade era mais prosaica, Deus não se manifesta fora de suas próprias leis, elas bastam a tudo e devemos trabalhar para melhor conhecê-las.

Elas são ignoradas dos homens porque ficaram escondidas no mecanismo do mundo, mas são elas que determinam as correntes psíquicas, que se revelam a nós pelo intermédio das forças angélicas, humanas, ou animais; são elas que se estendem até a matéria, onde provocam o movimento e a vida, esperando que o ser individualizado, que a alma assim criada suba, passando por formas sucessivas, até ao ponto onde a consciência desperta, que ela progride na sua liberdade para atingir um estado de identificação sempre mais próximo da divindade.

O que a religião não pôde nos mostrar com certeza, a ciência da evolução nos ensinará; é preciso ensinar aos homens esse movimento ascensional dos seres, que a doutrina espírita mostra, com tanta lógica e evidência.

Aliás, nós também, nos apoiamos no evangelho; e vemos que o cristianismo tira seu prestígio de um magnífico passado de fenômenos aos quais se tinha cessado de crer e que hoje reabilitamos.

Jesus jamais se manifestou fora das leis, já que ele diz que, o que ele fazia, nós mesmos poderíamos fazer.

Para sua obra de redenção, ele seguiu a lei do desenvolvimento e da progressão orgânica; incorporou-se e ficou nove meses no seio de uma mulher, e vemos que ele morreu, como nós, pela ação lenta do desprendimento perispiritual.

Tudo isso sobressai claramente do exame dos textos. Três dias após sua morte, ele diz a Maria Madalena que não tinha ainda subido para seu Pai. Esta não o vê senão em visão provavelmente subjetiva; é porque ele não se materializou que ele a avisou para não tocá-lo (João, XX, 17). Entretanto, Mateus supõe que as duas Marias lhe abraçaram os pés (XVIII, 9).

De acordo com São Marcos, ele apareceu aos discípulos *sob uma outra forma* (XVI, 12), essa nova forma indica, evidentemente, uma adaptação às contingências do momento, à oportunidade dos lugares e dos

temperamentos. Aos onze, ele censura seu ceticismo; e é nessa circunstância que vemos que os apóstolos conheciam bem os fenômenos de visão e de aparição pois, no mesmo momento onde eles acabavam de proclamar sua fé na ressurreição, Jesus lhes aparece; e eles duvidam dizendo: Não, é somente um espírito. – Mas, Jesus está bem materializado: Um espírito não tem carne, nem osso, como vós vedes que eu tenho. E, malgrado isso, eles não creram ainda (Lucas, XXIV, 39). Eis o que se parece, de uma maneira impressionante, com o ceticismo de nossos doutores na Sorbone e a incredulidade de nossos teólogos, em presença de nossas materializações.

Esses testemunhos, da Bíblia, vêm nos provar que o fenômeno não era sempre de uma visibilidade perfeita, suas modalidades variam, Jesus passa através das portas fechadas no décimo primeiro dia após sua morte (João, XX, 19, 26), com os discípulos de Emaús a visibilidade é tão perfeita que mesmo estes não têm idéia de uma aparição; eles a constatarem somente quando ele esvanece.

Bem, eis aí! Todas proporções guardadas, o gênero de fenômeno que o espiritismo se esforça para dar crédito. Nós pretendemos fazer admitir pela Academia de Ciências a possibilidade das materializações, das exteriorizações e das bilocações do ser humano, assim como o fato da passagem da matéria através da matéria; é uma prodigiosa audácia, mas isso será uma questão de tempo e perseverança. Pretendemos agir, sobre o ceticismo de nossa época, de outra maneira diferente dos sermões. Dessa maneira, não invadimos em nada o domínio dos pregadores, conduzimos a incredulidade desarmada, cabe a eles exercer seu ministério como entenderem.

É preciso renunciar aos milagres fantásticos que não edificam mais nossos contemporâneos e que não conseguem nada sobre o ceticismo. Que esses senhores do clero nos desculpem, mas nós podemos lhes predizer com certeza que, se eles não aceitam o milagre moderno, não conseguirão reabilitar o milagre antigo. O maravilhoso científico fará compreender o dinamismo do milagre, e este ganhará em certeza o que ele perde em

grandeza lendária.

Nos primeiros tempos da Igreja, essa prova direta era universalmente admitida; os mortos saíam do céu, do purgatório e do inferno; respondiam às evocações dos bispos e dos concílios ou, mesmo ressuscitavam a seu apelo. A questão, aqui, não é mais saber se os milagres enormes, admitidos nos processos de canonização, devem ser aceitos cegamente, é saber se a Igreja ousará declarar escandalosos, e mesmo impossíveis, fatos que ela aceitava na origem.

Não temos, sobre esse passado, senão testemunhos enfraquecidos que se permitiram acreditar exagerados e embelezados. É impossível defendê-los contra a crítica, mas que nova luz e que bela esperança se nós podemos sustentar à face de todos, experimentalmente controlados, cientificamente e moralmente certos, fenômenos de mesma natureza que os que são a base dessas piedosas lendas. Os materialistas que viram e tocaram tremeram, sua mentalidade mudou totalmente, salvo os casos onde são cegos por orgulho e sua bastança. Nesse caso a obstinação se confina à má fé, e nós temos o direito de nos admirarmos quando vemos membros do clero, oradores de talento, se apoiarem neles, mesmo para nos combater e vir, em nome de uma ortodoxia douda, reforçar o materialismo na obra de negação. **Fim**

